

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**VELHICE “BEM-SUCEDIDA”? UMA GENEALOGIA DOS SENTIDOS SOBRE O
ENVELHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE**

Vanessa Santos de Freitas

Brasília
2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**VELHICE “BEM-SUCEDIDA”? UMA GENEALOGIA DOS SENTIDOS SOBRE O
ENVELHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE**

Autora: Vanessa Santos de Freitas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em comunicação.

Brasília, fevereiro de 2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Velhice “bem-sucedida”?

Uma genealogia dos sentidos sobre o envelhecimento na contemporaneidade

Autora: Vanessa Santos de Freitas
Orientadora: Profa. Dra. Fabíola Orlando
Calazans Machado

Banca examinadora:

Profa. Dra. Fabíola Orlando Calazans
Machado - UnB
Orientadora

Prof. Dr. João Freire Filho - UFRJ
Avaliador - Membro externo

Dra. Marianna Ferreira Jorge - UFF
Avaliadora - Membro externo

Profa. Dra. Gabriela Pereira de Freitas -
UnB
Avaliadora - Suplente

Sv

Santos de Freitas, Vanessa
Velhice "bem-sucedida"? Uma genealogia dos sentidos
sobre o envelhecimento na contemporaneidade / Vanessa
Santos de Freitas; orientador Fabíola Orlando Calazans
Machado. -- Brasília, 2022.
141 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Comunicação) --
Universidade de Brasília, 2022.

1. Velhice. 2. Genealogia. 3. Subjetividade. 4. Moral.
5. Discurso. I. Orlando Calazans Machado, Fabíola, orient.
II. Título.

Agradecimentos

A presente dissertação de mestrado é fruto de uma jornada de aprendizado que só foi possível pelas contribuições de uma rede de apoio presente ao longo de todo o período de pesquisa. Foram inúmeros momentos de amparo teórico, institucional e afetivo fundamentais para que esse projeto fosse concluído em tempos tão incertos. A todos que fizeram parte dessa trajetória, devo meu imenso agradecimento.

À Profa. Dra. Fabíola Calazans, minha orientadora de longa data, pela inspiração, motivação, generosidade e amizade que me despertaram para a trajetória acadêmica. Agradeço pelos encontros, debates, ensinamentos e pela leitura sempre atenciosa com contribuições fundamentais para essa pesquisa. É um privilégio imenso ser sua orientanda e refletir sobre o mundo contemporâneo com você. Muito obrigada por tudo.

Aos membros da banca de defesa de mestrado, Prof. Dr. João Freire Filho, Dra. Marianna Ferreira Jorge e Profa. Dra. Gabriela Pereira de Freitas, por aceitarem meu convite. Agradeço pela oportunidade e disponibilidade para a leitura e avaliação da minha pesquisa. Não posso deixar de agradecer os membros da banca de qualificação de mestrado, Dra. Marianna Ferreira Jorge e Profa. Dra. Claudia Sanz, cujos questionamentos e contribuições foram fundamentais para o percurso desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília e a Faculdade de Comunicação, por proporcionarem o acolhimento e a estrutura necessárias para o desenvolvimento desse projeto. Aos funcionários da secretaria de pós-graduação pelo atendimento atencioso e apoio institucional. Em especial as pesquisadoras Dra. Fernanda Martinelli e Ma. Angélica Fonseca, pelo estímulo e incentivo para cursar o mestrado. À Universidade de Brasília, por ser esse espaço vivo de pensamento que me proporcionou oportunidades para o desenvolvimento da minha trajetória acadêmica.

À minha família, pelo apoio infindável em todo o processo. Aos meus pais, Janete e Marcos, pela inspiração, amor, suporte e motivação para que eu realizasse esse sonho. Vocês sempre vão ser a minha inspiração. Ao meu irmão, Miguel, pelo

apoio e carinho nessa trajetória. Independentemente da distância, vocês estão presentes em cada linha dessa pesquisa.

A Lucas, meu amor e companheiro de todas as horas, meu agradecimento por todo o apoio durante esse processo, pelas conversas e reflexões para essa pesquisa. Obrigada por estar presente e me acolher nos momentos de angústia e exaustão, e também pelos momentos de leveza, risadas e descontração fundamentais nesse período.

Aos meus queridos amigos, por todo carinho e apoio. À Marina Galerani, meu imenso agradecimento pela leitura, revisão, paciência e animação com este projeto. À Fernanda Dias, pela amizade, partilha, carinho e ajuda na tradução. À Beatriz Dias, pela amizade, carinho, apoio e pelas infinitas conversas que aquecem o coração. À Luciana Parca, minha sogra querida, por toda a ajuda e carinho. À Hanna Guimel, Carla Almeida, Maurício Estrela, Natália Raso, Duda Szochalewicz, Malu Medella e Leire Vattimo pela amizade, acolhimento e carinho ao longo desse caminho.

Há casos em que a velhice dá não uma eterna juventude mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravesse as eras.

Gilles Deleuze e Félix Guattari

RESUMO

Nesta dissertação, buscou-se investigar de que forma o discurso do envelhecimento “bem-sucedido” está imbricado por moralidades que incidem sobre a produção de subjetividades contemporâneas. Observa-se a proliferação midiática da temática da velhice “bem-sucedida” como um modelo que agencia o “sucesso” nos aspectos da saúde do indivíduo, na sua felicidade, na sua capacidade de autonomia e na sua atitude enquanto sujeito ativo. Esse modelo de envelhecimento é estimulado, a uma lógica relacional entre vetores biopolíticos contemporâneos da mídia, mercado e tecnociência. Para investigar como o discurso da velhice “bem-sucedida” se configura, recorreu-se à perspectiva genealógica de Foucault para analisar as condições de possibilidade do discurso da velhice “bem-sucedida” como um discurso com efeitos de “verdade” na contemporaneidade, de modo a compreender as tensões e os jogos de verdade que estão imbricados a essa temática. Desse modo, a análise constitui-se de imagens com fontes diversas, que operam como sintomas de uma conjuntura contemporânea e que podem auxiliar na compreensão dos modos de ser e estar dos sujeitos velhos hoje. A partir da investigação, foi possível constatar que o discurso moralizante da velhice “bem-sucedida” é operado por meio de biopolíticas e processos de subjetivação, os quais configuram e reforçam a visibilidade de uma velhice merecedora e digna de sucesso. Desta maneira, o modelo de velhice “bem-sucedida” opera como efeito-instrumento de uma racionalidade neoliberal que estimula certas formas de ser e estar do mundo contemporâneo. Por fim, entende-se esse modelo de velhice como um sintoma dos tempos atuais, e portanto, relevante de ser problematizado.

Palavras-chave: Velhice; Genealogia; Subjetividade; Moral; Discurso.

ABSTRACT

In this dissertation, we aimed to investigate how the discourse of "successful" aging is permeated by moralities that affect the production of contemporary subjectivities. It is observed in media announcements focused on the theme of a "successful" old age as a model that promotes "success" in aspects of the individual's health, happiness, autonomy, and attitude as an active subject. This model of aging is encouraged, assumed, and proposed according to the relation between media, market, and technoscience. To investigate how the discourse of the "successful" old age is configured, we resorted to Foucault's genealogical perspective to analyze the conditions of possibility of the "successful" old age discourse as a "true" discourse in contemporaneity, in order to understand the tensions and the games of truth that are imbricated to this theme. Based on the research, it was possible to verify that the moralizing discourse of a "successful" old age is operated through biopolitics and subjectivation processes, which configure and reinforce the visibility of a deserving and successful old age. In this way, the model of a "successful" old age operates as an instrument-effect of a neoliberal rationality that stimulates certain processes of subjectivation. Finally, this model of old age is understood as a symptom of current times, relevant to be problematized.

Key Words: Old age; Genealogy; Moral; Subjectivity; Discourse

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Arco da “felicidade”	21
Imagem 2: Ages of Man, autor desconhecido	21
Imagem 3: Um Domingo Tranquilo em Londres; ou, O Dia do Descanso, Punch, 1886	25
Imagem 4: Asilo do século XVIII	33
Imagem 5: Capa revista Istoé de 2011	52
Imagem 6: Vídeo “É tempo de decidir: Como você quer envelhecer?”	62
Imagem 7: Postagem em rede social sobre o currículo.	85
Imagem 8: Pôster de divulgação do filme “Tempo”	92
Imagem 9: A “fonte da juventude” em Cocoon	108
Imagem 10: Protestante defende “sacrificar os fracos” nos Estados Unidos da América	116

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	12
MODERNIDADE E VELHICE: DA EMERGÊNCIA À MORTE SIMBÓLICA	21
1.1 O curso de vida moderno	22
1.2 Confinamento da velhice nos dispositivos disciplinares	29
1.3 Biopolíticas e a velhice como um problema social	39
VELHICE CONTEMPORÂNEA: DA TERCEIRA IDADE À VELHICE “BEM-SUCEDIDA”	52
2.1 Sentidos do envelhecer “bem” na contemporaneidade	52
2.2 “Como você quer envelhecer?”: a moral da velhice “bem-sucedida”	61
2.3 Velhice e a jornada do empreendedor de si	76
AS FALÁCIAS DO DISCURSO DA VELHICE “BEM-SUCEDIDA”	89
3.1 Tirania do mérito: os cinismos da velhice “bem-sucedida”	89
3.2 As ambições fáusticas do “extermínio” da velhice	98
3.3 Velhice e Covid-19: Gestão da morte e da vida na pandemia	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	131

INTRODUÇÃO

Pistas para compreender a velhice na contemporaneidade

Esses esforços não têm como objetivo criar características físicas que ainda não existam naturalmente. Trata-se de aumentar a prontidão de nossas forças para a missão, melhorando as características de desempenho que normalmente diminuem com a idade.

Tim Hawkins, porta-voz do Comando de Operações Especiais das Forças Armadas Americanas (SOCOM)

O depoimento acima refere-se a um experimento que será realizado a partir de 2022 com soldados estadunidenses, que testarão uma pílula possivelmente capaz de retardar os efeitos do envelhecimento. Conforme a fala de Tim Hawkins, o objetivo do estudo é aumentar o desempenho dos soldados para que fiquem saudáveis e operem com capacidade máxima por mais tempo (ISTOÉ DINHEIRO, 2021). A expectativa dos membros da SOCOM é que a pílula seja capaz de retardar o envelhecimento e prevenir o aparecimento de lesões, o que é apontado como uma “mudança incrível” por Lisa Sanders, diretora de ciência e tecnologia da instituição.

Uma das justificativas para o estudo é que atividades de alto risco precisam de uma compensação maior, que vá além da financeira (VEJA, 2021). Dessa forma, a capacidade de retardar o envelhecimento seria uma espécie de “bônus” aos soldados e também um atrativo para fazer com que mais pessoas se alistem nas Forças Armadas Americanas, visto que retardar o envelhecimento poderia ser percebido como um benefício para essas pessoas, algo que motivasse o alistamento para uma carreira que exige um treinamento intenso e que insere os soldados em condições adversas.

Essa reportagem pode ser associada à obra *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (2016), do pesquisador Jonathan Crary, que aborda um estudo realizado pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América com uma ave que seria capaz de ficar acordada por sete dias durante os períodos de migração. O intuito desse estudo era criar um medicamento capaz de induzir a um “soldado sem

sono”, apto a ficar uma ou até duas semanas sem dormir, mantendo um alto nível de desempenho físico e mental.

O autor utiliza essa imagem para problematizar o ritmo de funcionamento 24/7 (vinte e quatro horas por dia durante sete dias da semana) do capitalismo; um funcionamento contínuo e ilimitado de produção, consumo e descarte, que “reorganiza” a vida humana e suas características biológicas ao modo de funcionamento ininterrupto dos mercados. Assim, induz-se a um modelo de desempenho de máquina em que características humanas como o cansaço, o sono e também o envelhecimento são vistas como “fragilidades” e “ameaças” ao modo de funcionamento que exige desempenho máximo dos indivíduos.

Os dois estudos apresentados possuem o intuito de realizar os experimentos dos medicamentos para que, posteriormente, estejam disponíveis para a sociedade civil. Da mesma forma, outras “inovações” foram utilizadas em períodos de guerra e, atualmente, são itens presentes no cotidiano das pessoas. Crary aponta que o “soldado sem sono” seria o precursor de um trabalhador ou consumidor “sem sono”. O mesmo pode ser pensado para o experimento de retardar o envelhecimento, que visa produzir trabalhadores e consumidores “eternamente jovens”.

Uma das problemáticas interessantes de se investigar é que as notícias dos veículos Istoé Dinheiro (2021) e Veja (2021) evidenciam esses estudos com um certo entusiasmo, bem como a opinião do público em comentários. Afinal, com menos horas de sono, seria possível passar mais tempo em atividades de lazer ou com a família, assim como viver mais tempo mantendo um estado corporal e com uma capacidade alta de produtividade é algo desejado por muitos. Essas narrativas são apresentadas de forma sedutora e, muitas vezes, cristalizadas no senso comum na sociedade contemporânea, sendo necessário um esforço para diagnosticar como os sentidos são construídos historicamente e ganham efeitos de verdade. A presente pesquisa esforça-se para esse diagnóstico e problematização dos sentidos atribuídos à velhice contemporânea ocidental, principalmente a partir do modelo de envelhecimento “bem-sucedido”, cuja lógica ainda está em curso e em disputa.

Ao mesmo tempo em que há um empenho de diversas empresas e de biotecnólogos para o desenvolvimento de estudos capazes de retardar ou até por um “fim” ao envelhecimento, também observa-se uma proliferação discursiva acerca

do envelhecimento com uma maior visibilidade desses sujeitos, que estão presentes em filmes, séries, publicidades, dentre outros produtos midiáticos. Emergem diversos termos para referir-se ao envelhecimento, como “envelhecimento saudável”, “envelhecimento ativo”, “melhor idade”, “terceira idade”, “envelhecimento empoderado” e “envelhecimento bem-sucedido”. Tais denominações não deixam de ser eufemismos criados a fim de afastar os sentidos pejorativos historicamente construídos e amalgamados às palavras como idoso e velho¹.

Nessa pesquisa, entende-se a velhice “bem-sucedida” como um modelo hegemônico propagado midiaticamente e que sintetiza sentidos dessas outras denominações. Esse modelo de velhice agencia o “sucesso” nos aspectos da saúde do indivíduo, na sua felicidade, na sua capacidade de autonomia e na sua atitude enquanto sujeito ativo. Sendo assim, um modelo de velhice que envolve “desempenho” de “alta função” física e cognitiva. Para atingir esse modelo de envelhecimento, os sujeitos são estimulados a uma série de cuidados com a alimentação e saúde, uma rotina de exercícios físicos regulares e a manutenção da sua capacidade produtiva, seja trabalhando ou em alguma atividade de lazer.

De modo geral, o sujeito é estimulado a gerir riscos ao longo da sua vida, sendo ele levado a se ver responsável pelo seu “projeto” de envelhecimento. Esse processo de responsabilização do indivíduo acerca da sua velhice fica evidente em falas como “a longevidade é o resultado de uma soma de decisões acertadas ao longo da vida” (G1, 2020), que aponta a velhice como uma operação matemática que depende somente da escolha de cada um para alcançar uma velhice “bem-sucedida” ou não.

Dessa maneira, discursos acerca da velhice são preponderantes na contemporaneidade. Segundo dados do Google (2019), uma pesquisa sobre envelhecimento foi realizada a cada dois minutos em 2018 no Brasil. Uma das justificativas para a visibilidade do tema é atribuída a dados de envelhecimento da população, visto que, até 2050, estima-se que o número de pessoas acima de 60 anos deverá dobrar mundialmente (ONUBR, 2020). O cenário do Brasil é destacado

¹ Nessa pesquisa, utilizou-se termos como “idoso” e “velho” para referir-se a sujeitos com idade igual ou superior a 65 anos. Os termos foram utilizados sem qualquer julgamento de valor, exatamente porque deseja-se suspender as verdades dispostas nas coisas e nas palavras, a fim de avançar para um outro sentido possível, capaz de gerar mais vida.

como o mais acelerado em relação aos outros países. Atualmente, a expectativa de vida de um brasileiro é de 76 anos, idade que corresponde a mais 30 anos de vida em comparação a 1940 (G1, 2018).

Embora os números tenham destaque, não devem ser tomados como o único fator ou fator predominante para a visibilidade de um modelo de velhice na contemporaneidade. Outro elemento que ressalta a importância dessa temática e que impactou diretamente a presente pesquisa foi a pandemia de Covid-19, fatal principalmente para os idosos nos países das Américas. No Brasil, 76% das mortes relacionadas à Covid-19 durante 2020 ocorreram entre pessoas com mais de 60 anos (ONUBR, 2020). Além disso, no estudo "*Global AgeWatch Index*²" (2015), o Brasil foi apontado como um dos piores países da América Latina para envelhecer, ficando em 56º lugar no ranking mundial.

A conjuntura apresentada demonstra a importância e a urgência de se problematizar os sentidos do envelhecimento no mundo contemporâneo. Para a compreensão da temática, é preciso entender a velhice em sua totalidade, um fenômeno simultaneamente biológico, existencial e social, conforme defendido pela filósofa Simone de Beauvoir (2018). Além disso, é importante observar os dados e a conjuntura atual com um certo distanciamento de uma naturalização e cristalização no senso comum como são apresentados. Investiga-se nesta pesquisa a noção de uma velhice "bem-sucedida" compreendida como uma sintetização de diferentes denominações como "envelhecimento saudável" e "envelhecimento ativo" que envolvem um modo de vida associados ao "desempenho" de "alta função" física e cognitiva. E, para atingir esse modelo de envelhecimento, os sujeitos são estimulados a uma série de cuidados com a alimentação e saúde, uma rotina de exercício físicos regulares e a manutenção da sua capacidade produtiva, seja trabalhando ou em alguma atividade de lazer. Assim, entende-se a noção de velhice "bem-sucedida" como um modelo de envelhecer valorizado socialmente ao ser propagado pelo mercado, mídia e tecnociência.

² Estudo criado e desenvolvido pela ONG *HelpAge International*, a partir de conjuntos de dados internacionais extraídos do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, Banco Mundial, Organização Mundial da Saúde, Organização Internacional do Trabalho, UNESCO e Gallup World Poll.

O presente trabalho dá continuidade a pesquisas acerca da velhice contemporânea iniciadas em 2017, quando realizamos uma análise de discurso investigando os sentidos conferidos à velhice na série “*Grace and Frankie*”³, produzida e disponibilizada pela Netflix⁴. Nessa pesquisa, identificamos alguns pontos interessantes que foram sintetizados na noção de “velhice performática”. Desde o período, observamos o movimento de proliferação midiática e do modelo de velhice frequentemente disseminados pela mídia, mercado e ciência. Com o intuito de investigar de que forma os modos de ser e estar dos sujeitos velhos são constituídos por valores e sentidos contemporâneos, iniciamos a empreitada dessa pesquisa.

A partir do quadro apresentado, emergiram alguns questionamentos: quais modos de ser são propostos e estimulados pela noção de velhice “bem-sucedida”? De que forma esse modelo de envelhecimento tem se tornado hegemônico na contemporaneidade? Qual recorte acerca da velhice passou a ser visibilizado midiaticamente? Como esse modelo de velhice se articula com a racionalidade neoliberal? Tendo como base essas indagações, a pesquisa se propõe a analisar a emergência do discurso do modelo de velhice “bem-sucedida”, de forma a investigar os deslocamentos nos campos da produção da verdade e dos regimes de poder contemporâneos e modernos acerca da temática.

A partir desse objetivo, é possível analisar de que modo o discurso da velhice “bem-sucedida” ganha efeitos de verdade na contemporaneidade e como opera no processo subjetivo dos sujeitos contemporâneos. Além disso, surge o questionamento: qual o propósito e a moral dessa lógica, que visa afastar cada vez mais a velhice no curso de vida humano em uma tentativa de permanecer “eternamente jovem”? Essas questões foram norteadoras ao longo de toda a pesquisa.

A perspectiva genealógica proposta por Foucault e inspirada pela leitura de Nietzsche instiga um processo metódico, paciente, que implica um demorar-se sobre os seus objetos de análise. Possui como pressuposto um olhar voltado para os acidentes, para a série de acontecimentos que produzem o que se entende como

³ Série produzida pelo serviço de *streaming* Netflix, lançada em 2015, estrelada por Jane Fonda e Lily Tomlin.

⁴ Provedora de filmes e séries via *streaming*. Site da empresa: <https://www.netflix.com/br/>.

sociedade. Assim, propõe uma desnaturalização e investigação de sentidos que são tidos como “dados”, “verdadeiros”, “cristalizados” na produção de discursos, para investigar as condições de possibilidade que permitiram a emergência de certas “verdades”.

Além disso, Foucault aponta que o gesto genealógico se afasta da análise voltada à origem dos eventos, pois o olhar está dirigido para a busca das condições de emergências, os desvios e acontecimentos que auxiliam a compreensão daquilo que compõe o ser humano, não existindo uma verdade universal, mas um solo de construção de “verdades”. Essa análise é denominada proveniência e procura colocar em xeque os conhecimentos, agitar o que é tido como “cristalizado”, mostrar a heterogeneidade no que parecia haver conformidade (FOUCAULT, 2017). Esse conceito é significativo para a presente pesquisa, uma vez que é relevante perceber a camada de valores e o solo de construção de “verdades” acerca da velhice na contemporaneidade, principalmente do modelo de velhice “bem-sucedida”.

Outro conceito relevante para o gesto genealógico é o da emergência, que diz respeito aos conjuntos de forças que constituem os acontecimentos, os discursos e as subjetividades. Essa pesquisa da emergência busca mostrar seu jogo, a maneira como se exercem as lutas, o embate. Segundo Foucault, o discurso é uma série de acontecimentos que é disputado, sendo um objeto pelo qual se luta na sociedade. É por meio do discurso que o poder opera a sua capilaridade (FOUCAULT, 2006).

Dessa maneira, o olhar genealógico se distancia das noções ontológicas dos seres, da busca pela origem e essência dos fatos. Para a genealogia, não há essência, nada é inato; os acontecimentos se constituem nas relações de forças, nos acasos e nos desvios. Ela busca analisar a produção dos acontecimentos no teatro dos procedimentos (FOUCAULT, 2017). Portanto, o gesto genealógico demonstra-se interessante para essa pesquisa, porque possibilita compreender as condições de possibilidade do discurso da velhice “bem-sucedida” como um discurso com efeito de verdade na contemporaneidade, de modo a compreender as tensões e os jogos de verdade que estão imbricados nessa temática.

Para isso, foi necessário um olhar que fugisse da noção de uma “evolução conquistada” dos modos de envelhecer na atualidade em comparação a outros momentos históricos, como um salto desencarnado na história voltada para o

“progresso”. Pretendeu-se, então, investigar o que essas formas de velhice contemporânea deixam à margem e também os seus deslocamentos de continuidades ou rupturas com outros tempos históricos.

A genealogia mira sua análise no que está próximo para dele poder se separar. Sendo assim, trata outros tempos históricos com certa suspeita, mas com curiosidade para observar as emergências e os deslocamentos de sentidos acerca dos objetos de análise. Ao analisar o que está próximo, a genealogia pressupõe uma implicação do pesquisador em sua análise, sem temer um saber perspectivo. Com base nisso, a análise traçada é composta pela nossa visão enquanto pesquisadoras acerca da temática, tendo como base um aparato de pensamento de pesquisadores interdisciplinares e a experiência subjetiva de como observamos, experimentamos e vivemos o mundo.

O modelo de velhice “bem-sucedida” é estimulada pela tríade mídia, tecnociência e mercado, que difundem uma visão moral acerca do envelhecer que divide os sujeitos velhos entre “bons” e “maus” velhos de acordo com as suas escolhas ao longo da vida. Michel Foucault (2019) apresenta a lógica de efeito-instrumento que foi relevante para a análise desse modelo de velhice. Segundo o autor, “é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta” (FOUCAULT, 2019, p. 110). Assim, os objetos são analisados a partir de uma conjuntura histórica e social em que, por exemplo, a velhice atua como efeito e instrumento dessa conjuntura, ou seja, produto e produtor de sentidos e valores. A partir disso, o modelo de velhice “bem-sucedida” opera sob a lógica efeito-instrumento, pois age como expressão e instrumento capaz de produzir e engendrar sentidos.

Essa análise dos discursos acerca da velhice contemporânea foi possível por meio de um quadro teórico fundamental para a compreensão dos modos de ser e estar contemporâneos. As obras de Michel Foucault (1999b; 2008; 2010; 2014; 2014b; 2017; 2019; 2019b) foram transversais a todos os capítulos. Para abordar a temática da velhice em diferentes tempos históricos, serviram de base as obras de: Philippe Ariès (1986); Simone de Beauvoir (2018); Joel Birman (1988; 1997; 2015);

Guita Grin Debert (1997; 1998; 2004); Stephen Katz (1996) e Georges Minois (1989). Com o intuito de compreender os modos de ser e estar contemporâneos, foram investigados os autores: Pierre Dardot e Christian Laval (2016); Paula Sibilia (2011; 2015; 2021); João Freire Filho (2009; 2010); Francisco Ortega (2008); Alain Ehrenberg (2010); Nikolas Rose (2013) e Paul B. Preciado (2020).

Além desse arcabouço de pensadores elencados acima, desvela-se nesse trabalho a escavação de um quadro diverso de discursos, composto por notícias, filmes, programas televisivos, revistas e documentos oficiais que agenciam sentidos à velhice contemporânea. Nesse trabalho, não há delimitação de um *corpus* específico de estudo, conforme aponta Foucault:

No domínio muito mais vago que estudo, o corpus é num certo sentido indefinido: não se chegará jamais a constituir o conjunto de discursos formulados sobre a loucura, mesmo limitando-nos a uma época e a um país determinados. No caso da prisão, não haveria sentido em limitar-nos aos discursos formulados sobre a prisão. Há igualmente aqueles que vêm da prisão: as decisões, os regulamentos que são elementos constituintes da prisão, o funcionamento mesmo da prisão que possui suas estratégias, seus discursos não formulados, suas astúcias que finalmente não são de ninguém, mas que são, no entanto, vividas, assegurando o funcionamento e a permanência da instituição. É tudo isso que é preciso ao mesmo tempo recolher e fazer aparecer (FOUCAULT, 2017, p. 214).

Desse modo, a análise constitui-se de discursos com fontes diversas, que operam como sintomas de uma conjuntura contemporânea e que podem auxiliar na compreensão dos modos de ser e estar dos sujeitos velhos hoje. Essas imagens operam na dinâmica de efeito-instrumento, uma vez que emergem em certa conjuntura de sociedade e, ao mesmo tempo, reforçam e estimulam certas “verdades” acerca da velhice. Portanto, essa análise é composta por uma meticulosa escavação de imagens da contemporaneidade e modernidade, que anunciam os deslocamentos e emergências de sentido nos processos subjetivos desses sujeitos.

Nos três capítulos apresentados nessa pesquisa, recorreu-se a uma estratégia de escrita em que o primeiro tópico apresenta algumas noções, imagens e conceitos que foram aprofundados nos próximos tópicos do mesmo capítulo, fornecendo um panorama geral que concede pistas do que será tratado ao longo dele. No primeiro capítulo, buscou-se fazer uma escavação em séculos anteriores para observar a emergência da velhice enquanto etapa de vida e também os sentidos atribuídos à velhice na modernidade.

No segundo capítulo, a intenção foi investigar os deslocamentos de sentidos acerca da velhice com a emergência de diferentes termos para referir-se a essa etapa de vida. Investigou-se também o processo de “cristalização” do discurso da velhice “bem-sucedida”, analisando de que forma ele é agenciado pelas relações de saber-poder contemporâneas. Por fim, no terceiro e último capítulo foram analisados os sentidos implícitos do discurso da velhice “bem-sucedida”, associando-o ao solo moral contemporâneo composto por um novo regime de credibilidade e pela predominância do cinismo em seus discursos. Assim, investigou-se o lado “sombrio” da velhice “bem-sucedida”, composto pelas ambições da tecnociência de acabar com essa etapa da vida. A gestão catastrófica de proteção da população idosa na pandemia de Covid-19 também foi tratada, analisando principalmente a conjuntura brasileira.

Com base nisso, foi possível constatar que o discurso da velhice “bem-sucedida” engendra uma gestão de si em consenso com os valores empresariais estimulados na racionalidade neoliberal. Notou-se também que esse discurso, além de agir nos processos subjetivos contemporâneos, opera de forma a “mascarar” alguns cinismos preponderantes na abordagem da temática da velhice em estudos científicos e na gestão da pandemia de Covid-19. Dessa maneira, a presente pesquisa tem o intuito de contribuir para a problematização de modos de ser e estar dos sujeitos velhos, investigando transformações e deslocamentos em curso na nossa sociedade, de forma a analisar com cautela o que estamos nos tornando e sendo estimulados a nos tornar enquanto sujeitos contemporâneos.

1. MODERNIDADE E VELHICE: DA EMERGÊNCIA À MORTE SIMBÓLICA

Imagem 1: Arco da “felicidade”⁵

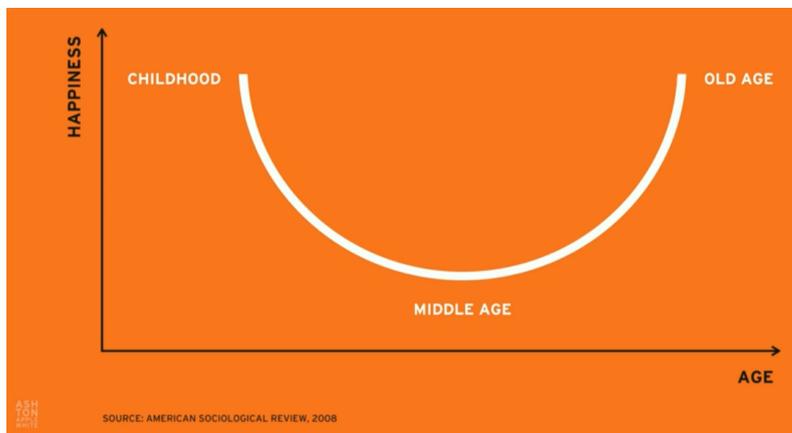


Imagem 2: *Ages of Man*, autor desconhecido⁶



As imagens acima remontam diferentes temporalidades históricas. A primeira é parte de uma palestra da plataforma TED realizada em 2017, e a segunda data do século XVIII. Ambas retratam o curso da vida e agenciam a velhice de forma

⁵ Fonte: Palestra “Let’s end ageism” de Ashton Applewhite. Disponível em: https://www.ted.com/talks/ashton_applewhite_let_s_end_ageism. Acesso em 25 mai 2020.

⁶ Fonte: Public Domain Review. Disponível em: <https://publicdomainreview.org/collection/the-steps-of-life>. Acesso em 5 set 2020.

contrastante: na primeira imagem, a velhice é indicada como uma etapa de ápice da felicidade bem como a infância; a vida adulta, por sua vez, é apresentada como o estágio da vida com menor índice de felicidade. Já na imagem da sociedade moderna, as etapas da vida são agenciadas em um formato de escada, com algumas fases “ascendentes” – como a infância – e o ápice na vida adulta.

Para a velhice, resta a fase “descendente”, inclusive associando-a à morte, que aparece personificada no canto inferior direito da ilustração. Diante dessas duas imagens que agenciam sentidos tão opostos sobre a velhice, emerge a primeira inquietação dessa pesquisa: quais deslocamentos históricos e de sentido ocorreram nos últimos séculos a ponto de gerar percepções tão divergentes sobre a velhice? Entende-se que essas imagens exercem a função de efeito-instrumento em nossas sociedades: são efeitos de uma conjuntura de saberes e poderes de cada uma, além de agenciarem sentidos de felicidade ou de involução a essa etapa da vida, e são instrumentos, já que são produções discursivas que propagam e agenciam uma série de sentidos à velhice.

A partir dessas noções, procurou-se, nesse primeiro capítulo, analisar as condições de emergência da velhice enquanto uma etapa de vida com necessidades específicas, além de compreender os solos social, político e científico que a constituíram como uma fase “descendente”. Para isso, foi necessário analisar a modernidade enquanto acontecimento histórico, com suas particularidades e jogos de verdade. Após essa análise, foi possível investigar as continuidades e descontinuidades de sentidos acerca da velhice na contemporaneidade, além de examinar as condições de emergência do discurso da velhice “bem-sucedida” e de que forma essa etapa de vida é ancorada como uma produção discursiva científica e moral.

1.1 O curso de vida moderno

Investigar os sentidos relacionados ao que é ser velho na contemporaneidade implica compreender que esse objeto de estudo é constituído por uma história descontínua, atravessada por diferentes acontecimentos. O recuo genealógico à modernidade a partir da contemporaneidade ajuda a escavar esses acontecimentos

e mapear os sentidos que foram deslocados, transformados e produzidos. Para entender os sentidos da velhice na modernidade, é necessário compreendê-la tanto como efeito de um contexto sociocultural ocidental, quanto como instrumento dos modos de funcionamento que agenciam e são agenciados pela sociedade.

Michel Foucault (2000) analisa essa mudança epistêmica a partir do pensamento de Kant, que passa a inserir a questão do presente, da atualidade, em seu pensamento filosófico. Nesse momento, além de demarcar o presente, o filósofo insere-se como parte do acontecimento filosófico (FOUCAULT, 2000). Desse modo, em contraposição aos séculos anteriores, quando o conhecimento era produzido por meio de uma revelação divina, nota-se a inserção do ser humano como sujeito de produção de saber. Isso está de acordo com a noção de observador de segunda ordem⁷, abordado por Gumbrecht (1998) no livro "Modernização dos sentidos".

A inserção da atualidade no pensamento filosófico contribui para outra transformação epistemológica moderna: a temporalização. Segundo o historiador Reinhart Koselleck (2006), desde a segunda metade do século XVIII, percebem-se indícios dessa mudança de percepção em relação à temporalidade. O tempo passa a ter a função de ser um agente absoluto de mudança, que acarreta uma percepção diferente entre o passado e o futuro, sendo o presente experimentado como um tempo de ruptura e transição atravessado pelo surgimento de coisas novas e inesperadas. Em vista disso, a história passa a se realizar através do tempo.

A temporalidade do presente é atravessada pelos ideais emergentes da época de evolução e progresso presentes em projetos de nação modernos. O presente é palco da narrativa do progresso em que deve ser diferenciado do passado e potencialmente modificado pelo futuro. Em vista disso, o presente é percebido por essa aceleração do tempo como um instante curto (GUMBRECHT, 1998).

A temporalidade afeta o papel dos sujeitos na produção do tempo histórico, conforme Robespierre convoca em seu discurso sobre a Constituição revolucionária

⁷ Gumbrecht investiga as noções de modernidade em seu texto. Dentre elas, o autor aponta a modernidade epistemológica, que se refere ao processo de modernização no século XIX. Este gerou transformações nos modos de vida modernos, à medida que os sujeitos se tornaram incapazes de deixar de se observar enquanto observavam o mundo, o que Niklas Luhmann conceitua como observador de segunda ordem (GUMBRECHT, 1998).

em 1793: “é chegada a hora de conclamar cada um para seu verdadeiro destino. O progresso da razão humana preparou esta grande Revolução, e vós sois aqueles sobre os quais recai o especial dever de acelerá-la” (ROBESPIERRE, 1958, p. 69, *apud* KOSELLECK, 2006, p. 25). Baseado nesse trecho, pode-se compreender que o dever da aceleração do tempo estava nas mãos dos seres humanos. Cabia ao homem a incumbência de construir o “futuro dourado” com os valores da liberdade e felicidade (KOSELLECK, 2006).

A aceleração da temporalidade também foi percebida no cotidiano dos cidadãos do século XIX, que passaram a conviver com formas de transporte mais rápidas e com o intenso ritmo das linhas de montagem. Conforme aponta Ben Singer (2004, p. 96), “a modernidade implicou em um mundo fenomenal – especialmente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana”. Esse cotidiano caótico e acelerado reafirma a noção do presente ser tomado como um instante que passa rapidamente. No texto “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular”, de Ben Singer (2004), o autor apresenta diferentes imagens, que retratam esse cenário caótico moderno, veiculadas em revistas e jornais da época, como pode ser visto na imagem a seguir.

Imagem 3: Um Domingo Tranquilo em Londres; ou, O Dia do Descanso, Punch, 1886



Fonte: “Modernidade, hiperestímulo e início do sensacionalismo popular” (SINGER, 2004).

Na charge “Um domingo tranquilo em Londres; ou O Dia de Descanso”, publicada na revista britânica “Punch” em 1886, conforme imagem 3, vê-se uma representação dessa modernidade desorientadora: uma rua cheia de pessoas em um protesto, algumas gritando e tocando instrumentos, outras amedrontadas tentando fugir, um chapéu caído no chão, uma criança sendo arrastada pela mãe e animais brigando. No canto direito, à margem, aparece um idoso, que aparenta ser um indigente, deitado no chão com um cachimbo. Ele parece alheio a todo o caos da manifestação, como se já estivesse acostumado à sua condição e a essa desordem constante. Na imagem 3, é possível observar alguns indícios de quais eram os sentidos atribuídos à velhice na modernidade, de modo a compreender como as transformações epistemológicas modernas afetaram o processo de construção de sentidos acerca da velhice.

Em convergência à charge, outra obra moderna associa o sujeito velho moderno como alguém à margem da rotina acelerada da sociedade, movimentada pelos valores do progresso da nação. Beauvoir (2018) analisa a obra *As Viagens de Gulliver*, criada no século XVIII pelo escritor Jonathan Swift (2006), em que o sujeito velho é apresentado como um ser estagnado em um mundo em constante mutação.

Ao ser incapaz de acompanhar essas mudanças, o idoso é associado pelo autor não somente à decrepitude, mas também a uma espécie de solidão do exílio (BEAUVOIR, 2018), por ficar alheio, na retaguarda, ao que estaria acontecendo.

Com base nas imagens 2 e 3, pode-se constatar a velhice agenciada a sentidos negativos na sociedade moderna. O autor Georges Minois (1989) indica que, mesmo antes do século XVIII, o único papel permitido aos velhos era desumano, porque lhes era cobrada uma sabedoria infalível, não lhes permitindo erros. Além disso, as pessoas velhas não deveriam apresentar os mesmos desejos ou sentimentos de alguém jovem. Caso demonstrassem sentimentos de amor ou inveja, despertavam nojo, pois deveriam ser exemplos de todas as virtudes humanas (MINOIS, 1989). Desta maneira, à medida que os sujeitos envelheciam, a sociedade não os olhava mais como sujeitos desejantes dotados de vontades e paixões, mas como seres que deveriam ser dotados de uma sabedoria e serenidade em um nível de perfeição, a fim de serem valorizados socialmente.

Os sentidos conferidos à velhice moderna também podem ser encontrados em outras obras, como exibido na imagem 2 "*Ages of Man*". Essa imagem simboliza um deslocamento na forma de organização das idades características do processo de modernização da sociedade entre os séculos XVIII e XIX. Outras imagens que possuíam a função semelhante apresentavam as fases da vida de forma circular. O sociólogo Anthony Giddens (2002) explica que a noção de ciclo de vida nas sociedades pré-modernas ressaltava a conotação de renovação, devido ao fato de que cada geração revivia os modos de vida das gerações antepassadas. Na modernidade, com a "abertura" do futuro e o ímpeto pelo progresso, nota-se a ruptura com a ideia de repetição entre uma geração e outra, com cada indivíduo constituindo a sua trajetória conforme os anseios modernos.

Dessa forma, tornou-se comum a alteração das imagens circulares pela representação das etapas da vida no formato de escada, que aponta o movimento de ascendência da infância até a vida adulta e o movimento de decadência ao apresentar a velhice. Essa forma da escada concede sentidos de ascensão e declínio para as idades, com o ápice da vida ocorrendo aos cinquenta anos, enquanto a velhice é associada a um decaimento da vida. Isso indica a influência da

narrativa temporal do progresso na modernidade, inclusive na forma como o homem se enxergava no mundo.

As alterações epistemológicas da modernidade possibilitaram a emergência de novos saberes, como a biologia, que passou a investigar o vivente. Segundo Foucault (1999), baseado nos estudos da biologia, o ser humano aparece como um ser que recebe estímulos e responde a eles, sendo capaz de se adaptar, evoluir, submeter-se às exigências do meio. Essa forma de pensá-lo possibilitou transformações na concepção do envelhecimento e também no valor social desses sujeitos no contexto moderno. Apoiado na aplicação da teoria da evolução de Charles Darwin (2018) em diferentes campos da sociedade, as fases da vida foram circunscritas em uma perspectiva evolutiva, em que o curso de vida tinha uma dimensão “ascendente” e “descendente”, algo que fica explícito na imagem 2. O conjunto de saberes modernos conceberam a velhice como marcada pela “involução” (BIRMAN, 2015).

Além do formato da escada, há mais elementos da imagem que agenciam a velhice associando-a a um período de decadência. Cada degrau demonstra uma idade da vida do sujeito sendo complementada com a figura de um animal: na juventude e vida adulta, marcadas pelas idades de 20, 30, 40 e 50 anos, o homem é associado aos animais: potro, touro, leão e veado, respectivamente. Esses animais agenciam sentidos que descrevem essas etapas da vida e estão ancorados nas noções de coragem, força, razão, prudência, sabedoria e maturidade. Entretanto, a partir dos sessenta anos, quando se inicia a descida da escada, os animais e os sentidos associados são os de um lobo ambicioso, um cachorro rabugento e um gato que observa e espreita.

O engendramento das etapas da vida a diferentes sentidos pode ser analisado a partir do entendimento de que a dimensão de “evolução” pelos saberes modernos se desdobrou, também, em uma leitura evolucionista do registro moral (BIRMAN, 1997). Com isso, podemos compreender como as fases “ascendentes” da vida – infância e maturidade – foram correlacionadas a sentidos valorizados no contexto social como a razão e a coragem. Em contraste, a fase “descendente” da vida – a velhice – foi associada a um sentimento de insatisfação e de infelicidade, como o sentido apresentado no seguinte trecho, que remete ao degrau dos 70 anos:

“sempre como um cachorro rabugento, porque na minha idade atual não há coisa que me faça alegre” (tradução nossa).⁸

Assim como na imagem 2, “*Ages of Man*”, em que o último degrau apresenta um idoso em leito acompanhado da representação da morte, Birman (1997) aponta que a velhice foi delineada como o fim da vida. A associação da velhice com a morte foi reforçada na modernidade por meio da relação de sentidos dessa etapa da vida com a noção de degeneração⁹. A própria experiência da morte foi reconfigurada na modernidade com a emergência de novas formas de subjetividade modernas que modificaram a instituição da família.

O sociólogo Nobeert Elias (2001) analisa essas transformações nos sentidos e na posição social da velhice entre as sociedades medievais e modernas. Nas sociedades medievais, o cuidado com o idoso cabia às famílias, permanecendo na casa dos familiares até a morte. É relevante destacar que o núcleo familiar era mais amplo e envolvia pessoas de diferentes gerações que conviviam. A morte de um idoso ocorria em meio ao convívio familiar, incluindo a presença de vizinhos no momento do falecimento. Isto posto, a morte ocorria de maneira mais pública, algo que fazia parte da vida das pessoas. Nas sociedades modernas, a morte passou a ser experienciada em um âmbito mais privado e, cada vez mais, passou a ser marginalizada e restrita às paredes das instituições como os asilos e hospitais.

Houve um deslocamento moral que permitiu que o distanciamento do idoso de seus laços afetivos ao ser confinado nos asilos com pessoas desconhecidas passasse a ser algo cristalizado no senso comum. Esse distanciamento proporcionou sentimentos de solidão, conforme cita Elias (2001, p. 45): “o atendimento físico dos médicos e o pessoal de enfermagem podem ser excelentes. Mas, ao mesmo tempo, a separação dos idosos da vida normal e sua reunião com estranhos significa solidão para o indivíduo”. Em vista disso, a ampliação dos saberes médicos possibilitou um melhor tratamento de doenças; contudo, afetou as subjetividades desses indivíduos, que passaram a morrer longe de seus familiares,

⁸ Texto original em espanhol: “Siempre como perro gruño. Por que ya en mi edad presente. No ya cosa que me contente”.

⁹ Conceito forjado pelo discurso psiquiátrico, por Bénédict Morel, no século XIX. Segundo Birman (2015), a partir desse conceito foi possível pensar a emergência de anomalias e de patologias, mas também a incidência de processos degenerativos nas raças e nas sociedades. Desse modo, a velhice foi compreendida como um processo de degeneração da vida, o que forneceu uma base científica para a associação da velhice à morte, que já era presente desde a Antiguidade (BIRMAN, 2015).

com uma morte mais silenciosa, “higiênica”, confinada e solitária. Desse modo, houve deslocamentos que reconfiguraram as formas de viver e morrer das pessoas idosas nas sociedades medievais e modernas.

É possível, então, compreender a velhice na modernidade diante dos deslocamentos apresentados entre os séculos XVIII e XIX. Com base na investigação de imagens, entendendo-as como um sintoma do contexto sociocultural da velhice, observa-se a predominância de sentidos negativos ancorados a essa etapa de vida. Nos próximos subtópicos, avança-se na análise sobre o contexto das relações de saber e poder, principalmente investigando o contexto das relações de saber e poder modernos, que possibilitaram a emergência e cristalização de sentidos da velhice moderna associados nas imagens abordadas, assim como a transformação de seu papel social.

1.2 Confinamento da velhice nos dispositivos disciplinares

A partir do estudo sobre o papel social das pessoas velhas na sociedade moderna, são investigados nesse tópico quais mecanismos de Estado foram utilizados para gerir o envelhecimento da população. Para essa compreensão, foi necessária a análise das relações de poder e saber modernas, e de que forma agenciaram a gestão dos corpos velhos com suas instituições, dispositivos e formas de constituir os saberes. Dessa maneira, foi possível compreender como se estabelece o solo de valores relacionados a velhice presentes na análise da imagem 2 “*Ages of Man*”, mencionada no tópico anterior.

Uma das instituições que agiu sob a razão de efeito-instrumento das transformações epistemológicas da modernidade foi o asilo. Essa foi uma das instituições que contribuíram para que, posteriormente, a velhice fosse concebida como um problema social (KATZ, 1996). Os asilos se proliferaram a partir da “Lei dos Pobres”, instituída na Inglaterra em 1603, e foram denominadas como casas de caridade. Essa lei atribuía ao Estado a responsabilidade de tratar os indigentes por meio das paróquias, pois a Igreja exercia um papel importante na gestão da população pobre junto ao Estado. As casas de caridade emergiram na tentativa de combater a miséria que assolava a Inglaterra nessa época. Nelas, não eram

alocados somente idosos, mas também incluíam crianças, adultos em situação de pobreza e enfermos.

Conforme aponta Katz (1996), a lei proibia a mendicância e exigia que os indivíduos considerados sãos trabalhassem. Inclusive, algumas dessas instituições de caridade também possuíam outra denominação: *workhouses* (casas de trabalho, tradução livre). Com isso, essas instituições propagavam a moral protestante da valorização do trabalho. O trabalho forçado era instituído aos abrigados nas instituições de caridade. Desse modo, o internamento nessas instituições adquiriu uma nova utilidade: além de confinar os corpos dos indivíduos tidos como inválidos, desempregados e vagabundos, também passou a fazer com que as pessoas internadas promovessem a prosperidade por meio do seu trabalho (FOUCAULT, 2017b).

Fundado nisso, podem-se compreender as camadas de sentidos que essas instituições de caridade possuíam no funcionamento da sociedade moderna. Foucault (2014) se debruça sobre as denominadas instituições de confinamento compostas pela prisão, escola, família, hospital, fábricas e os asilos. Essas instituições faziam parte da tecnologia de poder da disciplina, que agia por meio de “todo um conjunto de instrumentos, técnicas, procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos” (FOUCAULT, 2014, p. 209).

A disciplina emerge em meio a um contexto de aumento populacional no século XVIII, com o crescimento do capitalismo voltado para a produção industrial – que precisava aumentar sua rentabilidade – e a proliferação de grupos que precisavam ser controlados, como a população escolar, a hospitalar e também os exércitos. Nessa conjuntura, a disciplina agia nos corpos dos indivíduos por meio de um controle minucioso de suas operações, atuando na potência dos indivíduos de forma a aumentá-la, tornando os sujeitos úteis e reduzindo a sua potência política, tornando-os dóceis (FOUCAULT, 2014).

Segundo Foucault (2014), os recursos para um bom adestramento consistem no olhar hierárquico, na sanção normalizadora e no procedimento do exame. O primeiro consiste na utilização dos princípios da vigilância e visibilidade constantes, de forma a construir um aparelho de observação, de registro e de treinamento. No

dispositivo do panóptico, essa relação de vigilância e visibilidade era fundamental para fabricar efeitos homogêneos de poder.

O panóptico, criado por Jeremy Bentham, filósofo e um dos inventores do utilitarismo, é analisado por Foucault na obra *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*¹⁰. Esse dispositivo consiste em uma construção em formato de anel na periferia, e seu centro contém uma torre que permite a visão de todas as celas enquanto os presos não conseguem visualizar o que ocorre na torre. O efeito mais importante desse dispositivo é que o panóptico é capaz de induzir o detento a um estado permanente de visibilidade e vigilância, mesmo que não haja um vigia observando o tempo todo (FOUCAULT, 2014). Por conseguinte, os sujeitos passam a exercer um ato de vigilância interna para corrigir e controlar seus atos, uma vez que se introjeta o estado de vigilância constante do olhar do outro.

Outro recurso da disciplina analisado por Foucault (2014) é a sanção normalizadora, que introduz a norma como uma forma de reduzir os desvios do corpo social. Portanto, além da separação dos corpos normais e anormais, segundo os valores históricos, como ocorreu na loucura, a disciplina passou a classificar e hierarquizar os comportamentos em uma distribuição entre o pólo positivo e pólo negativo. Essa dimensão pode ser observada na análise de Foucault do Hospital Geral, instituição de confinamento criado em 1656 na França:

(...) o Hospital Geral não tem o aspecto de um simples refúgio para aqueles que a velhice, a enfermidade ou a doença impedem de trabalhar; ele não terá simplesmente o aspecto de um ateliê de trabalho forçado, mas antes o de uma instituição moral encarregada de castigar, de corrigir uma certa "falha" moral que não merece o tribunal dos homens, mas que não poderia ser corrigida apenas pela severidade da penitência. O Hospital Geral tem um estatuto ético (FOUCAULT, 2017b, p. 74).

Sendo assim, a normalização não agia somente através da punição, mas também por meio da recompensa, classificando, organizando e distribuindo socialmente os "bons" e "maus" indivíduos (FOUCAULT, 2017b). Esse recurso da

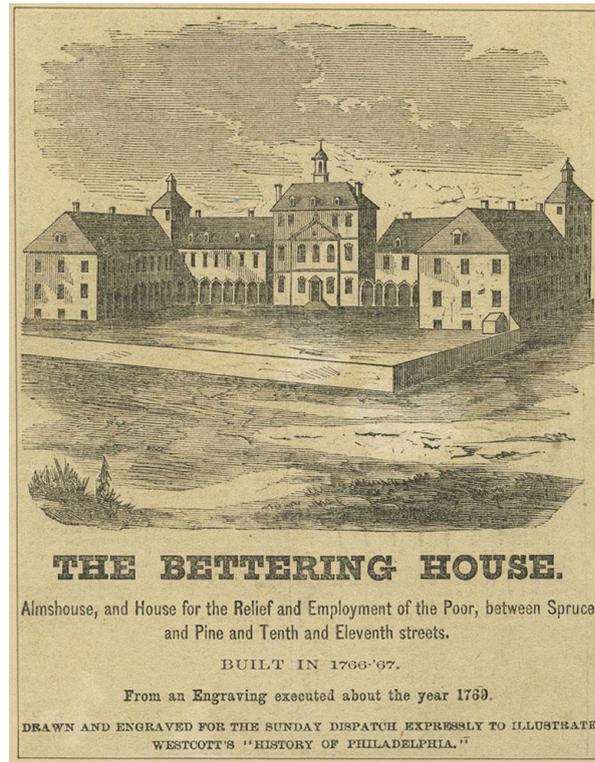
¹⁰ Michel Foucault, em sua fase genealógica, analisa principalmente os dispositivos disciplinares e o dispositivo da sexualidade. Giorgio Agamben (2005) sintetiza o conceito de dispositivo como um conjunto de processos, práticas e mecanismos que atuam na relação entre os elementos discursivos e não discursivos. Os dispositivos possuem uma função estratégica e estão inscritos nas relações de poder, por isso são capazes de "capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes" (AGAMBEN, 2005, p. 13).

normalização foi bastante instrumentalizado nas casas de caridade que abrigaram os idosos na sociedade moderna, devido ao fato de além de distribuírem os corpos de forma a colocá-los à margem do contexto social, essas instituições possuíam a função de reforma moral desses corpos.

O último recurso da disciplina apontado por Foucault (2014) é o exame, cujo funcionamento combina as técnicas de hierarquia, que vigia os indivíduos, e da sanção, que os normaliza. O exame é um dispositivo de visibilidade, uma vez que cria um ritual de observação que permite qualificar, classificar, castigar os “súditos” da disciplina. Esse recurso da disciplina se exerce em uma série de técnicas de anotação, registros, formação de arquivos a partir dos quais a individualidade passa a ser documentada e a comparação entre indivíduos passa a ser sistematicamente configurada. Além disso, o exame articula a formação de saberes ao exercício do poder disciplinar, pois esses rituais de observação e documentação passaram a ser instrumentalizados pelos saberes da medicina, que adentraram nas instituições de confinamento do hospital e dos asilos para formação de conhecimento sobre as crianças, os doentes, os loucos, e também os velhos.

Assim sendo, a disciplina e toda a sua série de aparelhos, dispositivos, agia nos corpos individualmente, aumentando a sua capacidade produtiva, mas também possuía suas formas de gerir um corpo social, contendo esse estatuto ético apresentado por Foucault. Essa dimensão da reforma das instituições de caridade pode ser analisada na imagem 4, que consiste em um anúncio de uma casa de caridade do século XVIII na Filadélfia, com o título: “Casa de melhoria” (tradução nossa). Logo abaixo, há a descrição “casa de caridade e casa de socorro e emprego dos pobres” (tradução nossa).

Imagem 4: Asilo do século XVIII



Fonte: Free Library of Philadelphia. Disponível em:
<https://libwww.freelibrary.org/digital/item/pdcp00640>. Acesso em 15 out de 2020

O processo de reforma dos sujeitos, mencionado acima, era aplicado nas casas de caridade por meio de processos de diferenciação e classificação, em que os indivíduos eram designados entre “merecedores”, compostos pelos doentes, incapazes ou idosos, e os pobres constituindo os “indignos” que eram submetidos ao trabalho forçado. Ainda havia uma outra classificação dentre os idosos: os “merecedores”, que eram os idosos enfermos e pobres, e os idosos não merecedores, considerados “indignos”. Desta maneira, a capacidade corporal do indivíduo de poder trabalhar ou não era atrelado a um sentido positivo ou negativo na sociedade moderna. A idade não era um fator que impedia o labor, somente a doença retirava o indivíduo da obrigação de trabalhar. Apenas desse modo, os indivíduos eram “dignos” de receber o amparo da Igreja e do Estado.

Para compreender esse estatuto ético apontado por Foucault e sua imbricação com o dispositivo da disciplina, é necessário compreender o solo moral moderno, quais características eram elencadas como virtudes e quais atitudes eram condenadas. O sociólogo Max Weber (1999), em seu livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, se debruçou nessa temática analisando a relação entre a

religião e o capitalismo moderno. O autor analisa o processo em que a ascese protestante, inspirada na doutrina de João Calvino no século XVI, foi levada para fora dos mosteiros e transferida para a vida profissional, sendo expandida por todo o corpo social e sedimentada no Ocidente ao longo dos séculos seguintes, constituindo, desse jeito, o “espírito do capitalismo”.

Sob esse aspecto, o autor Walter Benjamin (2013) apresenta uma ótica divergente de Weber ao apresentar que o cristianismo não favoreceu o surgimento do capitalismo, mas se transformou no capitalismo no processo de Reforma de Calvino. Isto posto, o capitalismo desenvolveu-se como parasita do cristianismo e transformou-se além de um “espírito”, mas em um fenômeno essencialmente religioso.

Essa imbricação entre o capitalismo e a religião compõe o solo moral dos sujeitos modernos. Weber (1999) analisa o discurso de Benjamin Franklin, pensador calvinista estadunidense que estampa, ainda hoje, as notas de cem dólares, para investigar o que seria o “espírito do capitalismo”. No pensamento de Franklin, fica evidente a relação utilitarista das virtudes modernas, conforme o trecho:

Lembra-te deste refrão: o bom pagador é dono da bolsa alheia. Aquele que é conhecido por pagar pontual e exatamente na data prometida, pode em qualquer momento levantar tanto dinheiro quanto seus amigos possam dispor. Isto é às vezes de grande utilidade. Depois da industrioseidade e da frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que a pontualidade e a justiça em todos os seus negócios; portanto, nunca conserves dinheiro emprestado uma hora além do tempo prometido, senão um desapontamento fechará a bolsa de teu amigo para sempre (FRANKLIN, 1748, p. 89 apud WEBER, 1999, p. 30).

Isto posto, valores como a honestidade, a pontualidade, a frugalidade e a laboriosidade, presentes nesse trecho de Franklin, são destacados por Weber como virtudes na sociedade moderna. Observa-se no discurso a relação dessas virtudes com as relações econômicas, sendo assim, virtudes úteis ao projeto de sociedade capitalista moderna. Outro enunciado de Franklin ganhou estatuto de verdade, sendo um pensamento que permanece na atualidade: “Lembra-te de que tempo é dinheiro” (FRANKLIN, 1748, p. 88 apud WEBER, 1999, p. 30). Em convergência a essa noção, a perda de tempo na modernidade é considerada o primeiro e o principal de todos os pecados, de forma que até mesmo o sono além do necessário era visto como um desvio moral.

Além da relação do tempo com a atividade produtiva sendo associado ao dinheiro, a perda de tempo também era associada a um prejuízo ao trabalho para a glorificação de Deus. Ao se vincular ao campo do divino, o discurso moral da produtividade reforçou a associação utilitária entre trabalho e vocação. Por ser considerado uma vocação, o trabalho não necessitava de uma finalidade, era um fim em si mesmo, uma vocação do indivíduo e também sinônimo de prestígio na sociedade moderna. O trabalho constituía a própria finalidade da vida, logo, a falta de vontade de trabalhar era associada a uma ausência do estado de graça divina. Essa relação de valorização do trabalho interfere no agenciamento de sentidos acerca da velhice, uma vez que os sujeitos que não exerciam atividades produtivas eram ancorados a um desprestígio social.

A visão religiosa e social da pobreza também sofreu modificações com a reforma protestante. Querer ser pobre equivalia a desejar ser doente, assim, algo reprovável e um obstáculo à glória Divina (WEBER, 1999). Segundo Katz (1996), o desenvolvimento do capitalismo favoreceu a emergência de uma moral cujos princípios pregados eram o do trabalho árduo e de uma economia individual, que responsabilizava o indivíduo pela sua situação de pobreza, sendo ela vista como uma falha moral. Além disso, a mendicância de indivíduos capazes de trabalhar era condenável moralmente devido ao fato de que, além de ser uma manifestação do pecado da preguiça, também estabelecia uma violação do dever de amor ao próximo (WEBER, 1999).

Beauvoir (2018) indica que os pobres eram moralmente acusados de imprevidência e de preguiça, o que não deveria ser estimulado. No lugar da esmola, foi praticado o empréstimo a juros. Do mesmo modo, a análise de Beauvoir (2018, p. 187) ganha ainda mais sentido, uma vez que os valores historicamente vigentes prescreviam que "as mais elevadas virtudes religiosas e morais consistiam em fazer bons negócios". Desde que fosse considerado honesto, os negócios eram estimulados, mesmo que feitos com pessoas em uma situação extrema de miséria.

Weber (1999) complementa como o ascetismo protestante julgava o consumo exacerbado, principalmente o consumo de luxo. Contudo, possibilitava a aquisição de bens e libertava a ânsia de lucro, o que era condenável moralmente em outros momentos históricos. Desta maneira, o lucro não foi apenas permitido segundo a

moral protestante, mas passou a ser algo desejado por Deus. Assim, o empresário que atingia lucro em seus negócios era visto como alguém eleito por Deus. Ganhar dinheiro dentro dos moldes capitalistas era a expressão de virtude e de eficiência na moral moderna.

Com base nessas noções, pode-se compreender o papel da sanção normalizadora na sociedade moderna e a sua aplicação nas instituições de caridade, classificando os indivíduos. Dessa forma, a disciplina não foi um mecanismo somente de poder, mas também uma tecnologia moralizante para os idosos, em sua maioria pobres, que precisavam de assistência nas casas de caridade. Diante dessa moral protestante que se fortaleceu na burguesia moderna, a posse de bens e de riqueza também alterava o seu valor social. Isso fica evidente principalmente nos sujeitos velhos, pois, conforme observado na análise dos asilos, os velhos miseráveis padeciam nesses espaços de confinamento.

Se por um lado a velhice foi moralmente desvalorizada nas camadas pobres, por outro, conforme analisa Beauvoir (2018), a velhice foi valorizada na burguesia. A ascese protestante valorizava a frugalidade, uma posição contra a atitude de “desfrutar espontaneamente a vida e tudo o que ela tem para nos oferecer” (WEBER, 1999, p. 119). Com base nisso, os idosos burgueses eram associados a temperança, uma virtude nobre. Segundo Beauvoir (2018), em plena ascensão do capitalismo e da moral do trabalho no século XIX, o contraste entre as classes dos idosos era mais evidente do que em qualquer tempo histórico. Os velhos pobres, antigos operários ou camponeses que não conseguiam mais trabalhar, eram relegados à indigência e vistos como vagabundos, estando no nível mais baixo na escala social. Enquanto isso, os velhos ricos ocupavam o cume da escala social.

A divergência era tão contrastante que poderia se pensar que eram duas espécies completamente diferentes (BEAUVOIR, 2018). As transformações econômicas e sociais modernas nefastas para os velhos pobres, que eram considerados um “peso” improdutivo para as próprias famílias e para a sociedade, favoreceram o aumento da desigualdade com a ascensão da burguesia. Contudo, a valorização da velhice na burguesia possuía ressalvas, uma vez que à medida da extensão do capitalismo, houve o descrédito da noção de experiência ao acreditar

que o saber padecia ao longo dos anos. Isso acarretou na desqualificação dos velhos e na diminuição do seu prestígio social.

A distinção dos idosos como uma população que possuía demandas especiais ocorreu somente a partir no século XIX, porque houve a percepção de que os idosos pobres abrigados nas casas de caridade não podiam ser reformados. Isso porque, mesmo com a difusão dos valores protestantes e do trabalho forçado, estes continuavam em situação de pobreza. O próprio sistema dos asilos foi reformulado, uma vez que se acreditava que essas instituições não proporcionaram a redução da pobreza – ao contrário, acentuou-a e perpetuou-a. Com isso, começaram a retirar as pessoas dessas instituições, e a proporção de idosos nos asilos aumentou significativamente em um sistema deteriorado. Esse crescimento auxiliou a justificar a continuidade desse sistema de assistência do governo. Em contrapartida, o isolamento dos idosos nesses asilos evidenciou sentidos negativos que foram relacionados a essa etapa de vida por ser uma população pobre, enferma, dependente, improdutiva e irreformável (KATZ, 1996). Desse modo, a população idosa foi concebida com base em uma visão negativa física, comportamental e moral.

O agenciamento da velhice na qualidade de um período da vida atrelado a sentidos negativos, como a decadência física, extrapolou os discursos científicos, sendo também constituído na literatura moderna. Escrito em 1929 por Virginia Woolf (2017), o conto “A dama no espelho: uma reflexão” apresenta uma narrativa acerca de Isabela Tyson, uma mulher com cerca de 60 anos, observada pelo seu espelho da sala enquanto cuida do jardim.

Nesse conto e em sua obra, Woolf narra a emergência moderna de uma subjetividade voltada para a sua interioridade psicológica, ou seja, para um tipo de sujeito específico, o “*homo psychologicus*” (BEZERRA, 2002; FOUCAULT, 1975). Conforme aponta Foucault, o “*homo psychologicus*” é encarregado de:

Deter a verdade interior, descarnada, irônica e positiva de qualquer consciência de si e de todo conhecimento possível; finalmente recolocada na abertura mais ampla, esta relação é a que o homem substituiu a sua relação com a verdade, alienando-a neste postulado fundamental que é ele próprio a verdade da verdade (FOUCAULT, 1975. p. 78).

Com base nisso, esse conceito demonstra um deslocamento no processo de subjetivação moderno em que percebe-se uma interiorização da subjetividade, voltada para desvendar seus enigmas e sentimentos íntimos, sendo assim uma subjetividade cujo eixo está no centro de sua vida interior (BEZERRA, 2002). Essa característica é evidente na literatura e também na escrita dos diários pessoais e “íntimos” que proliferaram-se na Europa nos séculos XVIII e XIX.

Neste conto de Woolf, o espelho, com seu fluxo de consciência, observa a sua dona em direção ao jardim e, enquanto a esquadrinha, começa a supor características acerca da vida de Isabela. Algumas suposições elencadas dizem respeito à dona, que parece ser rica, solteira e ter comprado a casa com seu trabalho. Contudo, o espelho instiga não haver como saber a verdade sobre Isabela, porque ela aparenta desejar não ser conhecida. O arco final do conto ocorre quando Isabela retorna para a casa e se aproxima do espelho, que reflete uma luz em sua dona. Essa luz age como um ácido ao atingir Isabela, corroendo metaforicamente o que era não-essencial e superficial. Então, revela-se a verdade:

Isabela estava completamente vazia. Não tinha pensamentos. Não tinha amigos. Não cuidava de ninguém. Quanto às cartas, eram todas contadas. E enquanto ali estava, velha e angulosa, jaspeada e coberta de rugas, com o seu nariz arrebitado e o pescoço vincado, ela nem sequer se deu ao trabalho de abri-las (WOOLF, 2017, p. 42).

O conto finaliza com o mesmo alerta do início do texto: “as pessoas não deveriam deixar espelhos pendurados pela casa” (WOOLF, 2017, p. 42). Desse modo, é o espelho que nos conduz para a descoberta da interioridade da mulher velha descrita no conto. Pode-se constatar o agenciamento de sentidos acerca da velhice da Isabela, que em sua exterioridade aparenta ser feliz e estar rodeada de amigos. Contudo, esses sentidos revelam-se como uma máscara que a personagem utiliza para esconder a sua interioridade vazia e solitária. Além disso, o seu corpo marcado por rugas também era mascarado, como algo que deveria ser escondido, um “segredo” de Isabela.

Esse discurso acerca da velhice corrobora as noções apresentadas por Birman (2015) de um lugar no qual o idoso não deveria estar na modernidade. Segundo o autor, na era moderna, “o que cabia aos velhos era a expectativa da morte ‘real’, para materializar a morte simbólica que já acontecera no espaço social, de forma a delinear o destino concreto e trágico para o corpo estranho representado pela velhice” (BIRMAN, 2015, p. 1276). Isto posto, desprovida da força produtiva, a velhice era compreendida como uma fase de vida desprestigiada, em que resta apenas a espera pela chegada da morte.

Conforme pode-se observar, a visão da velhice na modernidade foi transformada com o desenvolvimento do capitalismo moderno e com a implementação da disciplina como uma tecnologia de poder voltada para o corpo. Com base na moral protestante que constituiu o capitalismo, o corpo velho era relegado à exclusão se estivesse associado à pobreza. No próximo subtópico, pretende-se analisar outra tecnologia de poder ascendente a partir do século XIX, que também contribuiu para a visão negativa da velhice moderna, sedimentando valores que ainda são ancorados ao envelhecimento na contemporaneidade.

1.3 Biopolíticas e a velhice como um problema social

Os sentidos negativos apontados acerca da velhice na modernidade também foram concebidos baseados no discurso científico moderno. A velhice tornou-se um objeto científico com estudos específicos principalmente entre os séculos XIX e XX, momento em que, além de um objeto de estudo, a velhice também passou a ser pensada como uma questão social, como uma população com necessidades específicas, tema que será abordado com maior profundidade ainda no presente tópico. O discurso científico sobre a velhice emergiu intrinsecamente ligado à implementação das tecnologias da disciplina em uma lógica entre poder e saber, conforme analisado por Foucault.

O médico Jean-Martin Charcot foi um dos primeiros que se debruçou sobre o estudo dos corpos velhos durante o período em que trabalhou no asilo público da cidade de Salpêtrière, na França. Segundo Katz (1996), Charcot, em seus estudos, apresentou a velhice como um estado patológico, caracterizada pelo

enfraquecimento simultâneo das funções corporais e por um conjunto de doenças degenerativas. Ao classificar o indivíduo como saudável ou patológico apenas pelo critério de sua idade, pode-se observar a imbricação da função normalizadora com a construção do discurso científico acerca da velhice. Essa questão também pode ser observada no discurso do biólogo russo Ilya Ilyich Mechnikov, cuja pesquisa apontou a velhice como uma fase triste e patológica, conforme o trecho: “Um sentimento instintivo nos diz haver algo de anormal na velhice. Não pode ser considerado como parte de uma função fisiológica saudável” (METCHNIKOFF, 1903 apud KATZ, 1996, p. 83, tradução nossa)¹¹.

O termo “geriatria” foi criado por Ignatz Leo Nascher em 1909 ao sugerir uma especialidade médica voltada para tratar as doenças dos idosos e da própria velhice. Em seus estudos, Nascher atrela a velhice à combinação de uma decadência celular interna e física que externamente afeta as condições mentais e comportamentais dos idosos, conforme presente no trecho:

As mudanças senis de mentalidade são encontradas no temperamento, emoções, vontade, sensações e intelecto. A característica mental mais proeminente na velhice é um interesse avassalador por si mesmo, um egoísmo que gradualmente subordina todos os outros interesses na vida ao bem-estar do indivíduo(...). Com enfermidades crescentes e a compreensão de que o tempo de vida está se aproximando rapidamente de seu final, o desejo de viver torna-se o pensamento que tudo absorve. Neste desejo intenso de viver encontramos a base do egoísmo dos idosos. É também a causa da sua desconfiança, do seu egoísmo e das mudanças de temperamento (NASCHER 1919, apud KATZ, 1996, p. 85, tradução nossa)¹².

No trecho acima, é possível constatar a imbricação entre o discurso científico e o discurso moral sobre a velhice. Uma visão negativa sobre a velhice ganha contornos e um suposto respaldo científico na obra de Nascher. Além desse trecho, em sua obra também estão presentes algumas declarações que colocam o sujeito velho como alguém desagradável, antiquado e carente. Katz (1996) analisa que essa temática do “egoísmo dos idosos” tornou-se popular entre os estudos da

¹¹ Texto original em inglês: “An instinctive feeling tells us that there is something abnormal in old age. It cannot be regarded as a part of healthy physiological function”.

¹² Texto original em inglês: “The senile changes in mentality are found in temperament, emotions, will, sensations and intellect. The most prominent mental characteristic in old age is an overwhelming interest in self, a selfishness which gradually subordinates every other interest in life to the welfare of the individual(...). With increasing infirmities and the realization that the span of life is rapidly nearing its end, the desire to live becomes the all-absorbing thought. In this intense desire to live we find the basis of the selfishness of the aged. It is also the cause of his suspiciousness, his egoism and temperamental changes”.

geriatria ao longo dos anos. Dessa forma, essa produção científica da velhice associando-a a uma decadência física e moral se cristalizou de tal forma que, não raro, na contemporaneidade ainda se percebe a associação da velhice ao egoísmo, mau-humor e a alguém resistente a mudanças.

Sendo assim, observa-se que a disciplina atuou por meio de suas técnicas, dispositivos e procedimentos de forma a docilizar os corpos e disseminar a razão da produtividade em uma capilaridade dos mais diversos âmbitos. A imbricação entre poder e saber constituiu uma visão científica e moral da velhice baseada nos anseios produtivistas da era moderna. Desse modo, a relação com a produtividade passou a ser uma “régua moral” para os sujeitos modernos. Nessa relação, a velhice passou a ser engendrada a um desprestígio social. O discurso científico também auxiliou a corroborar essa visão moral ao apontá-la como uma etapa de “involução” biológica. Portanto, essas esferas do poder-saber possibilitaram a emergência da velhice enquanto uma etapa de vida com necessidades específicas e também a engendrou a dispositivos, técnicas e procedimentos de controle específicos para os sujeitos velhos.

Com base nisso, a velhice tornou-se um objeto de investigação científica, e a dimensão do curso de vida passou a ser cada vez mais relevante para a gestão da população. Essas etapas de vida começaram a ser instituídas socialmente, conforme a análise da imagem 2, “*Ages of Man*”, no primeiro subtópico. É importante aprofundar alguns aspectos dessa noção de curso de vida e sua instrumentalização pelas tecnologias de poder-saber. Debert (1998) analisa o conceito de “cronologização da vida” na modernidade, utilizado pelos sociólogos John W. Meyer e Martin Kohli em 1986, com a finalidade de expressar a passagem temporal da vida em uma sociedade na qual a idade passou a ser uma dimensão fundamental para a organização social, conforme apontado pelos autores. É relevante ressaltar que essas categorias etárias são construídas socialmente, sendo inclusive interessantes para pensar a produção e reprodução da vida social (DEBERT, 1998). Debert ainda complementa:

Essas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, uma vez que operam recortes em todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios” (DEBERT, 1998, p. 53).

A partir disso, investigar a emergência da velhice enquanto uma categoria etária, que a diferenciava de outras idades, também constitui refletir sobre o papel social concedido a essa fase de vida e de que forma foram construídos os seus direitos e deveres na sociedade moderna, do mesmo modo que seus poderes e privilégios. Não foi somente a velhice que ganhou contornos específicos na modernidade, a infância também passou por deslocamentos.

O historiador Philippe Ariès (1986) indica que a composição da infância enquanto um problema específico se deu somente na modernidade com uma distinção de roupas, jogos, brincadeiras e outras atividades que passaram a distinguir as crianças dos adultos. A família, que nas sociedades medievais era composta por diversas gerações, muitas dividindo os mesmos ambientes de moradia, foi reduzida ao núcleo dos pais e dos filhos em uma vida mais afastada dos processos sociais, reclusa em seus quartos próprios, com uma subjetividade interiorizada.

Nessa família moderna, a criança assumiu um papel central (ARIÈS, 1986), uma vez que ela passa a ser o divertimento de seus pais e reorganiza a dinâmica familiar ao morar com eles durante mais tempo, algo que não ocorria na sociedade medieval. Além disso, a criança também estimulou o desenvolvimento de laços afetivos mais estreitos, o que proporcionou a emergência do sentimento de família e também de lar.

Na mesma direção, Norbert Elias (2001) analisa que a modernidade teria alargado a distância entre adultos e crianças, constituindo a infância como uma fase de dependência e também o adulto como um ser independente, com direitos e deveres de cidadania (DEBERT, 1998). Segundo Foucault (2017), além dos novos sentidos ancorados à criança, a instituição da família se deslocou ao tornar-se “um meio físico denso, saturado, permanente, contínuo, que envolva, mantenha e favoreça o corpo da criança (FOUCAULT, 2017, p. 305). Assim, a família se solidifica nessa relação entre pais e filhos, sendo esses últimos vistos como o futuro da nação, necessitando de uma gestão para essa época da vida. Para proteção e

instrumentalização das crianças, um dos principais objetivos da família era a garantia da saúde delas.

Essa garantia da saúde não era uma preocupação exclusiva para as crianças a partir do século XVIII, uma vez que a saúde e a doença emergem como problemas que necessitam de uma ação coletiva, tanto no nível micro das famílias como também uma das principais preocupações do Estado. Política de saúde e gestão das doenças foram instauradas como problemas políticos e econômicos da população. Desse modo, além da manutenção da paz e da justiça, manutenção da ordem e da organização da riqueza, o Estado ganha uma nova função: “a disposição da sociedade como meio de bem-estar físico, saúde perfeita e longevidade” (FOUCAULT, 2017, p. 301).

Com fundamento nesse objetivo, vão atuar diferentes tecnologias de poder voltadas para a higiene coletiva, como a reorganização do hospital e das casas de caridade e a ascensão de uma medicina focada no controle social em uma forma de medicina preventiva. Essas ações estatais foram complementadas e articuladas com as necessidades de cuidados individuais. Como efeito, estabelece-se uma ética “privada” de boa saúde com a incorporação de hábitos de higiene e também de medicalização das famílias. Como analisado por Foucault (2017), a saúde torna-se um imperativo, sendo um dever de cada um e também um objetivo geral de Estado. Com base nessa classificação das etapas da vida e no agenciamento de cada fase a papéis sociais distintos, esse imperativo moderno na sociedade ocidental voltado para a saúde ganha capilaridade e passa a orientar as tecnologias de poder e saber moderno.

A partir do século XVIII, com o aumento da população, emergem novas formas de gerir o corpo social. A partir disso, a regulação das populações é discursivamente apresentada como uma necessidade de que os traços biológicos tornem-se relevantes para a gestão econômica, com a implementação de um aparato de poder que não apenas sujeite a população, mas que seja capaz de aumentar constantemente a sua utilidade (FOUCAULT, 2017). Foucault denomina como “biopoder” esse poder que tem como objetivo a gestão da vida da população. A população emerge como esse conjunto de seres vivos que constituem a nação moderna, em que cada um possui características biológicas divergentes, mas que

podem ser modificadas e controladas pelo uso de técnicas e saberes específicos (SIBILIA, 2015).

Assim, o biopoder exercia esse papel de reconfiguração desse corpo social e biológico por meio de dois mecanismos capazes de regular a população: as biopolíticas e as disciplinas. As biopolíticas eram compostas por um leque de dispositivos voltados para o estudo dos processos biológicos da população, como o nascimento e a mortalidade, o nível de saúde e a longevidade (FOUCAULT, 2019). Com base nisso, exercia-se sobre fenômenos de massa e de longa duração.

As disciplinas eram compostas por um conjunto de técnicas e práticas voltadas para o adestramento do corpo de forma individual, como a vigilância dos dispositivos panópticos já apresentados, os exames individuais e os exercícios repetitivos. Mediante o exposto, o biopoder se exerceu fundamentado em uma anátomo-política do corpo humano por meio das disciplinas e em uma biopolítica da população com a dimensão do corpo-espécie, baseada na intervenção e controle dos processos biológicos aleatórios das populações em uma sistematização da análise, previsão e reconfiguração desses processos biológicos.

Desse modo, o biopoder emerge de uma necessidade moderna ocidental de investir nas condições de vida de uma população a fim de impor certas normas, além de adaptá-la a projetos nacionais que carregavam o anseio do “progresso” como um dos seus objetivos principais. O caminho para esse “progresso” e o intuito do biopoder era tornar úteis e extrair as forças humanas dessa população, aumentando, assim, a sua força econômica. Para isso, emergiram novas formas de saber, como a demografia e a estatística, que conseguiam prever, medir, regular e analisar os fenômenos que poderiam atingir as populações.

Por meio dessa forma de poder, houve a aplicação de dispositivos e práticas na tentativa de controlar e regulamentar os eventos aleatórios que atingiam as populações, voltando seu olhar para os fenômenos que atuavam sobre os indivíduos com certa recorrência e também cuja ação seria em um longo prazo. Devido a isso, fatores aleatórios que atingiam as populações e que dificultavam a sua gestão, diminuindo a sua capacidade produtiva e onerando os estados, passaram a ser objeto de ação da biopolítica. Por isso, a aleatoriedade de fenômenos passou a ser calculável e capaz de ser prevenida por meio dessa tecnologia de poder.

Esses mecanismos do biopoder agiam de diferentes formas, e seus objetivos eram diluídos já que as práticas possuíam uma extensa capilaridade na sociedade, como na emergência da vacinação em massa da população, em medidas de higienização das cidades, iluminação pública e numeração das casas (SIBILIA, 2015). Alguns saberes como a estatística também compõem essa complexa rede de saber-poder moderna.

Foucault aprofunda sua análise para esquadrihar os objetivos do biopoder. Para isso, faz um recuo histórico analisando as sociedades soberanas em que o governante exercia seu poder sobre a vida dos seus súditos por meio da morte. As sociedades soberanas possuíam o intuito mais de açambarcar do que de organizar a produção (DELEUZE, 1992). Emergiram como uma forma de poder que agia pelo confisco e pela exclusão dos corpos, conforme indica Foucault (2014), pela maneira como tratavam os leprosos, que eram rejeitados, excluídos e fadados à morte.

Dessa maneira, o autor analisa que o poder da soberania era exercido pelo princípio do fazer morrer e deixar viver (FOUCAULT, 1999b). A partir da implementação do biopoder ao longo do século XIX, o exercício do poder voltou-se para uma outra ideia de controle sobre as vidas e os corpos, enquanto se fazia viver e deixava-se morrer, lógica exercida por uma forma de poder que atuava por meio da regulamentação e controle da aleatoriedade dos fatores biológicos da população (FOUCAULT, 1999b).

O biopoder foi essencial para o desenvolvimento do capitalismo, visto que assegurava a inserção controlada dos corpos no aparelho de produção por meio do agenciamento, que visava uma maior “eficiência” com a utilidade e docilidade destes, além de um ajustamento dos fenômenos biológicos da população aos processos econômicos (FOUCAULT, 2019). Desse modo, os projetos de nação modernos conseguiram expandir as forças produtivas e reduzir custos com epidemias e outros fenômenos populacionais devido às medidas biopolíticas de exame, cálculos de probabilidade e prevenção das aleatoriedades que atingiam a população como espécie. Portanto, por meio dessas práticas, foi possível produzir forças, fazê-las crescer, ordená-las e canalizá-las de acordo com os interesses capitalistas (SIBILIA, 2015).

Assim como a disciplina, a biopolítica buscou maximizar as forças produtivas dos indivíduos e extraí-las para fins nacionais e industriais, mas ambas as lógicas agiam de formas diferentes nas constituições de subjetividades. Todavia, as tecnologias de poder das biopolíticas não excluíram as tecnologias disciplinares, devido ao fato de as integraram e as complementaram, exercendo níveis diferentes de poder. Isto posto, o biopoder, por meio da sua capilaridade no corpo social, auxiliou a ampliação do espírito capitalista moderno e também da razão da ética protestante de valorização do trabalho. Compondo, assim, uma rede com saberes, procedimentos, instituições, práticas e valores favoráveis à expansão do capitalismo.

A partir dessas noções, pode-se compreender sobre qual conjuntura e quais os propósitos da velhice se constituir como um problema social na modernidade, assim como a proliferação de estudos científicos acerca do envelhecimento, conforme apontado no início desse tópico. Os saberes como a geriatria e a gerontologia também são instrumentos dessa biopolítica, que tinha como um dos seus intuitos a longevidade da população, conforme a máxima do “fazer viver e deixar morrer” do biopoder (FOUCAULT, 1999b, p. 285).

Baseado no discurso científico da velhice como uma involução e degeneração corporal, desvela-se a dimensão do “risco” associado ao envelhecimento. Devido a isso, os dispositivos biopolíticos investiram em formas de prolongar ao máximo a vida da população e “adiar” o envelhecimento por meio de um controle meticuloso dos processos vitais, da medicalização do espaço social e do incentivo à prevenção da saúde (BIRMAN, 2015). Desta maneira, Foucault (2008) apresenta o dispositivo de segurança como parte da estratégica da biopolítica, pois atua sobre a previsibilidade dos acontecimentos na tentativa de minimizar os riscos e os inconvenientes, como o roubo e as doenças, nessa articulação entre fornecer uma sensação de “segurança” para a população com as políticas centradas no controle de doenças e voltadas para a vida da população. Conforme indica Birman (2015), nota-se um deslocamento na lógica do poder pastoral e da sua forma de governar condutas: o “ideal da saúde” passa a ocupar o lugar do “ideal de salvação” cristão.

Portanto, a velhice foi concebida na modernidade, principalmente, por meio do biopoder e de suas ramificações de tecnologias de poder-saber voltadas para a diferenciação dessa população. A instauração do processo de classificação das

etapas da vida temporalizou a trajetória dos indivíduos de acordo com “valores e padrões culturais predominantemente brancos, masculinos, heterossexuais e de classe média”¹³ (KATZ, 1996, p. 61, tradução nossa). Dessa forma, a sociedade moderna organizou e produziu dispositivos de diferenciação a fim de classificar, organizar e extrair as forças produtivas dos indivíduos.

Katz (1996) investiga outras tecnologias de diferenciação além do asilo, como o regime de pensões e aposentadorias, cujos primeiros beneficiários foram, no século XVII, os militares franceses. Depois, ampliou-se para beneficiar funcionários públicos até chegarem nas indústrias. As teorias do fordismo e do taylorismo foram implementadas com sua gestão científica do trabalho, que engendrou os trabalhadores idosos como lentos e ineficientes, enquanto desqualificou as suas características como experiência e habilidades. A aposentadoria ocorria quase exclusivamente pelo fator etário, sendo estabelecido um certo consenso da idade de 65 anos como o marco para estar apto à aposentadoria.

Além disso, esses regimes de aposentadoria também demonstravam-se instrumentos de vigilância e controle dos indivíduos, como pode-se observar no caso do First National Bank of Chicago, em 1899. O banco estipulava algumas condições para que o benefício não fosse perdido, como a mudança para outro emprego sem a aprovação prévia do banco, caso casassem com um salário inferior a mil dólares ao ano, caso cometessem algum crime ou se as viúvas se comportassem de maneira inadequada (KATZ, 1996). A partir desse quadro, percebe-se a construção de um caráter moral presente nas tecnologias e diferenciação, tais quais analisadas por Katz, que estimularam, propuseram e sugeriram determinados modos de ser, a partir dos quais a velhice foi ancorada nos sentidos de improdução, dependência e incapacidade.

Outra tecnologia biopolítica foi a pesquisa social amparada na emergência da demografia no século XIX. Katz (1996) aponta a proliferação de um discurso demográfico alarmante baseado na teoria malthusiana¹⁴, que denunciava a taxa de

¹³ Versão original em inglês: “Western societies have temporalized life according to mostly white, masculine, heterosexual, middle-class values and cultural patterns”.

¹⁴ Teoria desenvolvida por Thomas Robert Malthus em (1798). Postula que o crescimento populacional cresceria em uma razão geométrica, enquanto a capacidade de produção dos meios de subsistência cresceria em razão aritmética. Dessa forma, haveria uma discrepância no ritmo acelerado de crescimento populacional do século XVIII que ocasionaria na falta de alimentos para subsistência. A partir da sua teoria, Malthus criticava as políticas públicas de assistência aos pobres e

crescimento populacional e a situação de pobreza da população idosa como uma crise econômica e moral. Dessa maneira, a pesquisa social, com base em metodologias estatísticas combinadas às preocupações alarmistas, traçou características da população e enumerou as categorias de pessoas nessas pesquisas, que passaram a compor as decisões governamentais de gestão da população.

Nos Estados Unidos do século XX, o projeto nacional estava pautado pelo progresso. A velhice foi atribuída como uma fase de decadência, uma certa ameaça ao seu projeto de nação. Uma pesquisa de Rowntree, um geriatra americano, apontou a velhice como “uma população problemática cuja pobreza se deve à idade e não necessariamente a uma consequência das condições sociais” (KATZ, 1996, p. 75, tradução nossa)¹⁵. Assim, a velhice foi engendrada a partir da intrínseca relação com a pobreza e como um dos problemas sociais a ser administrado segundo os moldes da disciplina e da biopolítica. A casa de caridade, as pensões e aposentadoria, as pesquisas sociais junto ao discurso moral moderno de reforma, curso de vida e uma demografia alarmista disciplinaram a velhice, constituindo-a uma população específica, conforme defende Katz (1996). A partir da condição de possibilidades da moral moderna e dos engendramentos de sentidos sobre a velhice, políticas públicas e campos da ciência passaram a investir e aprofundar nessa temática.

Diante do contexto apresentado, percebe-se a relevância do projeto de nação voltado para a constituição das tecnologias de poder-saber modernas. Essas tecnologias formaram as fases da vida, que funcionaram como efeito-instrumento de prestígio social e também de diferenciação na sociedade. De um lado, estavam as fases da infância e da vida adulta, que possuíam maior prestígio, conforme expressado na forma ascendente da imagem 2, “*Ages of a Man*”. De outro, estava a velhice, com todo o desprestígio associado ao estigma da degeneração, dependência e involução.

aos idosos, pois estimulavam a dependência desses públicos a essas medidas e, para ele, era uma população considerada menos valiosa em relação aos indivíduos que trabalhavam (GENNARI; OLIVEIRA, 2009).

¹⁵ Versão original em inglês: “Rowntree’s survey nonetheless demarcates the elderly as a problem population whose poverty is due to age and not necessarily a consequence of social conditions”.

Essa dinâmica de valores entre as fases de vida pode ser observado na obra *O retrato de Dorian Gray*, escrito por Oscar Wilde no século XIX, época da conjuntura analisada no presente capítulo. O romance tem como personagem principal Dorian Gray, um rapaz ingênuo e com uma beleza estonteante que aceita ser modelo para um artista amigo seu, Basil Hallward, que vê em Dorian a sua maior inspiração para a pintura. No estúdio de Basil, está seu amigo Lord Henry Wotton, que fica curioso para conhecer quem está inspirando tanto seu amigo artista. Basil apresenta Dorian a Lord Henry, mas teme que este último seja uma má influência ao jovem, porque seu amigo vive e prega uma vida desamarrada das convenções morais burguesas da época, em uma espécie de hedonismo que visa aproveitar o máximo dos prazeres no agora.

Lord Henry logo confirma o pressentimento de Basil, já que começa a falar para Dorian o quanto ele possui o que há de mais valor: a juventude. Provocado pelas palavras de Lord Henry e vendo a si mesmo na belíssima pintura de Basil, Dorian demonstra uma espécie de “despertar” pelo reconhecimento de sua beleza e juventude, bem como pela admiração pelo quanto poderia “aproveitar” a vida aos modos hedonistas com suas belas e joviais características. Além disso, indigna-se observando a obra, pois ela permanecerá intacta, retratando eternamente esse seu momento de juventude, enquanto ele envelhecerá com o tempo. Nesse momento, o personagem faz uma espécie de pacto mirando a obra, conforme presente no seguinte trecho:

Que coisa profundamente triste – murmurava Dorian, os olhos fixos no retrato. – Sim, profundamente triste!... Eu ficarei velho, aniquilado, hediondo!... Esta pintura continuará sempre fresca. Nunca será vista mais velha do que hoje, neste dia de junho...Ah! se fosse possível mudar os destinos; se fosse eu quem devesse conservar-me novo e se essa pintura pudesse envelhecer! Por isto eu daria tudo!... Nada há no mundo que eu não desse...Até minha alma! (WILDE, 2014, p. 38).

Com base nessa fala, o “pacto” se efetua: Dorian perpetua a sua juventude e a sua beleza ao longo de vários anos, enquanto a obra mostra seu rosto envelhecido aos poucos e sendo marcado a cada ato imoral cometido por ele. Assim, o quadro torna-se assustador ao longo da narrativa, um marco de todos os “pecados” cometidos por Dorian, até o final trágico em que ele tenta aniquilar a obra e acaba matando a si mesmo. Nessa obra, é possível ver uma síntese da construção

discursiva da velhice na modernidade, engendrando-a como fase infeliz, desgostosa, horrenda, de degeneração e sofrimento. A velhice é apresentada aos indivíduos como uma morte simbólica em que há a diminuição de sentidos e, assim, a perda da capacidade de “aproveitar” a vida. Em contraponto, nota-se uma valorização da juventude como o ápice da vida do sujeito, conforme o seguinte trecho da fala do personagem Lord Henry:

As pulsações de alegria que em nós se avivam aos vinte anos vão se enfraquecendo; fatigam-se os nossos membros e amortecem, carregados, os nossos sentidos!... Todos nos transformaremos em odiosos polichinelos, perseguidos pela recordação do que nos aterrou pelas exóticas tentações que não soubemos corajosamente satisfazer... Juventude! Juventude! Nada há neste mundo, além da juventude! (WILDE, 2014, p. 35).

A valorização da juventude na sociedade moderna presente na obra de Wilde reforça os sentidos da imagem 2, “*Ages of Man*”, que atribuem à juventude os valores de coragem, força, razão, prudência, sabedoria e maturidade. A valorização desta etapa de vida é investigada por Beauvoir (2018), uma vez que, com a desvalorização da noção de experiência na modernidade, a idade acarretava em uma desqualificação dos sujeitos velhos. Um ponto importante a ser analisado na obra de Oscar Wilde é a incorporação do discurso, já mencionado no presente capítulo, de associação da velhice a uma degradação moral, produção discursiva endossada pelos saberes modernos acerca da velhice.

Em “O Retrato de Dorian Gray”, isso se apresenta quando Dorian comete atos que ferem a lei, como assassinato, ou a moral burguesa, como uma vida movida pelos seus desejos narcisistas. Esses atos se refletem em marcas em seu retrato, como alterações de expressão, rugas e o desfiguramento de seu personagem. O livro aborda o desejo pela eterna juventude tão recorrente em diferentes tempos históricos e também aborda a visão do envelhecimento na sociedade moderna, principalmente acerca dos sujeitos velhos e pobres, a quem eram associados diferentes sentidos negativos.

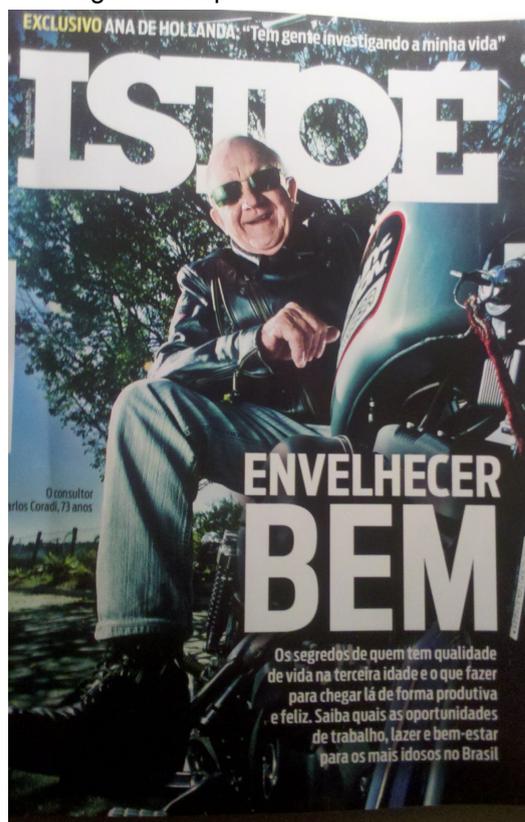
A partir dessa conjuntura analisada, pode-se compreender os entrelaçamentos das tecnologias de poder-saber com a constituição de discursos acerca do envelhecimento. Com isso, pode-se investigar as condições de emergência dos sentidos ancorados à velhice na contemporaneidade e analisar os

deslocamentos e continuidades de como damos significado a essa etapa da vida, além de apurar a emergência do discurso do envelhecimento “bem-sucedido”.

2. VELHICE CONTEMPORÂNEA: DA TERCEIRA IDADE À VELHICE “BEM-SUCEDIDA”

2.1 Sentidos do envelhecer “bem” na contemporaneidade

Imagem 5: Capa revista Istoé de 2011



Fonte: Blog Consumidor Bossa Nova (2011)

A imagem acima, capa da revista Istoé de maio de 2011, confere destaque à temática do envelhecimento. Contudo, não se trata de qualquer processo de envelhecimento, mas sim do fato de envelhecer “bem”, em letras garrafais como exibido na capa. Essa forma de envelhecimento expressa na reportagem em questão remete a uma qualidade de vida relacionada à produtividade e à felicidade. Além disso, outro elemento apresenta-se relevante para a análise da produção discursiva da velhice contemporânea: a capa instiga o leitor demonstrando que irá mostrar os “segredos” e “o que fazer” para atingir essa forma de envelhecimento, deixando implícitos uma espécie de passo a passo e ensinamento que estarão expostos no interior da revista. Essa imagem é compreendida aqui como um sintoma dos sentidos atribuídos ao envelhecimento na contemporaneidade, e o presente capítulo busca, partindo desse fio, compreender um novelo repleto de nuances,

instâncias e relações de poder-saber que constituem as formas de velhice na atualidade.

A capa indica um processo de deslocamento de sentidos conferidos à velhice na contemporaneidade. Em contraste com a imagem da velhice moderna ressaltada por Birman (2015), em que cabia ao velho esperar a morte real enquanto já estava morto simbolicamente com a ausência de papel social, a imagem contemporânea da revista Istoé contém um sujeito sorridente e aventureiro posando em sua moto. Esse processo de transformação do envelhecimento ganhou força a partir da década de 70, na França, e, posteriormente, ganhou eco em solo brasileiro.

A antropóloga Clarice Peixoto (1998, p. 76) analisa essa transformação em que “o antigo retrato preto-e-branco de uma velhice decadente toma o colorido de uma velhice associada à arte de bem-viver”. Desta maneira, as dimensões de “bem-estar” e “bem-viver” passam a ser ancoradas à velhice contemporânea, o que é apontado pela antropóloga como uma “melhoria” logo que a velhice tornou-se mais “colorida”. Essa visão da velhice contemporânea ancorada à felicidade e “bem-estar” é problematizada ao longo deste capítulo.

Centradas na vida da população como a medicalização do espaço social, a expansão das técnicas das biopolíticas abordadas no capítulo anterior foram fundamentais para o aumento da longevidade no Ocidente (BIRMAN, 1988). Além disso, houve uma expansão dos programas de aposentadoria, que passaram a atingir diferentes classes sociais e profissões. Dessa forma, emerge uma nova etapa da vida com a possibilidade de uma nova experiência simbólica (BIRMAN, 1988). Esse deslocamento da experiência da velhice também implicou a emergência de um termo para designar esses sujeitos. Ao invés dos termos “velho”, “velhote” e “velhinho” ou “velhinha”, que passaram a ganhar sentidos negativos, passou-se a utilizar “idoso”, uma forma tida como mais respeitosa para designar os aposentados que conseguiram, por meio de instrumentos legais, estatuto social reconhecido e melhorias nas condições de vida (PEIXOTO, 1998).

No Brasil, o termo “idoso” foi recuperado, pois já existia no vocabulário e não era utilizado recorrentemente, passando a ser utilizado nos documentos legais a partir da década de 60. Com a sua utilização, estabeleceu-se uma distinção de sentidos entre os termos “idoso” e “velho”. O primeiro foi utilizado para se referir a

peessoas de classes sociais mais favorecidas; o último, para referir-se a pessoas pertencentes às camadas populares que ainda eram vistas com traços do envelhecimento associado ao declínio da fase da vida (PEIXOTO, 1998). Segundo analisa Peixoto (1998), o termo “velho” começou a ser banido de textos oficiais, como uma falsa sensação de conceder mais respeito a esses sujeitos, mas sendo um instrumento de diferenciação e também de exclusão dos velhos com menor condição financeira.

Observa-se que essas mudanças de designação desses sujeitos carregam toda uma carga de sentidos, além de deslocamentos dos papéis sociais e das formas de subjetivação. Conforme aponta Foucault (2014b), o campo do discurso é objeto de tensionamentos, desejo e luta, pois está intrinsecamente associado ao poder. Por isso, é relevante analisar os deslocamentos de denominações e transformações das etapas da vida na sociedade contemporânea.

Esse campo de termos acerca do envelhecimento está em constante mutação e disputa. A cada momento, os indivíduos estão buscando se afastar de algumas terminologias e se aproximar de outras, em uma forma de deslocamento dos sentidos modernos da velhice associada ao declínio e à morte. Um dos termos que fez parte desse processo de mutação foi o “terceira idade”, que emergiu na França nos anos 70 e, rapidamente, ficou popular no vocabulário brasileiro. Debert (1998) analisa que a invenção deste termo implica a criação de uma nova etapa de vida entre a fase adulta e o que é considerado velhice, sendo engendrada com um conjunto de práticas, instituições, textos legais e agentes especializados que foram encarregados de atender as necessidades dessa população. A partir desse termo, uma nova imagem da velhice passa a ser constituída distanciando-se dos sentidos da decadência, sendo investidos em novas designações como “nova juventude” e “idade do lazer”. O mesmo processo ocorreu com os sentidos ancorados à aposentadoria, que deixou de ser um momento de descanso para tornar-se um período de atividade produtiva, lazer e realização pessoal (DEBERT, 1998).

Esse engendramento de sentidos fica evidente na referida matéria da capa da revista Istoé, que apresenta o seguinte trecho para abordar as transformações de sentidos dessa etapa de vida:

A clássica imagem do velhinho de pijama, em frente à tevê, cuja maior audácia é sair de casa para jogar dominó com os amigos do bairro, está com os dias contados. Um novo padrão de envelhecimento está em curso. Conhecido como “envelhecimento ativo”, ele nem de longe lembra a resignação com que os idosos do passado se aposentavam do trabalho e da vida social. Saudáveis, dispostos a continuar em atividade por mais tempo e, graças aos bons ventos da economia, com dinheiro no bolso, muitos brasileiros que romperam a barreira dos 60 anos provam que é possível dialogar com a passagem do tempo harmoniosamente (ISTOÉ, 2011, grifo nosso).

No trecho acima, é patente a produção de diferenciação entre a imagem de um “velhinho”, associado a uma passividade ao ficar em frente à tevê e ao sair de casa somente para jogar dominó, e o que é denominado um “envelhecimento ativo”. Neste modelo de envelhecimento, é caracterizada saúde, disposição e também uma condição financeira favorável, distanciando-se das noções modernas que associavam a velhice à pobreza. Ao longo da matéria, aparecem diversos personagens que personificam essa forma de “envelhecimento ativo”, demonstrados como casos de “sucesso” e também, de certa forma, como modelos “inspiracionais” para os leitores da revista. A descrição desses sujeitos explora esse modelo de envelhecimento em diferentes instâncias, com uma rotina repleta de atividades físicas, dança, vida social, alimentação saudável, um “corpo enxuto” e uma vida sexual ativa.

Além de uma rotina atribulada, duas instâncias são destacadas na matéria como fundamentais para esse “envelhecer bem”: a relação com o trabalho e a saúde. A matéria enaltece como parte do projeto de envelhecimento saudável a continuidade de atividades profissionais após a aposentadoria. Segundo a reportagem, as empresas estariam contratando os mais velhos por uma “questão matemática, pois há mais gente sênior e qualificada na praça e menos jovens desse quilate disponíveis” (ISTOÉ, 2011). Essa relação com o trabalho é apresentada como algo desejável por esses sujeitos, com a divulgação de um dado de uma pesquisa realizada a pedido da revista Istoé, a qual indica que 65,7% dos entrevistados disseram que querem continuar trabalhando mesmo após a aposentadoria. Na reportagem, Carlos Coradi relata: “Pretendo continuar andando de moto e trabalhando até morrer” (ISTOÉ, 2011), o que endossa essa relação com o trabalho. A reportagem ainda evidencia que sua rotina pode ser desejada por pessoas mais jovens, conforme o trecho:

Coradi mantém uma rotina de fazer inveja a muitos jovens. Faixa-preta no judô, ele pratica esportes diariamente, trabalha mais de 12 horas diárias e desde adolescente mantém a paixão pela velocidade. Todo domingo, ele e os amigos do grupo de motociclistas “Anciãos ao Vento”, com integrantes entre 60 e 75 anos, se reúnem em viagens sobre duas rodas (ISTOÉ, 2011, grifo nosso).

No trecho acima, observa-se que o “estilo de vida” que é motivo de inveja para os mais jovens e, portanto, enaltecido, é uma rotina de trabalho de mais de 12 horas diárias, prática de esportes regulares e a paixão pela aventura. Debert (1998) investiga que a criação da expressão “terceira idade” busca produzir uma nova imagem do envelhecimento por meio de um esforço de criar novos termos e categorias para a velhice. Isso pode ser notado na matéria da Istoé, visto que há a utilização de novos termos para referir-se aos idosos a fim de se opor aos sentidos modernos ancorados a esses sujeitos. Alguns dos exemplos citados pela autora são as oposições: terceira idade vs. velhice; aposentadoria ativa vs. aposentadoria passiva; centro residencial vs. asilo.

O termo “terceira idade” é utilizado em uma tentativa de diferenciação dos “jovens idosos” e dos “idosos velhos”. Os primeiros são atribuídos a continuidade da vida ativa por meio da autonomia, dinamismo e das práticas de sociabilidade. Os segundos são indivíduos que não apresentam esses sentidos imputados à juventude, que não seguiram as cartilhas de prescrições, como a matéria da Istoé, para atingir uma velhice tida como “bem-sucedida”.

Debert (1997) aponta que, na modernidade, houve a emergência de etapas intermediárias entre a infância e a vida adulta, conforme os estudos de Ariés analisados no primeiro capítulo. Já na contemporaneidade, desvela-se a proliferação de ressignificações propostas para a velhice, distanciando-a de uma visão moderna de uma fase de vida que antecede à morte. Nota-se uma série de denominações para essas ressignificações como “envelhecimento ativo”, “envelhecimento saudável”, “meia-idade”, “terceira idade”, “aposentadoria ativa” e também “envelhecimento bem-sucedido”, já citados no presente capítulo. Essas noções são difundidas em discursos que prescrevem essas formas de envelhecimento como modelos “corretos” para viver a velhice na contemporaneidade.

Todas essas formas de produção do envelhecimento estão de acordo com o que a capa da revista Istoé ressalta em letras garrafais no termo “envelhecer bem”. Diante disso, fica implícito outro jogo de oposição além dos citados acima: o de “envelhecer bem” vs. “envelhecer mal”, que expõe um julgamento de valor, uma moralidade intrínseca nessas formas de envelhecimento. Portanto, prolifera-se e valoriza-se socialmente uma experiência de envelhecimento entendida como um estágio voltado para realização pessoal, o prazer e a realização de sonhos que não foram possíveis em outras etapas da vida. Além disso, percebe-se a valorização do sujeito velho que continua produzindo e, também, consumindo apesar da idade. A relação entre o envelhecimento e a noção de atividade são fundamentais para a análise de como é ser velho na contemporaneidade.

Sendo assim, é possível compreender que esse processo de deslocamento de sentidos acerca do envelhecimento não compõe somente uma disputa pelos termos para designar e diferenciar as etapas de vida. O termo “terceira idade” não é um mero substituto para “velhice”, uma vez que há um trabalho de eufemização que possui o intuito de tornar público, nominável, aquilo que não podia se exprimir (LENOIR, 1977). A respeito disso, Simone de Beauvoir (2018), ao investigar a temática da velhice na década de 70, proferiu que era necessário quebrar a espiral do silêncio acerca da temática. Pelo fato dos sujeitos velhos não possuírem um papel social e serem concatenados a sentidos negativos na modernidade, a velhice foi uma temática invisibilizada durante muito tempo. Logo, percebe-se o movimento na contemporaneidade de agenciar a velhice associada a uma gama de valores opostos à visão moderna e a uma “postura moral” de como deveriam se portar e agir. Conforme demonstra Birman (1988), esse processo de deslocamento em torno da velhice a transformou em uma problemática investigada nos campos da ciência, da sociedade e da ética. Isso posto, a velhice saiu do campo do silêncio e foi inscrita no campo do discurso. Essa inscrição no campo do discurso e a relação dessa forma de “envelhecimento ativo” com a visibilidade serão esmiuçadas ao longo do presente capítulo.

A partir dessas noções, cabe investigar quais as possibilidades de emergência e de consolidação desse discurso de verdade do “envelhecer bem” na contemporaneidade, entendendo esse termo como síntese dos eufemismos de “envelhecimento ativo”, “envelhecimento saudável” e “envelhecimento

bem-sucedido”, caracterizados pela integração, “autogestão”, autonomia e atividade (PEIXOTO, 1998). A noção de envelhecimento “bem-sucedido” foi proposta pelo cientista e empresário do ramo de seguros, John W. Rowe e pelo cientista social Robert L. Kahn. Segundo os autores, houve a necessidade de diferenciar as formas de envelhecimento que eram investigadas pela gerontologia, que distinguia os processos de envelhecimento pela presença ou não de estados patológicos nos sujeitos. Rowe e Kahn (1997) propuseram a distinção entre dois grupos de idosos não doentes: usuais, caracterizados por apresentar um alto risco a doenças, e os “bem-sucedidos” em que há um baixo risco e de “alta função”.

Conforme apontado pelos autores, para um envelhecimento “bem-sucedido”, é necessário mais do que a ausência da doença e a manutenção das capacidades funcionais, tendo em vista que um dos elementos mais relevantes é o “engajamento ativo com a vida”. As relações interpessoais e as atividades produtivas compõem essa noção de engajamento ativo. Essas últimas devem gerar valor social e não necessariamente serem remuneradas. De forma geral, esse envelhecimento tido como “bem-sucedido” envolve três fatores: baixa probabilidade de doença e deficiência relacionada à doença, alta capacidade funcional cognitiva, física e envolvimento ativo com a vida.

Desse modo, os autores propõem uma noção de envelhecimento “bem-sucedido” que envolve um modo de vida “de baixo risco”. A partir desse modelo de velhice, não basta uma velhice concebida pelo senso comum como “normal” sem patologias; é necessário um modo de vida que envolva baixo risco de doenças, um “desempenho” de “alta função” física e cognitiva e também ser um sujeito engajado e ativo. Chama a atenção o fato de um dos pesquisadores que propuseram o termo, John W. Rowe, ser fundador de uma empresa de seguros. Um modelo de velhice pautado em um estilo de vida que diminui os riscos de doenças e focado na prevenção de doenças é rentável aos negócios de Rowe, pois há menos necessidade de acionar o seguro. Dessa maneira, é interessante observar as relações de poder e interesse implícitas na propagação desse discurso da velhice “bem-sucedida”.

Esse discurso da velhice emergiu e ainda é agenciado, principalmente, pelas instâncias da ciência, mídia e mercado, que atuam na lógica de efeito-instrumento

desses discursos de verdades. Assim, o “envelhecer bem” passou a ser valorizado na sociedade, e emergiram diferentes formas de recomendações e normas de como atingi-lo; uma espécie de “pedagogia” de como produzir a sua velhice, assim como abordado por Debert, por meio de “uma parafernália de receitas envolvendo técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, medicamentos, bailes e outras formas de lazer” (DEBERT, 1997, p. 4).

O “envelhecer bem” transforma-se em um projeto de vida, com uma série de prescrições de “cuidados” que, nesses discursos, recomenda-se que sejam iniciados bem antes dos 60 anos de idade. Essa questão é abordada com ênfase na matéria da Istoé, conforme o seguinte trecho:

O mantra reprisado pelos especialistas em envelhecimento ativo quando perguntados sobre como construir um futuro tranquilo e prazeroso. O segredo, garantem, é planejar a velhice a partir de hoje. Não importa qual idade se tenha. Foi o que fez o empresário paulistano Jorge Nahas, 31 anos. Ele já programou o dia em que não acordará mais com a obrigação de ganhar dinheiro – e isso deve acontecer antes dos 50 anos. Quando tinha 15, seus pais fizeram sua previdência privada. Aos 20, passou a investir em ações e, hoje, também tem imóveis. Poupar para o futuro não é sua única preocupação. Nahas frequenta a academia todos os dias, faz corrida de aventura, namora, viaja com os amigos e cortou o excesso de doce e carne vermelha de seu dia a dia. Estresse é uma palavra vetada de seu vocabulário (ISTOÉ, 2011, grifo nosso).

Na citação acima, pode-se analisar que essa lógica de prevenção e de produção da velhice é algo que “deveria” ser cultivado independentemente da idade do indivíduo, segundo especialistas. Isso é reforçado logo em seguida com o exemplo de Jorge Nahas, que já aos 31 anos segue uma série de recomendações de preparação financeira e física para o seu envelhecimento. Esse é o “segredo” para um “envelhecer bem”, conforme a reportagem. A partir da citação acima, é possível observar a visão da velhice como um “projeto” que necessita de planejamento e uma série de prescrições de saúde e estilo de vida, como exercício físico, alimentação balanceada, interações sociais e redução do estresse.

Um dos pontos destacados por Rowe e Kahn (1997) para o envelhecimento “bem-sucedido” é a relação com estresse: o sujeito deve evitar situações de esgotamento físico e emocional constantes e apresentar resiliência, ou seja, a capacidade de se recuperar rapidamente desses episódios e “retornar a cumprir os

critérios de sucesso” (ROWE E KAHN, 1997, p. 439, tradução nossa)¹⁶. A utilização dos termos “planejamento”, “resiliência”, “programação” e “poupar” apontam como termos do universo empresarial e financeiro adentraram em diversos âmbitos da vida contemporânea.

O indivíduo deve manejar o seu “estilo de vida” calculando riscos em seus comportamentos, de forma a prevenir doenças que podem afetar o seu envelhecimento e também a garantir uma condição financeira favorável. Essa dimensão do risco demonstra-se relevante na contemporaneidade: o pesquisador Paulo Vaz (2006) aponta que tal noção implica uma “escolha” do indivíduo que está diante de uma oportunidade de ter prazer e é instigado a considerar seus atos, pois eles podem ter consequências negativas no futuro. Essa “escolha” envolve um duplo risco, uma vez que o sofrimento futuro é apenas uma probabilidade e também o indivíduo no futuro pode arrepender-se de ter se privado de prazeres em seu passado. Segundo o autor, a noção do risco expõe a dinâmica entre a ciência e a mídia na contemporaneidade:

A cientificização do cotidiano por meio da divulgação midiática dos riscos é um dos modos de se promover o ajuste entre os vetores tecnológico e econômico. O corpo, virtualizado na forma de pesquisas sobre riscos associados a predisposições genéticas e hábitos de vida, é um bem a ser administrado – os médicos costumam usar o conceito de capital saúde (VAZ, 2006, p. 55).

O trecho acima aponta o papel da divulgação midiática, que atua como aquela que adverte acerca dos riscos apresentados pela ciência e oferece soluções para contorná-los (VAZ, 2006). Ainda há um elemento a mais que entra nessa dinâmica entre ciência e mídia: a “entidade” do mercado, uma vez que a mídia e a ciência propagam certos estilos de vida que também são comercializados por uma gama de medicamentos, atividades, produtos, alimentos, etc. Com base nisso, estimula-se uma existência baseada no planejamento de tempo e controle do corpo, que é visto como um capital, um bem a ser gerido. O mesmo ocorre com os discursos do “envelhecer bem”, que implicam em uma postura de planejamento corporal e constante prevenção de riscos para atingir uma velhice considerada “bem-sucedida”.

¹⁶ Texto original: “We propose the concept of resilience to describe the rapidity and completeness with which people recover from such episodes and return to meeting the criteria of success”.

Em suma, a velhice é apresentada como um projeto individual, cuja incumbência é exclusiva do indivíduo, que deve ser responsável pela sua vida e morte.

Debert (2004) indica como “reprivatização do envelhecimento” esse processo em que a velhice deixa de ser atrelada a uma preocupação social sob tutela dos estados e se torna um fenômeno individual. Sendo assim, os cuidados e também os custos de envelhecer devem ser absorvidos pelos próprios indivíduos, segundo essa lógica da reprivatização que aponta uma desresponsabilização dos agentes públicos com esses sujeitos. De forma condizente, o texto da reportagem demarca que o planejamento financeiro do personagem iniciou-se com uma previdência privada, deixando de lado o direito garantido da previdência pública. Esse projeto de envelhecimento de Nahas e de outros personagens citados na matéria é apresentado como um modelo capaz de, supostamente, ser planejado e executado por toda a população. Com planejamento, uma rotina de exercícios e uma alimentação balanceada, todos podem “envelhecer bem”.

Com base nisso, tais formas de envelhecimento não consideram grande parte da população brasileira, que não possui condições de receber uma aposentadoria dos pais, investir em ações, manter uma alimentação dita apropriada e nem o modelo de rotina considerado ideal e “saudável”. Percebem-se inúmeros fatores que são deixados de lado na produção desse discurso de envelhecimento “bem-sucedido” que vão muito além de um projeto individual.

Com base nessas noções, os próximos subtópicos aprofundam algumas dimensões do discurso do “envelhecer bem”, de forma a analisar os ditos, os não ditos e qual solo de condições possibilita que esse discurso de verdade seja retratado de forma tão recorrente em produtos midiáticos, documentos oficiais e recomendações médicas. A perspectiva dessa pesquisa se afasta da suposição de que essa forma de envelhecimento seria “melhor” do que a experiência de envelhecimento moderna, recusando juízos de valor entre diferentes temporalidades históricas. O que se busca é diagnosticar essas noções e compreender a camada de sentidos, valores, práticas, instituições e saberes intrínsecos a esse discurso.

2.2 “Como você quer envelhecer?”: a moral da velhice “bem-sucedida”

Imagem 6: Vídeo “É tempo de decidir: Como você quer envelhecer?”



Fonte: Canal Longevidade Saudável (2013)

A imagem acima refere-se ao vídeo “É tempo de decidir: Como você quer envelhecer?”, uma produção publicitária canadense que indica a intenção de problematizar o envelhecimento do cidadão médio canadense. Nesse vídeo, há um paralelo entre as duas formas de envelhecer analisadas no tópico anterior. À esquerda, uma “boa velhice”, composta por um sujeito sorridente que brinca com suas netas, anda de bicicleta, confraterniza com amigos, possui hobbies. De forma geral, uma velhice associada à felicidade e à autonomia. À direita do vídeo, uma forma “ruim” de viver a velhice, representada por um sujeito acamado em um hospital. Ele está pálido, com o corpo debilitado devido a enfermidades e necessita de auxílio para beber água.

Logo no início, nota-se o seguinte adendo: “O vídeo a seguir mostra duas maneiras de envelhecer. A primeira é com saúde plena e independência. A segunda é com patologias e comorbidades. Todos temos o direito de escolher”. A partir dessa imagem 6 e da capa da revista Istoé debatida no início do capítulo, é possível analisar a importância concedida pelo discurso do “envelhecimento saudável” ou “bem-sucedido” para a saúde, a autonomia e a dimensão da escolha individual. Neste subtópico, analisam-se as condições de emergência desse modelo de envelhecimento “bem-sucedido”.

Esse modelo de viver a velhice é recorrentemente pautado em diferentes produtos midiáticos como revistas, séries, filmes e propagandas, além de ser objeto

de estudo de diferentes instituições. A Organização Mundial da Saúde (OMS) disponibilizou um estudo denominado “Envelhecimento ativo: uma política de saúde” (OMS, 2005) e, posteriormente, a publicação do “Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde” (OMS, 2015). Além disso, a Organização Pan-Americana de Saúde definiu a “Década do envelhecimento saudável 2020-2030” (OPAS, 2020) que aponta algumas ações para construir uma sociedade para todas as idades.

A definição de envelhecimento saudável proposta pela OPAS envolve “o processo de promover e manter a capacidade funcional que permite o bem-estar na velhice. A capacidade funcional é ter os atributos que permitem que todas as pessoas sejam e façam o que é importante para elas” (OPAS, 2020). Além disso, a proposta da organização tem como um dos seus principais objetivos “mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento” (OPAS, 2020). Nessas ações, observa-se esse processo de ressignificação da temática da velhice, associando-a às noções de capacidade funcional e “bem-estar”. Assim, estimula-se a visão do corpo como um bem a ser gerido, um corpo que deve ser “funcional”, ou seja, exercer alguma função produtiva ou social.

Um elemento comum a esses documentos, e também a grande parte dos estudos acerca do envelhecer, é o alerta para um ritmo acelerado do envelhecimento da população em diferentes países do mundo. O aumento do número de pessoas velhas é apresentado como uma questão relevante para governantes e para a sociedade em geral. A partir dessa problemática, tais documentos evidenciam o “envelhecimento ativo” e o “envelhecimento saudável”; esses dois conceitos têm como características bem-estar, qualidade de vida, autonomia e, evidentemente, saúde.

O primeiro termo refere-se ao “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p. 13). O segundo aponta o “processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada” (OMS, 2015, p. 13)”. É relevante observar que essas formas de envelhecer não possuem ênfase somente na ausência ou diminuição de doenças, mas em um processo de “otimização” do corpo para buscar um

determinado modelo de saúde e um estilo de vida ancorados na qualidade de vida e no “bem-estar”.

A noção de qualidade de vida é um conceito que abarca diversos sentidos. Percebe-se um consenso de que essa definição é multidimensional e envolve:

Bem-estar material (finanças, renda, qualidade da moradia, transporte), bem-estar físico (saúde, condicionamento físico, mobilidade, segurança pessoal), bem-estar social (relacionamentos pessoais, envolvimento com a comunidade), bem-estar emocional (afeto positivo, bem-estar mental, saúde, realização, satisfação, fé/crença, autoestima) e bem-estar produtivo (competência, produtividade¹⁷) (SHEK, 2012, p. 473, tradução nossa).

Dessa maneira, a noção de velhice “bem-sucedida” envolve essa gama complexa de fatores. Para atingir essa velhice, os sujeitos são estimulados a um estilo de vida “preventivo” que envolve o planejamento e controle do campo nesses diferentes aspectos da qualidade de vida. Conforme indicado por Rowe e Kahn (1997), o envelhecimento “bem-sucedido” afasta-se da noção de uma velhice tida como “normal”, sem doenças, uma vez que há o agenciamento de uma versão “otimizada”, em referência ao termo utilizado pela OMS, e idealizada de velhice que pressupõe o “bem-estar” em diferentes âmbitos da vida.

A relação entre envelhecimento e saúde aponta alguns deslocamentos nas estratégias biopolíticas na contemporaneidade. O “fazer viver” da população almejado nas biopolíticas modernas agora desloca-se para um campo mais complexo em que a mídia, a tecnociência e o mercado atuam como dispositivos que implementam novas técnicas de administração do corpo social. O sociólogo Nikolas Rose analisa esse deslocamento ao apresentar que as políticas de vida da contemporaneidade não estão mais delimitadas somente pelos polos de saúde e doença. Além disso, é uma política em que a vida é capaz de ser controlada, administrada, remodelada, manipulada no nível molecular (ROSE, 2013). Um dos princípios dessa política de vida elencados pelo autor é o da otimização, em que não basta somente não identificar doenças, visto que o discurso sobre a saúde

¹⁷ Texto original: "The concept is multi-dimensional, including material well-being (finance, income, housing quality, transport), physical well-being (health, fitness, mobility, personal safety), social wellbeing (personal relationships, community involvement), emotional well-being (positive affect, mental health, fulfillment, satisfaction, faith/belief, self esteem), and productive well-being (competence, productivity)."

contemporânea busca “agir no presente a fim de assegurar o melhor futuro possível para aqueles que são seus sujeitos” (ROSE, 2013, p. 19).

Assim, as biopolíticas modernas deslocaram-se da busca dos acontecimentos aleatórios da população, em uma lógica de postergar a vida produtiva, para políticas de vida contemporânea voltadas a uma otimização dos limites do corpo, em busca da garantia de uma longevidade produtiva e “bem-sucedida”. Para isso, há constantes tentativas de manipular, recalculer e modificar os processos vitais humanos, seja por alterações genéticas ou por prescrição de um “estilo de vida” baseado na prevenção de riscos, na tentativa de evitar a probabilidade de se desenvolver certas doenças em seu futuro.

Essas políticas de vida que visam a otimização do corpo para a garantia de uma longevidade produtiva agem como efeito-instrumento no processo de subjetivação dos indivíduos contemporâneos. Esse processo de subjetivação inclui uma responsabilização do indivíduo na administração da própria saúde, na provisão da sua própria segurança e também do seu futuro (ROSE, 2013). O filósofo Francisco Ortega ressalta que o processo de subjetivação contemporâneo tem no corpo um elemento central, retomando o conceito de biossociabilidade. O autor designa uma forma de sociabilidade atravessada por grupos de interesses privados que se organizam, principalmente, a partir de critérios de saúde, performance corporais e longevidade (ORTEGA, 2008).

Dessa forma, esse processo de subjetivação organizado a partir de cuidados com o corpo e com a saúde produz novos valores, novos critérios de mérito e reconhecimento, além de novos modelos ideais, conforme aponta o autor: “as ações individuais passam a ser dirigidas com o objetivo de obter melhor forma física, mais longevidade, prolongamento da juventude, etc.” (ORTEGA, 2008, p. 31). Sendo assim, esses processos de subjetivação agem como produtores da lógica de sentido que visa prolongar a juventude e planejar, ainda nessa fase, um “investimento” na “boa” forma física como uma espécie de “garantia” de obter “sucesso” na saúde e na atividade física, cognitiva e produtiva na velhice. Além disso, agem também como produtos dessa razão neoliberal que estimula uma constituição de subjetividade “otimizada” que agencia a produtividade em diversos âmbitos.

É interessante observar que a juventude na contemporaneidade deixa de ser uma fase e passa a ser concebida como um valor, algo que “deve” ser cultuado ao longo da vida, provocando a utilização de termos como “idoso jovem”. Conforme pontuado assertivamente por Nikolas Rose (2013), o gerenciamento do corpo e de sua saúde, considerado um ato narcisista na sociedade moderna, atinge um status ético na condução de vidas na contemporaneidade. Assim, desvela-se um ideário de saúde que está implícito em uma lógica de manutenção de um corpo que é estimulado, proposto e suposto a ser produtivo ao longo de toda a vida, inclusive na velhice. A partir disso, esse ideário de saúde emerge como um imperativo para os sujeitos contemporâneos e não se trata somente da busca pelo estado corporal saudável, mas da razão de uma otimização dos limites do corpo em busca de uma velhice ativa, saudável, “bem-sucedida”.

Para uma gestão preventiva da vida, é recomendada uma série de rituais como os apresentados na matéria da revista Istoé, em que os entrevistados apresentavam uma rotina de exercícios constantes, uma vida sexual ativa, alimentação saudável, moderação de hábitos como beber, comer doces e carne vermelha, não fumar, evitar situações de estresse, manter uma vida social ativa e exercer alguma atividade produtiva. Além dessa série de cuidados, médicos apontam que “exercitar o cérebro” por meio da leitura ou aprendendo coisas, além de ter uma rotina adequada de sono são fatores relevantes para “envelhecer bem” (UOL, 2019).

Segundo Rose, há um deslocamento no processo de subjetivação contemporâneo, pois a individualidade e a conduta dos sujeitos estão ancoradas na sua existência corporal e física. A partir disso, Rose utiliza o termo “indivíduos somáticos” para se referir a esse processo de subjetivação. Diante desse deslocamento, emerge uma ética característica para esse novo regime de políticas de vida. Essa ética envolve alguns imperativos, como a maximização de estilos de vida, da qualidade de vida e de uma saúde corporal (ROSE, 2013).

Em convergência ao pensamento de Rose, Ortega (2008) reforça o caráter moral dessas políticas de vida voltadas para a saúde: “força, rigidez, juventude, longevidade, saúde, beleza são os novos critérios que avaliam o valor da pessoa e condicionam suas ações” (ORTEGA, 2008, p. 34). Dessa maneira, desvela-se uma

certa “moralidade da saúde” nos regimes de poder-saber contemporâneos, que agenciam certas visões sobre estilos de vida “corretos” e “inadequados”. É possível observar essa moralidade no vídeo “É tempo de decidir: Como você quer envelhecer?”, representado pela imagem 6, em que há uma comparação entre dois estilos de viver a velhice, sendo o que o indivíduo se apresenta saudável e ativo apresentado, implicitamente, como mais valorizado do que o segundo que apresenta um idoso hospitalizado. Desse modo, o ideário de saúde contemporâneo envolve como práticas de saúde algumas atividades que anteriormente não eram associadas a esse universo, como atividades sociais, esportivas, religiosas (ORTEGA, 2008). Os indivíduos são incentivados a aderir uma ética de cuidados corporais orientada pelo amanhã, mas que exige a execução de uma série de ações e práticas no presente (ROSE, 2013).

Tendo em vista políticas de vida voltadas para a otimização de estados corporais, essas formas de envelhecimento emergem como parte dessa ética somática, incentivando, propondo e estimulando que os sujeitos, visando uma forma de envelhecimento “bem-sucedido”, condicionem e governem as suas condutas desde a juventude até a vida adulta. Essas noções acerca do envelhecimento “bem-sucedido” são agenciadas por um forte discurso médico e midiático que invade o tecido sociocultural que concede a esse modelo de velhice efeitos de verdade, tornando-o um projeto de vida, uma vez que envolve um percurso que deve ser iniciado desde a juventude.

O “estilo de vida” esperado nas formas de envelhecimento consideradas “bem-sucedidas” é bem sintetizado por Ortega (2008, p. 36) no seguinte trecho: “Os idosos da atualidade são expostos como saudáveis, joviais, engajados, produtivos, autoconfiantes e sexualmente ativos”. Essas características apontadas por Ortega são evidentes na reportagem da revista Istoé apresentada no início deste capítulo com sujeitos que agenciam sentidos ancorados à juventude com um rotina repleta de exercícios físicos, atividades de lazer, trabalho e cuidados com a saúde.

É interessante a associação do envelhecimento ativo com a noção de “estilo de vida”, uma vez que este se refere a atitudes dos indivíduos na escolha de padrões de consumo e de comportamento que são recursos de como os indivíduos constituem as suas subjetividades e de como são subjetivados diante do olhar alheio

(FREIRE FILHO, 2009). Isto posto, a dimensão de “estilo de vida” é colocada como uma escolha, algo associado ao ato de consumo que você pode modificar quando considerar mais pertinente, bem como escolher dentre inúmeras séries na Netflix ou deixar de consumir um produto não desejado que está disponível na prateleira.

De forma a complementar a descrição do “estilo de vida” proposto nessas formas de envelhecimento contemporâneas, outro elemento crucial é a felicidade. Não somente para as pessoas velhas, mas para a população em geral, pois essa passou a ser uma obrigação e um direito primordial de cada um (FREIRE FILHO, 2010). O caminho para a felicidade envolve fatores como a autonomia, o cultivo da qualidade de vida e da autoestima (BIRMAN, 2010), ingredientes constantemente abordados nos veículos midiáticos como fundamentais para os modos de vida contemporâneos. A felicidade é um imperativo e um elemento de diferenciação para se envelhecer “bem”, tal como esses fatores de autonomia, qualidade de vida e autoestima, conforme estampado na capa da revista Istoé (imagem 5)

Cabe ressaltar que, por mais “universal” que o discurso da velhice “bem-sucedida” possa parecer, como algo possível e viável a qualquer sujeito, há um recorte necessário a ser feito. Esse projeto de velhice “bem-sucedida” possui um direcionamento voltado para as classes médias altas da sociedade, mesmo direcionamento do projeto e ideário de felicidade, conforme apontado por Birman (2010). Essas classes estão, de certo modo, aptas a exercer esse modelo de velhice, uma vez que são as classes de interesse do mercado financeiro e do consumo. Assim, esse projeto de envelhecimento “bem-sucedido” deixa à margem uma série de condições econômicas, sociais, de raça, gênero e classe.

Para os públicos de seu interesse, esse modelo de velhice é agenciado ao campo da escolha, como uma decisão rápida e fácil que o indivíduo pode tomar em busca de “envelhecer bem”. Conforme apontado por Ortega, a saúde é agenciada nesse campo de escolha: “a ideologia da saúde e da perfeição corporal nos faz acreditar que uma saúde pobre se deriva exclusivamente de uma falha de caráter, um defeito de personalidade, uma fraqueza individual, uma falta de vontade” (ORTEGA, 2008, p. 47). A partir do trecho apresentado, é possível observar o quanto o corpo e a saúde passam a constituir as noções morais contemporâneas, sendo os indivíduos não mais julgados por questões como o caráter, bastante

estimado em tempos modernos. Paula Sibilia (2016) indica que o eu dos sujeitos contemporâneos passa a se estruturar em torno do corpo em uma constante busca pela visibilidade, tendo o olhar alheio um papel fundamental em uma dinâmica em que é relevante aparentar para ser. Desse modo, os sujeitos contemporâneos passam a ser analisados pelo seu engajamento em atividades voltadas para o aprimoramento corporal.

Tendo como base uma subjetividade que se forma a partir de uma valorização corporal, o corpo passa a fazer parte da moral contemporânea, como indicado por Ortega (2008). Diante disso, a velhice também ganha novos sentidos e contornos morais, conforme apresentado na imagem 6, na qual são apresentados dois “estilos de vida” para os últimos dez anos do personagem. Um denota um modo de vida “adequado” para viver a velhice, com uma rotina ativa e repleta de momentos felizes, e outro é agenciado como “inadequado”, apresentando o personagem hospitalizado com dificuldades para se locomover. O autor indica que emergem duas figuras de idosos na contemporaneidade: a do “bom” idoso, que corresponde a um sujeito autônomo e responsável, e o “mau” idoso, que é incapaz de cuidar de si e, no limite, ser independente e produtivo (ORTEGA, 2008).

Assim sendo, observa-se uma lógica tirânica agenciada à velhice na sociedade. A dependência e a doença em estágios avançados da vida acarretam sentidos negativos atribuídos a esses sujeitos, como se não tivessem sido “responsáveis” na sua forma de gerir a própria vida e não tivessem “cuidado” do seu futuro. Essa moralidade dos sentidos da velhice possui um efeito na constituição de subjetividade dos jovens, uma vez que é estimulada a moderação e modulação de comportamentos que exercem a função de uma espécie de “investimento” para a garantia de uma velhice “bem-sucedida” com autonomia, felicidade e atividade produtiva.

A partir dessas noções, pode-se compreender o discurso da revista Istoé, escolhido para abrir esse capítulo, ao evidenciar em sua capa os “segredos” para “envelhecer bem”, considerando essa noção de “envelhecer bem” como um status nunca finalizado e que deve sempre ser “investido”, “planejado” e “gerenciado” em todas as etapas da vida. Com frequência, vê-se em propagandas, bem como em revistas e programas audiovisuais sobre saúde e qualidade de vida, a busca

constante pelo “aprimoramento” de seus corpos, seja ao alterar a alimentação, mudar hábitos, consumir produtos anti-idade, fazer atividades físicas ou procedimentos estéticos voltados para a diminuição de linhas de expressão. Emergem, assim, as “parafernalias” da velhice, conforme apontado por Debert (1997), com uma infinidade de produtos, soluções e serviços voltados a esse público.

Por conseguinte, o estilo de vida e o próprio projeto de velhice são também um mercado. Estudos de mercado como o “FDC Longevidade”, lançado em 2020, apontam a ascensão do denominado “mercado prateado”, composto por produtos e serviços voltados para os idosos. Esse é um mercado que tem chamado a atenção das empresas, uma vez que somente em 2020 a expectativa era de que esse segmento atingisse 15 trilhões de dólares (FDC, 2020). O processo de ressignificação do envelhecimento e o discurso da velhice “bem-sucedida” são vistos como uma oportunidade de negócios para diferentes mercados, como indicado por Carlos Ferreirinha, especialista do mercado de luxo:

A geração prateada de alguns anos tinha tempo, recursos financeiros, mas não tinha energia para gastá-los. Hoje, graças aos advenços nas áreas da saúde e do bem-estar, eles têm tudo isso. Eles têm energia, têm desejos, disponibilidade de tempo e dinheiro e uma saudabilidade muito maior do que de muitos jovens. Essa é a grande janela de oportunidade para o mercado como um todo (FDC, 2020).

Dessa maneira, o público velho é visto como um alvo de grande interesse das empresas, pois possuem recursos financeiros e energia para gastá-los. Vale a ressalva de quais pessoas são vistas como uma “oportunidade” para os negócios, estando implícitas uma condição financeira e classe social que podem excluir uma série de pessoas. Além da condição financeira, o que chama a atenção das empresas é a quantidade de pessoas, conforme indica Joseph F. Coughlin, fundador da iniciativa AgeLab do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT): “A população envelhecida não é somente grande, é enorme. É quase como se um novo continente estivesse emergindo do oceano, com mais de 1 bilhão de consumidores implorando por produtos que satisfaçam suas demandas” (VALLIAS, 2020).

Assim, emerge uma série de produtos e serviços que, conforme aponta o relatório da FDH (2020), vão “muito além da casa de repouso e do crédito

consignado”. Como exemplos dessas empresas, temos: Aura60+,¹⁸ que desenvolve cosméticos específicos para essa faixa etária; Maturi¹⁹, uma plataforma que concentra vagas de emprego e treinamento para pessoas com mais de 50 anos; 50Mais Courier Sênior,²⁰ uma empresa de micrologística que insere o idoso como entregador de encomendas, e a Telehelp²¹, empresa de monitoramento emergencial que disponibiliza produtos com um botão de emergência em casos de quedas ou necessidade médica.

Cabe ressaltar que, ao tratar sobre envelhecimento, há uma interseccionalidade para as mulheres entre o idadismo – preconceito contra os idosos – e o machismo ainda presente em diversos países. A antropóloga Mirian Goldenberg realizou estudos no Rio de Janeiro e observou essa diferença entre gêneros em relação ao envelhecimento, conforme o seguinte trecho: “muitas mulheres se queixam por se sentirem invisíveis socialmente, não serem mais consideradas desejáveis, serem ignoradas e praticamente transparentes ao olhar masculino” (GOLDENBERG, 2013, p. 91). A velhice é vista como um período de perdas do capital erótico e corporal, à medida que o afastamento desses capitais característicos da juventude acaba favorecendo um sentimento de invisibilidade pelas mulheres velhas. Conforme ironiza Sibilia (2011, p. 89) “não é fácil ser velho no mundo contemporâneo, ser velha, então, pior ainda!”.

O corpo velho feminino ainda é percebido com alguns estigmas, como a forma de se portar, se vestir e também acerca de sua aparência. Debert (2004) aponta que as rugas no corpo feminino são tidas como um sinal de “lassitude moral”, como se fosse algo que indicasse que a mulher não “se cuida direito”. Sibilia (2011) também aborda esse ponto ao demonstrar que as rugas, sinais naturais do envelhecimento do corpo, são considerados uma afronta à “moral da pele lisa” em meio a uma cultura somática e também de aplicativos e programas para edição da sua imagem. O Brasil é o país onde se realizam mais cirurgias plásticas no mundo (SBCB, 2020). Além disso, procedimentos não cirúrgicos também possuem alta procura, como é o caso da aplicação de toxina botulínica, conhecida por *botox*, procedimento que busca atenuar as linhas de expressão, como as rugas do rosto. Esse procedimento

¹⁸ Instagram da marca: <https://www.instagram.com/aura60mais/>.

¹⁹ Site da empresa: <https://www.maturi.com.br/>.

²⁰ Site da empresa: <https://www.50maiscs.com.br/>.

²¹ Site da empresa: <https://www.telehelp.com.br/>.

tem sido procurado por pessoas cada vez mais jovens que buscam “prevenir o envelhecimento e fazer pequenas melhorias” (VOGUE, 2021). Esse público tem procurado os consultórios influenciados por conteúdos nas redes sociais como o TikTok e o Instagram, conforme aponta na matéria da revista Vogue (2021).

Uma matéria do jornal El País aborda essa rotina disciplinada do projeto de “envelhecimento bem-sucedido” ao citar a atriz Jennifer Aniston, 52 anos, que mesmo antes dos 60 segue uma “draconiana rotina de beleza” composta pelos melhores cosméticos, procedimentos estéticos com médicos famosos, uma alimentação saudável e uma rotina de exercícios que envolve práticas diárias de boxe, ioga e exercícios cardiovasculares em aparelhos como bicicleta, elíptico e esteira (EL PAÍS, 2021). Uma rotina semelhante também é seguida por Jane Fonda, criadora da frase tão popular entre os amantes de atividade física: “*no pain, no gain*”²². A atriz e ativista é uma das pessoas frequentemente tratadas como um símbolo do envelhecimento saudável, sendo essa uma das suas pautas e parte de seu livro “O melhor momento” (FONDA, 2012) e da série que atua e produz, “*Grace and Frankie*”. No livro, a autora apresenta “onze ingredientes” para viver a velhice, considerada o “melhor momento”. Dentre eles está a moderação do uso de bebidas alcoólicas, não fumar, dormir bem, fazer atividade física, manter uma alimentação saudável e a “positividade”, ou seja, uma atitude positiva perante a vida, com alegria e humor.

Entretanto, um dos “ingredientes” fundamentais que são deixados de lado nas “receitas” para um “envelhecimento bem-sucedido” é o custo financeiro. A própria Jane Fonda comentou em uma entrevista que o custo dela para manter a sua “beleza” é muito elevado (CQCS, 2012). Assim, observa-se que, mesmo difundido em veículos midiáticos de massa, atingir o “envelhecimento bem-sucedido” é uma tarefa complexa e para poucas pessoas, em sua maioria com uma boa condição financeira, brancos e pertencentes às classes altas e médias da sociedade, já que estudos apontaram uma diferença de expectativa de vida entre bairros na cidade de São Paulo de, em média, 23 anos (G1, 2019). Posto isto, chegar aos 60 anos ainda é um feito pouco comum em muitas cidades e regiões brasileiras. Pode-se

²² A expressão pode ser traduzida como “sem dor, sem ganho”. Jane Fonda popularizou essa frase em seus vídeos de ginástica aeróbica, mercado em que foi precursora. Atualmente, a expressão é bastante utilizada no meio *fitness*, incentivando superar as dores musculares em prol dos “ganhos” musculares do exercício físico.

compreender que o corpo na contemporaneidade é constantemente estimulado a se submeter a um processo de transformação constante, no qual há uma linha mais tênue, entre intervenções que têm por objetivo agir sobre a prevenção de doenças e intervenções voltadas ao melhoramento das capacidades corpóreas (ROSE, 2013).

O discurso de prevenção de doenças relacionadas ao envelhecimento é bastante proeminente na contemporaneidade, principalmente no discurso médico. Pretende-se analisar as nuances dessa proliferação discursiva e compreender o que possibilitou que essa noção tenha se cristalizado e ganhado efeitos de verdade. Esse discurso pode ser observado em uma entrevista de uma geriatra à rádio EBC, na qual foram discutidos os “deveres de casa” para chegar a um “envelhecimento saudável”, conforme a resposta da médica:

A velhice é o somatório das escolhas que nós fazemos ao longo da nossa vida. Se você for parar para pensar, você não vê, é muito raro, você encontrar alguém que fica hipertenso, cardíaco, diabético, DPOC (doença pulmonar obstrutiva crônica) depois dos 80, 90 anos. Essas são doenças que, na verdade, você adquire aos 30, 40 anos por escolhas erradas que nós vamos fazer. Então, ao longo da vida, se eu bebo muito, se eu fumo, se eu como errado, se eu durmo mal, se eu não pratico nenhuma atividade física, ou seja, se eu faço má escolhas de qualidade de vida ao longo da minha vida, a velhice vai cobrar a conta. Não é possível você chegar a uma velhice saudável tendo feito escolhas negativas ao longo da sua vida (EBC, 2020, grifo nosso).

No trecho acima, é patente o agenciamento do discurso de envelhecimento saudável com uma razão utilitarista, ao sugerir que o envelhecimento de cada indivíduo é reflexo de uma conta matemática simples de escolhas certas ou erradas ao longo da vida. Observa-se o que Rose (2013) demonstra como um deslocamento nas noções de biopolíticas modernas para uma forma de gerir a vida que está, cada vez mais, a cargo dos próprios indivíduos, que são estimulados a gerir os riscos das escolhas dos seus estilos de vida em prol de uma “qualidade de vida saudável” e feliz. Além disso, atingir uma “velhice bem-sucedida” é algo que seria admirável socialmente, uma vez que aponta de que modo o indivíduo geriu a sua e a sua saúde ao longo de toda vida, como um caminho de escolhas e investimentos “corretos” que “resultam” em uma vivência de “sucesso” no futuro.

A partir disso, é possível constatar que revestido de um discurso de “qualidade de vida saudável”, nota-se uma narrativa moral de como gerir a si mesmo na contemporaneidade, em que há modos “corretos” e “incorretos” para essa gestão.

Assim, sentidos negativos são conferidos aos indivíduos que tomaram “más” decisões em suas vidas e, para eles, resta apenas uma experiência de envelhecimento agenciada como negativa.

Na continuação da entrevista, a geriatra recorre a uma pergunta que frequentemente faz aos seus pacientes: “Que velho você quer ser? Que tipo de velho você quer ser? Quando você começa a pensar nessa pergunta, você começa a vislumbrar as suas escolhas” (EBC, 2020). Em outro momento da entrevista, a jornalista se refere ao envelhecimento “saudável” como uma forma de velhice “digna”. Dessa forma, ficam evidentes os “tipos” de envelhecimento, conforme apontado por Ortega, definidos a partir da classificação entre uma “boa” e uma “má” velhice, no qual o próprio sujeito é o responsável por sua trajetória.

Essa narrativa moralizante e polarizada sobre a velhice é endossada pelo discurso científico de probabilidade de maior propensão a doenças crônicas devido a alguns hábitos do “estilo de vida” de cada um. Esse discurso é constantemente reforçado por uma lógica de “cálculo”, que indica que 30% do envelhecimento seria devido a fatores genéticos e 70% corresponderiam aos hábitos que o indivíduo teria ao longo da sua vida (G1, 2016). Um dado um tanto quanto questionável, mas constantemente reforçado midiaticamente. Essa lógica de “cálculo” se assemelha a uma abordagem do meio empresarial bastante conhecida: o princípio de Pareto, que aponta que 80% dos efeitos vêm de 20% das causas. Esse princípio é bastante utilizado para negócios e parece ter ganhado a sua versão também para reforçar um certo “estilo de vida” e atingir determinado modelo de velhice.

Nesta dinâmica, o futuro aparece como calculável e dependente somente de nossas ações, estando a morte e o sofrimento inseridos em uma lógica de que podem ser evitados (VAZ, 2009). Essa percepção do futuro como calculável constitui os princípios das tecnologias de antecipação e de simulação contemporâneas, as quais proporcionam uma generalização da cultura do risco (SANZ; PESSOA, 2020). Com base nessa noção de futuro calculável, constrói-se o discurso do risco analisado por Ortega, no qual:

O corpo e o self são modelados pelo olhar censurador do outro que leva à introjeção da retórica do risco, resultando na constituição de um indivíduo responsável, que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito e o afastamento dos riscos (ORTEGA, 2008, p. 33).

A partir do trecho acima, percebe-se um deslocamento nas formas de gerir a vida das biopolíticas modernas, outrora centradas no controle dos fatores aleatórios das populações e na classificação entre saúde e doença. Já na contemporaneidade, percebe-se a preocupação de gerir, tratar e administrar as pessoas que têm propensão a um alto risco por meio do desenvolvimento de técnicas, ações e procedimentos de gerenciamento desses riscos. Esses riscos articulam-se diretamente com essa noção de um futuro calculável em que até o seu próprio processo de envelhecimento pode ser modificado e modulado por meio de suas ações. Sendo assim, o modelo de velhice “bem-sucedida” implica nesse processo de gestão de comportamento e riscos ao longo de toda a vida. Mais do que somente um modelo de envelhecimento, a velhice “bem-sucedida” também é um projeto de velhice.

Diante de tamanha responsabilidade desse processo de gerir a si mesmo, os sujeitos, frequentemente, recorrem às opiniões e orientações alheias. Emergem as figuras de novos peritos pastorais, os peritos do corpo, cujo papel é “aconselhar e guiar, cuidar e apoiar indivíduos e famílias à medida que procuram encontrar um caminho através de dilemas pessoais, médicos e éticos que enfrentam” (ROSE, 2013, p. 20). Essa figura de perito do corpo é apropriada por especialistas, conforme visto no discurso da geriatra, e também pela mídia, como visto na capa da revista *Istoé*, analisada no início deste capítulo. A mídia exerce um papel de “pedagogia” ao veicular, reforçar e produzir formas de ser e estar no mundo na atualidade (FISHER, 2002), por meio de programas, notícias, entrevistas que difundem informações científicas, dicas de alimentação e exercícios físicos, dentre outras temáticas de como gerir a si mesmo. As empresas também exercem esse papel na sociedade por meio da publicidade, estimulando o desejo por certos “estilos de vida” que incentivam a venda de inúmeros produtos e serviços.

Dentre essas formas de ser e estar no mundo, estão as experiências de viver o envelhecimento. Seria equivocado notar a prevalência de produção de discursos

midiáticos acerca do envelhecimento como um rompimento da “conspiração do silêncio” analisada por Beauvoir em 1970. O que ganhou visibilidade na contemporaneidade foram discursos que enaltecem essas formas de envelhecer agenciadas como “bem-sucedidas”, que carregam uma carga moral de prestígio ou de julgamento dependendo da forma como o indivíduo gere a si mesmo. A prevalência dessas formas de envelhecimento deixa à margem uma série de outras vivências que são relegadas a sentidos negativos na sociedade.

Desta maneira, observa-se que o discurso das formas de envelhecimento é reforçado pelos discursos científicos, midiáticos e mercadológicos sobre o “envelhecimento saudável”, “envelhecimento bem-sucedido” ou “envelhecimento ativo”. Estes se ancoram em um discurso “científico” de saúde que é, essencialmente, um discurso moral de como os sujeitos velhos devem agir e se comportar na sociedade. Um discurso que não atinge somente os idosos, mas que também possui a função de estimular a “moderação” de comportamentos em diferentes idades em prol de uma forma de envelhecimento tida como ideal socialmente: um envelhecimento saudável, repleto de sentidos conferidos na juventude e, portanto, feliz. Aos indivíduos que não percorrem o caminho da “moderação” e fazem “más” escolhas na sua trajetória de vida recai um discurso punitivista em que o advento da doença na velhice é tratado como um “castigo”.

2.3 Velhice e a jornada do empreendedor de si

No subtópico anterior, pode-se investigar a emergência do modelo de “envelhecimento bem-sucedido” e a sua relação com a moral, saúde e consumo. A partir dessas noções, é possível observar esse fenômeno de um olhar mais amplo, que analisa também as estruturas e as minúcias das relações de poder intrínsecas à produção desse discurso acerca do envelhecimento. Emergem, assim, algumas questões como: qual conjuntura possibilita que esses valores, diferentemente de outros contextos históricos, sejam elencados como um discurso dominante acerca do envelhecimento e, além de ganhar efeitos de verdade, como o discurso que prescreve como “correto” sobre como os sujeitos devem envelhecer? Além disso, uma outra questão relevante a ser debatida acerca do envelhecimento contemporâneo é a quem interessa essa forma produtiva e performática de

envelhecimento, qual jogo de forças estão intrínsecos nesse discurso com peso de verdade. Essas questões irão conduzir o caminhar deste subtópico.

Na esteira da noção da ética somática de Rose (2013) apresentadas no último subtópico, o autor complementa que a própria vida biológica entrou no domínio da decisão e da escolha, em uma lógica que envolve o princípio do aprimoramento do código genético humano, bem como o princípio da dimensão do estilo de vida, em que o sujeito pode engajar-se em comportamentos considerados adequados socialmente. Os comportamentos são valorados como “bons” ou “ruins” a partir de uma “moralidade secular na qual a vida e a saúde são os únicos fins que vale a pena buscar” (ROSE, 2013, p. 66). Contudo, compreende-se que a saúde compõe um pilar relevante na moralidade dos sujeitos contemporâneos, mas que há outros elementos que também são imputados nos processos de subjetivação dos idosos.

Assim, pode-se compreender os sentidos agenciados à velhice contemporânea com o deslocamento das biopolíticas de vida apontadas por Rose. Para apreender de que forma as biopolíticas contemporâneas agem sobre os processos de subjetivação, é necessário recorrer à dimensão de governamentalidade utilizada por Foucault:

Conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população” (FOUCAULT, 2008, p. 143).

Esse conjunto foi analisado no primeiro capítulo, que apresentou a emergência das biopolíticas na sociedade moderna. Outra dimensão da governamentalidade utilizada pelo autor é a de governo de condutas, ou seja, “técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (FOUCAULT, 1988, p. 19). A partir desse conceito, entende-se como, a partir do estudo das instituições, discursos, análises, é possível examinar as formas de governar as condutas de outros e de si mesmo.

Foucault utiliza da governamentalidade para investigar o liberalismo e o neoliberalismo, fenômenos fundamentais para a compreensão da produção de discursos acerca da velhice contemporânea. Com o intuito de compreender um fenômeno específico como o envelhecimento, é necessária uma análise da

conjuntura de relações de poder da sociedade contemporânea, do jogo de forças nas formas de governar os indivíduos. Em seu curso denominado “Nascimento da biopolítica”, Foucault (2010) faz um desvio da sua temática da biopolítica a fim de tratar da governamentalidade do sistema neoliberal. Tal desvio ocupa grande parte do curso e fornece pistas essenciais para a compreensão desse sistema.

O autor ressalta um deslocamento do neoliberalismo ao transformar o modelo econômico em um modelo que envolve as relações sociais e a relação do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com o trabalho, com o futuro, com a família (FOUCAULT, 2010). Sendo assim, Foucault entende o neoliberalismo como algo além de um projeto econômico, visto que o compreende como uma forma de racionalidade que engendra os indivíduos como população e também como uma forma de gerir a si mesmo. Quais os princípios dessa racionalidade neoliberal? Há uma reformulação da sociedade a partir do modelo da empresa que integra o tecido social até o âmbito individual, pois os sujeitos também são impelidos a serem empresários de si mesmos, sendo “ele mesmo o seu próprio capital, sendo ele mesmo o seu próprio produto, sendo para si mesmo a fonte de seus rendimentos” (FOUCAULT, 2010, p. 286). Com base nisso, o sujeito gere a si mesmo a partir de um modelo empresarial que se estende aos mais diversos âmbitos de sua vida como trabalho, relações pessoais, cuidado com a imagem, lazer, sexualidade, etc.

Desta maneira, a sociedade é composta por inúmeras empresas, cada uma com seus próprios interesses, geridas por uma regulação concorrencial da sociedade. Portanto, a concorrência é um dos princípios da racionalidade neoliberal. Nessa sociedade, os sujeitos são concebidos como um capital humano, valorizável à medida que o indivíduo trabalha e também produz a si mesmo, conforme o seguinte trecho dos pesquisadores Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p. 331): “Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal”. Com base nessa noção, não é raro vermos termos oriundos do mercado financeiro como “investimento”, “cálculo”, “custos” e “perdas” estando presente em frases publicitárias, notícias ou em uma conversa como, por exemplo, o quão importante é “investir em você” ou que assistir algum filme é “perda de tempo”.

Isto posto, o formato empresarial se expandiu para as minúcias do cotidiano dos indivíduos, tornando tudo “capitalizável” e também propondo, supondo e estimulando sujeitos empresários de si mesmos com as seguintes características:

Trata-se do indivíduo competente e competitivo, que procura maximizar seu capital humano em todos os campos, que não procura apenas projetar-se no futuro e calcular ganhos e custos como o velho homem econômico, mas que procura sobretudo trabalhar a si mesmo com o intuito de transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre mais eficaz (LAVAL, 2016, p. 333).

O funcionamento da governamentalidade neoliberal se dá a partir desses princípios presentes na citação acima. Nota-se que é esperado e estimulado ao sujeito contemporâneo que se relacione com os outros a partir de uma lógica de competitividade, pois deve ser “competente e competitivo”. Isso posto, o sujeito deve maximizar seu capital humano, que deve constantemente ser transformado, aprimorado, tornar-se mais eficaz para sempre se manter no “páreo” da competição. O sujeito passa a constituir a sua subjetividade a partir de um modelo de empresa que se projeta no futuro a partir de um cálculo de ganhos, custos e riscos de seus comportamentos e ações.

O Estado reduz sua carga de responsabilidade ao tratar a população na qualidade de empresas, em que cada um gere seu próprio capital e também seus próprios riscos, a fim de maximizar seus resultados em uma existência baseada na competição. Outro autor que analisa essa razão neoliberal é o sociólogo francês Alain Ehrenberg (2010), ao observar a apropriação de elementos do esporte pelas práticas empresariais. Esse movimento teve início nos anos 80, na sociedade francesa, e se expandiu rapidamente para outros países.

Posteriormente, o discurso do esporte extrapolou o âmbito empresarial e, além de compor essa lógica, passou a ser utilizado como uma forma de gerir a si mesmo. Assim, o autor denomina “espírito empresarial” a valorização da competitividade e da autonomia dos sujeitos. Esses sujeitos são estimulados a ação para que maximizem o seu desempenho nessa jornada empreendedora, que se assemelha a um modo de vida “heroica” com um “estilo de vida que põe no comando a tomada de riscos numa sociedade que faz da concorrência interindividual uma justa competição” (EHRENBERG, 2010, p. 13). Para tanto, o

sujeito empreendedor deve ser capaz de governar a si mesmo, estar pronto para correr riscos e traçar de forma autônoma a sua jornada heróica, enquanto estabelece uma relação de concorrência com outros indivíduos que podem tornar-se “vilões” da sua jornada em prol do prazer, da satisfação pessoal e da felicidade.

Uma das características dessa forma de governamentalidade neoliberal é que, partindo do princípio da otimização ou do “culto à performance”, como enunciado no título da obra de Ehrenberg, nota-se um princípio de ilimitação (LAVAL, 2020), ou seja, não há limites ou “um ponto de chegada” nessa jornada heróica empresarial que visa a satisfação pessoal e o “sucesso”, uma vez que os sujeitos são estimulados a um processo de otimização constante e incessante, sempre em busca da próxima meta ou realização. Esse sujeito empreendedor de si também é um consumidor assíduo de produtos, marcas e estilos de vida elencados como desejáveis na jornada desse indivíduo. Essa “parafernália” de itens de consumo, utilizando o termo de Debert (1997), são “ferramentas” apresentadas como auxiliares nessa constante e incessante jornada heróica do indivíduo rumo ao “sucesso”.

O princípio de ilimitação abordado por Laval foi abordado por Deleuze em 1992, ao caracterizar o deslocamento entre os regimes de poder da soberania, da disciplina e do que se denominou de sociedade do controle. Esta última se afasta da sociedade disciplinar, em que os indivíduos nunca paravam de começar algo. Passavam de uma esfera de poder a outro, como a passagem da escola ao quartel, à fábrica ou ao hospital. Já nas sociedades de controle, “nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação” (DELEUZE, 1992, p. 221). Portanto, os sujeitos são submetidos a uma forma contínua e ilimitada de controle.

Entende-se que essa forma de subjetivação dos indivíduos a partir da noção do empreendedor de si ocorre de modo que a liberdade seja instrumentalizada. Assim sendo, o sujeito é livre para desejar e agir como julgar adequado, desde que seja responsável e saiba gerir a si mesmo, construindo a sua jornada de realização, conforme aponta Foucault (2010, p. 287): “O homem de consumo, na medida em que consome, é um produtor. E produz o que? Bem, produz simplesmente a sua própria satisfação”. Dessa maneira, os indivíduos aderem à racionalidade neoliberal de forma aparentemente voluntária, pois essa racionalidade pode não agir

diretamente sobre os indivíduos, mas age indiretamente sobre as regras do jogo, ou seja, age sobre a forma de funcionamento da sociedade como um todo (LAVAL, 2020).

Assim, o discurso neoliberal produz essa narrativa de que não há alternativa, a não ser a empreender a si mesmo, apresentando como escolha, por exemplo, a história do idoso que trabalha 12 horas por dia, abordada no início deste capítulo. Uma premissa importante da racionalidade neoliberal é de que o sujeito deve ser responsável pelos seus sucessos, mas também pelos seus fracassos. Esse processo incessante de otimização de si relega ao indivíduo o peso da competição da sociedade contemporânea (DARDOT; LAVAL, 2016). A autonomia é ainda mais valorizada no processo, uma vez que cada um deve ser responsável pela sua trajetória, vendo os outros como concorrência, ou obstáculos para seus objetivos, conforme expõe Laval:

A partir do momento que o sujeito é plenamente consciente e mestre de suas escolhas, ele é também plenamente responsável por aquilo que lhe acontece: a “irresponsabilidade” de um mundo que se tornou ingovernável em virtude de seu próprio caráter global tem como correlato a infinita responsabilidade do indivíduo por seu próprio destino, por sua capacidade de ser bem-sucedido e feliz (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 344).

Desta maneira, a racionalidade neoliberal produz os sujeitos que necessita para o funcionamento de sua governamentalidade, reduzindo o papel social dos Estados, fazendo com que os indivíduos sejam gestores de si seguindo os valores neoliberais da competição, autonomia e desempenho. Caso possuam alguma insatisfação ou frustração com a competição, são incitados a culpar somente a si mesmos e também a serem resilientes. Conforme apontado por Rowe e Kahn (1997), a resiliência é uma das características para uma velhice “bem-sucedida”. Além disso, também é uma característica importante para o empreendedor de si, uma vez que demonstra um sujeito que mesmo com percalços e obstáculos, continua tentando até conseguir se superar. Com base nisso, a resiliência é um elemento importante na “jornada heróica” dos sujeitos contemporâneos. Não por acaso, o fracasso e os obstáculos são alguns dos elementos que compõem a jornada heróica rumo ao sucesso e à felicidade.

Compreendendo a constituição, as camadas de valores e a lógica de subjetivação da governamentalidade neoliberal, é possível traçar um paralelo com o objeto de estudo da velhice “bem-sucedida” de modo a observar de que modo essa racionalidade neoliberal está ancorada a esse modelo de velhice contemporâneo. em questão: a produção do discurso sobre o envelhecimento bem-sucedido a partir dessa governamentalidade. Cada vez mais visibilizadas na contemporaneidade, essas formas de envelhecimento trazem em seu cerne uma velhice “digna” aos valores neoliberais do sujeito empreendedor de si, o qual deve empreender o seu projeto de envelhecimento de uma forma “bem-sucedida” a partir do imperativo da autonomia e “atividade”. Esta última assume os sentidos empresariais de produtividade, eficácia e desempenho, sendo o termo “envelhecimento ativo” bastante utilizado midiaticamente e em cartilhas médicas acerca do tema. Assim como a razão empresarial adentrou o âmago dos processos de subjetivação contemporâneos, o mesmo ocorre com a lógica do capital em que a própria vida torna-se o "valor humano", como citado por Rose (2013), a ser investido e otimizado segundo as relações econômicas.

Um elemento que não pode deixar de ser analisado quando se trata de um projeto de velhice bem-sucedido é a sua relação com o trabalho, que complementa essa imbricação ardilosa entre a velhice e o neoliberalismo. O trabalho até estágios avançados da vida é estimulado e valorizado nessa governamentalidade. Em 2007, para abordar a “nova aposentadoria”, a revista Exame incluiu o cantor Mick Jagger na foto da capa com a seguinte manchete: “O que você e ele têm em comum: talvez não seja a fortuna, nem o rebolado, nem os oito filhos. Mas, assim como Mick Jagger, você terá de trabalhar velhice adentro. A boa notícia: preparando-se para isso, vai ser ótimo” (EXAME, 2017). Baseado no enunciado da manchete de capa da Exame, observa-se um discurso falacioso ao utilizar o Mick Jagger como comparação para a população idosa brasileira, em termos de experiência de velhice. A revista não se esquiva também de positivar esse tipo de comportamento ao trazer como destino inevitável que os indivíduos precisarão se submeter a estender seus anos de trabalho e que isso será “ótimo”.

A revista possui como atual posicionamento da marca “O melhor investimento do seu tempo”, o que já apresenta uma cooptação do tempo na razão empresarial como um capital a ser investido. Ao longo da reportagem, a aposentadoria é

apresentada como um risco, “uma bomba capaz de destruir as finanças públicas de qualquer país”, mas que pode (e deve) ser amenizado com o incentivo da continuidade do trabalho após os 60 anos, conforme aponta o trecho: “em vez de ficar jogando baralho, continua trabalhando, pagando impostos, em suma, contribuindo para a economia” (EXAME, 2017b). A reportagem continua com um endosso à proposta da Reforma da Previdência, que ainda estava em debate e foi aprovada em 2019. Segundo a revista, “se passar pelo Congresso, será difícilimo ver jovens de 50 anos aposentados, como acontece hoje, o que é vital para equilibrar as finanças públicas”.

A partir dessa reportagem, a revista Exame incorpora e difunde as noções neoliberais de comparações injustas e distorcidas da população brasileira com famosos e empresários milionários. Estes, de fato, puderam escolher continuar a trabalhar, algo que na maior parcela da população não passa por uma escolha e sim, infelizmente, uma necessidade, já que somente o valor da aposentadoria fornecida pelo Estado não é o suficiente para ter uma vida digna. A proposta defendida pela revista e aprovada pelo Congresso, ao aumentar o tempo de contribuição e complexificar o recebimento do teto do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), dificulta ainda mais o acesso da população idosa à aposentadoria, que no ano de aprovação da reforma era de R\$ 5.839,45, dentre outras alterações (UOL, 2019b).

Essa dimensão de engendrar a velhice como um “peso econômico” para o restante da população reforça o idadismo, além de deixar à margem a realidade de muitas famílias que dependem do valor da aposentadoria para se sustentar, conforme pesquisa da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) que apontou 52% dos idosos como os principais responsáveis pela renda familiar (FCDL GO, 2021). A pesquisadora Mirella Pessoa (2020) apresenta o processo de individualização do sujeito na contemporaneidade como uma característica do enfraquecimento da dimensão da coletividade, princípio essencial para o funcionamento dos regimes de previdência públicos. Um sintoma que a pesquisadora aponta desse processo de individualização é a proposta, já vetada, de uma alteração no sistema de aposentadoria para o regime de capitalização, defendida pelo governo do presidente da república Jair Bolsonaro. A alteração previa um tipo de poupança feita pelo

próprio trabalhador para os indivíduos que ainda não estão inseridos no mercado de trabalho, algo divergente do modelo atual de repartição que funciona de forma coletiva. Essa proposta foi defendida com base no argumento de que daria mais “autonomia” aos trabalhadores, que poderiam escolher como o seu dinheiro seria investido para seu futuro (PESSOA, 2020). Assim, cada sujeito seria responsável por gerir seu próprio projeto de aposentadoria, acumulando valor financeiro ao longo da vida para poder desfrutar do seu “mérito” quando atingisse a velhice. Apesar de a proposta ter sido vetada, há uma proliferação de fundações com o objetivo de fornecer planos de previdência complementar, como a Fundação de Previdência Complementar do Servidor Público Federal do Poder Executivo (Funpresp), que fornece planos privados de previdência para servidores públicos do poder Executivo e Legislativo. Assim, estimula-se uma visão da necessidade de uma “renda adicional”, pois o valor de previdência do INSS não seria suficiente para garantir uma aposentadoria confortável a esses servidores.

Outro fato veiculado na mídia relacionado às temáticas de trabalho e envelhecimento foi uma notícia de uma idosa de 101 anos que distribuiu currículos para “poder comprar vinhos sem depender de ninguém”, segundo a reportagem (G1, 2021). Sua história “viralizou” a partir de uma postagem da analista de seleção de um frigorífico que recebeu seu currículo, na qual narra o fato como um ato de “empoderamento” e “uma lição de coragem, força e independência pra todas nós”, conforme a imagem 7.

Imagem 7: Postagem em rede social sobre o currículo.



Fonte: G1 (2021)

Ao julgar como um ato admirável uma pessoa com mais de cem anos pedindo emprego para conseguir comprar coisas que deseja, observa-se como o discurso do processo de reprivatização do envelhecimento apontado por Debert (1998), que indica o processo de responsabilização do indivíduo para gerir a própria velhice, ganha força na produção de sentidos da população. Nesse discurso, está presente, mesmo que de forma implícita, o jogo de verdades da velhice “bem-sucedida” pautada nos ideais de produtividade e autonomia. Nota-se que esse discurso também reproduz a moralidade desse modelo de velhice como algo “digno” de valores como a coragem e a força.

Assim, a figura do “aposentado”, que era enaltecida na emergência do termo “terceira idade”, popularizado nos anos 2000, desloca-se para esses sentidos de custo e risco econômico que devem ser amenizados com o imperativo do trabalho, ignorando que esse trabalhador contribuiu durante muitos anos para receber a aposentadoria. Essa é a lógica da reprivatização da velhice: cabe, cada vez mais, ao próprio sujeito velho o seu cuidado e manutenção, tendo de trabalhar, investir em uma previdência privada, zelar por sua alimentação e saúde, para, então, gerar

menos “gastos” aos cofres públicos. Dessa forma, dois discursos incidem sobre os corpos velhos contemporâneos: a responsabilização do seu projeto de velhice, de forma “desonerar” as entidades públicas com políticas e garantias de direitos a essa população, e o discurso da velhice “bem-sucedida” que estimula um “investimento” em um corpo dito saudável e ativo, o qual também possui como função “onerar” menos os cofres públicos.

Esse é o discurso cruel e perverso que a razão neoliberal agencia ao processo de envelhecimento, em uma roupagem “amenizada” do envelhecimento “bem-sucedido” como um projeto de vida feliz, saudável e ativo, em que o trabalho na velhice é digno de “mérito”. Nessa lógica neoliberal, nota-se a existência de um tipo específico de velhice e de envelhecimento que são postos na visibilidade midiática como modelos a serem alcançados. O “mercado prateado”, como é denominado esse setor de negócios voltado para produtos, soluções e serviços com foco no público velho, desvela a mão boba do mercado que não se esquivava de agenciar esse tipo de velhice como uma via rentável aos cofres públicos, às empresas midiáticas e às empresas e indústrias produtoras de bens e serviços.

Diante do que foi apresentado, observa-se como a noção de velhice “bem-sucedida” é engendrada em diferentes âmbitos, como no discurso científico, nas narrativas midiáticas, no discurso publicitário e também presente nas redes sociais. Conforme foi analisado, essa produção discursiva possui uma lógica de efeito-instrumento com a governamentalidade neoliberal, isso porque: ao mesmo tempo em que agencia os valores neoliberais, é também agenciada por eles. Sendo assim, além de um discurso, essa produção de sentidos acerca da velhice também ganha contornos de uma verdade moral que define, diante dos valores neoliberais presentes de formas mais ou menos implícitas em diferentes discursos, qual é a forma de envelhecimento adequada ou não.

Diante dessa lógica, percebe-se uma constante necessidade de diferenciação entre o que é “envelhecer bem” e o que é “envelhecer mal”, como ocorreu em uma palestra denominada “Só é velho quem quer”, concedida por um geriatra. Nela, foram elencadas frases como “Idoso é quem se exercita. Velho é só quem descansa e reclama. Idoso é quem sonha. Velho é quem apenas dorme. Idoso é quem se renova a cada dia. Velho é quem se acaba a cada noite que termina” (PUCRS,

2020). É possível analisar como a noção de atividade é ressaltada nesse modelo de “envelhecimento ativo” ou “envelhecimento bem-sucedido”, sendo aquele que descansa engendrado a uma “má velhice”. Portanto, é engendrado a esses sujeitos um discurso de uma moralidade produtiva ancorada a uma série de interesses econômicos da racionalidade neoliberal.

Esse modelo de velhice cria efeitos de verdade na contemporaneidade ao engendrar como “certa” essa forma ativa, produtiva, autônoma e feliz de envelhecer. O caminho para essa “realização” é apenas uma questão de “escolha”, algo que você pode optar ter ou não, como uma lógica de compra de um produto que está na prateleira. Entende-se aqui a dimensão da verdade a partir da análise de Foucault, que vai apresentar a relação desta com o poder, conforme o trecho:

O poder não pára de questionar, de nos questionar; não pára de inquirir, de registrar; ele institucionaliza a busca da verdade, ele a profissionaliza, ele a recompensa. Temos de produzir a verdade como, afinal de contas, temos de produzir riquezas, e temos de produzir a verdade para poder produzir riquezas. E, de outro lado, somos igualmente submetidos à verdade, no sentido de que a verdade é a norma; é o discurso verdadeiro que, ao menos em parte, decide; ele veicula, ele próprio propulsa efeitos de poder. Afinal de contas, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 1999b, p. 29).

No trecho acima, observa-se de que forma a verdade é produzida e constituída na sociedade e como ela submete os indivíduos; além de uma noção que não é dada, ela incide diretamente nos processos subjetivos dos sujeitos. Cada discurso tido como verdadeiro carrega uma moralidade específica de cada regime de poder e a sua governamentalidade. Assim, esse discurso se propaga por toda a sociedade por meio de suas instituições, técnicas, aparatos de poder e nas relações de poder entre sujeitos, inclusive na forma como eles constituem a si mesmos. Foucault aponta o poder da verdade como uma norma que julga, classifica, condena a uma certa maneira de viver e morrer. A partir do que foi analisado, pode-se complementar também como uma certa maneira de envelhecer que emerge da racionalidade neoliberal.

Em convergência a essas noções, o pesquisador Almir Pedro Sais apresenta um entendimento da velhice como um dispositivo, conceito presente no pensamento de Foucault e sintetizado por Giorgio Agamben (2005) como um conjunto de

processos, práticas e mecanismos que atuam na relação entre os elementos discursivos e não discursivos. Os dispositivos possuem uma função estratégica e estão inscritos nas relações de poder, por isso são capazes de “capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2005, p. 13). Sendo assim, a velhice seria um dispositivo por ser uma tecnologia de poder:

Uma máquina de positivar, uma máquina de fazer ver e fazer falar que produz realidades, subjetividades, que objetiva indivíduos, que subjetiva sujeitos, que sobredetermina modos de relação do sujeito consigo mesmo, que produz também uma experiência do viver, que produz im-possibilidades do viver, uma velhice (SAIS, 2011, p. 22).

Com base nesta noção do dispositivo, entende-se o discurso da “velhice bem-sucedida” como uma tecnologia de poder que produz realidades e subjetividades, experiências “adequadas” e “inadequadas” de envelhecer, a partir da regulação de hábitos e comportamentos dos sujeitos, com o intuito de gestão desses corpos velhos. Uma gestão neoliberal desses corpos, por meio de uma racionalidade que é apresentada como única alternativa para a vida em sociedade, na qual resta aos indivíduos inventarem a si mesmos, como aponta Laval: “quando não se pode mudar o mundo, resta inventar-se a si mesmo” (LAVAL, 2016, p. 344).

Esse é o processo que ocorre na produção discursiva da velhice “bem-sucedida”, já que não foi “interessante” ou “rentável” encontrar outras formas de fazer com que pessoas idosas participassem da vida social, em uma cidadania considerada digna de direitos. A alternativa foi agenciar formas de uma velhice que fossem palatáveis aos olhos dessa racionalidade cruel que engendra sujeitos como capital, associando-se, assim, a valores neoliberais como atividade, produtividade, autonomia, felicidade, resiliência e sucesso que são ancorados a uma boa forma corporal. Essa forma de velhice foi ordenada como “exemplo de sucesso” para esses indivíduos de como devem gerir a si mesmos.

3. AS FALÁCIAS DO DISCURSO DA VELHICE “BEM-SUCEDIDA”

3.1 Tirania do mérito: os cinismos da velhice “bem-sucedida”

O que foi apresentado nos capítulos anteriores indicam as condições de possibilidade da emergência do discurso da velhice "bem-sucedida". Diante dessa análise, foi possível investigar como o fenômeno do envelhecimento, que está longe de ser apenas um fato biológico, é revestido por valores e relações de saber de cada regime de poder. A principal força motriz da presente pesquisa é analisar a produção discursiva da velhice “bem-sucedida”, uma narrativa cristalizada na contemporaneidade e publicizada com o objetivo de que muitos sujeitos endossem e procurem tais formas performáticas de envelhecimento. A partir dessa noção de velhice “bem-sucedida”, investiga-se que está em suas minúcias na forma de conduzir a conduta de sujeitos, agindo como um dispositivo, conforme apresentado no capítulo anterior.

Entretanto, ao analisar o que está explícito e implícito no discurso da velhice “bem-sucedida”, observa-se que ela não é tão “feliz” e acessível a todos ao contrário do que é apresentado discursivamente em meios midiáticos. Esse modelo de velhice possui uma forte carga moral que reforça o idadismo, preconceito com as pessoas velhas, ao apresentar uma forma “certa” e “errada” de como envelhecer. Incrustado nesse discurso está a valorização de uma juventude e não da velhice em si, desse modo, o sujeito velho possui valor, somente se performar atividade, felicidade e autonomia, valores exaltados pela racionalidade neoliberal. Assim, o sujeito deve “mascarar”, o quanto possível, sinais corporais característicos dessa etapa da vida, como as rugas, a fraqueza física e a flacidez.

O discurso da velhice “bem-sucedida” é propagado em diferentes instâncias como uma fase da vida que estaria sendo mais valorizada na contemporaneidade, com destaque para os sujeitos que exibem esse modelo de velhice. Contudo, aos que não atingem o “sucesso” na forma de envelhecer, são relacionados a alguns sentidos como a noção de dependência, declínio e feiura. Esses sujeitos recebem a condenação moral de “fracassados” em seus projetos de velhice por não saberem administrar os riscos e cuidados necessários para o projeto de velhice jovem, saudável, ativa e feliz.

Um conceito interessante para analisar a proliferação midiática desse modelo de velhice analisado é o regime de visibilidade, cuja dimensão está não tanto no visível, “mas no que torna possível o que se vê. Dessas condições de possibilidade, participam máquinas, práticas, regras, discursos que estão articulados a formações de saber e jogos de poder” (BRUNO, 2013, p. 15). O regime de visibilidade está ancorado no modelo de velhice “bem-sucedida”, que propaga em filmes, séries e notícias, valores e jogos de poder que agenciam esse modelo de envelhecimento como algo valorizado socialmente e também almejado pelos sujeitos.

Todavia, à medida que esse modelo de velhice ganha visibilidade, inúmeras formas de envelhecer são invisibilizadas e marginalizadas socialmente. Assim, uma vigilância de si e de outros é engendrada, além de uma lógica de concorrência para atingir o “sucesso” na velhice. Essa noção de “sucesso” da racionalidade neoliberal está diretamente ancorada ao mérito, algo que compõe a camada de valores empresariais que estão incrustados no processo de subjetivação contemporâneo.

O filósofo Michael J. Sandel, em seu livro “A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?”, aponta de que forma o discurso meritocrático foi cristalizado no senso comum e instrumentalizado para reforçar a competitividade e “justificar” as desigualdades do sistema neoliberal. Esse discurso faz com que os indivíduos acreditem que o seu sucesso faz deles “vencedores”, algo que atingiram por meio do seu próprio talento e empenho. Dessa forma, a meritocracia constitui a ética neoliberal ao classificar os indivíduos entre “vencedores” e “perdedores”, o que possibilita a emergência de alguns afetos, conforme apresenta o autor: “entre os vencedores, gera arrogância; entre os perdedores, humilhação e ressentimento” (SANDEL, 2020, p. 33). Não raro, é possível observar na contemporaneidade que esses afetos são constantemente instrumentalizados em campanhas políticas, ao reforçar uma polarização entre “nós vs. eles”²³.

De acordo com Sandel (2020), a ética protestante do trabalho é a base do discurso da meritocracia. Elementos dessa ética constituíram o espírito do capitalismo, conforme descreveu Weber (1999). Além disso, deslocamentos dessa

²³ A polarização política é um movimento em que o opositor é visto como um inimigo que deve ser banido, eliminado. Essa é uma estratégia reforçada, principalmente, pela extrema-direita, movimento que ganhou força no Brasil em 2013, fortaleceu-se com o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016 e possui como um dos seus expoentes o presidente Jair Bolsonaro.

ética reverberam no imperativo da autonomia e na ética da autoajuda. Essa autonomia incide em uma responsabilização do indivíduo que “é gratificante quando as coisas vão bem, mas desmoralizante, e até mesmo punitiva, quando as coisas vão mal” (SANDEL, 2020, p. 59). Diante dessas noções, a velhice contemporânea é imbricada por esse discurso de mérito, classificando e julgando os indivíduos segundo “merecedores” e “fracassados”, termos frequentemente utilizados na linguagem esportiva e que se expandiram para o cotidiano dos sujeitos. Tais noções são sustentadas por um discurso falacioso de que o “sucesso” depende exclusivamente de cada um, deixando à margem uma série de fatores que fogem ao controle dos indivíduos.

A escritora e jornalista estadunidense Anne Helen Petersen, no artigo intitulado “Os *‘Millennials’* perceberam que a meritocracia não existe, não importa o quanto você se esforce” (EL PAÍS, 2021b), traça uma análise sobre os *millennials*, geração de pessoas nascidas entre 1981 e 1996, também conhecida como a geração da internet. A propósito da vivência dos *millennials*, a autora comenta que, independentemente do empenho e esforço dessa geração em acertar nas escolhas, “as coisas podem mudar muito rapidamente e você será substituído, a não ser que provenha de uma família muito rica e poderosa” (EL PAÍS, 2021b). Assim, em meio a um discurso que, superficialmente, prega uma falsa liberdade deixada a cargo de cada indivíduo e que todos deveriam ter oportunidades iguais de atingir “sucesso”, apresenta-se uma justificativa para a desigualdade, conforme aponta Sandel (2020, p. 161): “o ideal meritocrático não é remédio para desigualdade; ele é justificativa para desigualdade”. Desigualdade essa produzida pela própria racionalidade neoliberal que estimula, propõe e supõe esse discurso meritocrático.

O filme de terror/suspense “Tempo”, cujo pôster é apresentado na imagem 8, é uma imagem interessante para analisar os sentidos ambivalentes agenciados à velhice na contemporaneidade. Dirigida por M. Night Shyamalan e lançada no Brasil em 2021, a obra tem como eixo central um resort luxuoso em uma ilha, composto pelas instalações de habitação, piscinas e uma praia privativa que é “rodeada por rochas minerais incríveis, uma anomalia natural”, conforme relata um funcionário ao convidar uma família para conhecê-la. Essa família aceita o convite e chega a essa parte da ilha, onde encontra outros hóspedes do resort e, logo após, um corpo é encontrado por uma criança. Esse é o primeiro evento da narrativa a dar o tom de

suspense de que há algo particular nessa ilha. Após esse fato, uma idosa sofre ataque cardíaco, e a família também nota que as crianças estão famintas e, em poucas horas, cresceram rapidamente.

Imagem 8: Pôster de divulgação do filme “Tempo”



Fonte: Universal Pictures Brasil (BAND, 2021).

Após uma série de eventos trágicos, os personagens compreendem que a formação rochosa do local afeta as células de envelhecimento do corpo, fazendo com que uma hora na ilha equivalha a dois anos no corpo dos personagens, ou seja, um dia equivale a praticamente cinquenta anos. Diante dessa constatação, os personagens ficam desesperados para encontrar alguma forma de sair da ilha. No entanto, diversas tentativas são frustradas, já que as pessoas desmaiam ao se afastarem da costa da praia. Em meio a esse processo, os personagens percebem que ao menos uma pessoa de cada grupo que recebeu o convite para a praia privativa possui alguma condição crônica como câncer, epilepsia, diabetes, esquizofrenia ou doença cardíaca. Ao final do filme, demonstra-se que a escolha dos convidados não era nada aleatória, porque tudo não passava de um teste científico em que a estadia na ilha era monitorada e transformada em dados de análise para uma empresa farmacêutica denominada “Warren e Warren”.

O experimento se encerra quando um observador informa que todas as pessoas da ilha morreram. Esse observador leva os equipamentos com os registros do teste para o laboratório dessa empresa farmacêutica em que é anunciado o fim do “teste 73”, demonstrando que esse grupo da ilha não foi o primeiro e nem o último a ser submetido ao mesmo processo. Em seguida, o personagem que aparece no início do filme convidando a família para a praia privativa revela o intuito desses testes. Medicamentos que serviriam para tratar cada doença eram administradas por meio de uma bebida, oferecida para os hóspedes com doenças crônicas logo na chegada ao resort. Ao irem para a praia, seria possível testar a “eficácia” desses medicamentos de forma mais ágil, acelerando o que antes demoraria anos para ser comprovado, conforme aponta o personagem.

Em uma fala para os funcionários do laboratório, esse personagem ressalta que o que está sendo feito será capaz de salvar milhões de pessoas, apesar de vários testes falharem. Logo em seguida, um cientista anuncia o “sucesso” do “teste 73”, que foi capaz de adiar os sintomas de uma hospede com epilepsia por mais de oito horas, o que corresponde a mais de dezesseis anos para pessoas fora da ilha. O personagem tenta, mais uma vez, justificar o porquê de fazerem testes em humanos como se isso estivesse, de alguma forma, predestinado:

A natureza fez aquela praia existir por uma razão. Warren e Warren deviam encontrar ela na expedição de pesquisa. Devíamos testar medicamentos num dia, em vez da vida inteira. Há muito mais trabalho a ser feito, pessoal. Vamos fazer o que a natureza queria que fizéssemos (TEMPO, 2021).

A partir desse contexto do filme, é possível traçar algumas análises com temáticas abordadas no presente trabalho. O elemento que dá o tom do gênero ao filme é o rápido processo de envelhecimento, assim, nota-se o medo do envelhecimento e da morte. Sendo esse um elemento interessante, pois cada sociedade produz histórias sobre aquilo que mais teme. A narrativa possui traços de uma ficção científica que não busca retratar o futuro, e sim o tempo presente. Pode-se observar a relação entre a ciência e a lógica de mercado no filme, uma vez que uma das motivações dos experimentos é ser capaz de produzir remédios capazes de curar doenças crônicas de uma forma extremamente rápida, portanto mais lucrativa. A partir disso, nota-se alguns traços da racionalidade neoliberal abordados no filme, como a possibilidade de encontrar “soluções” para problemas

de saúde de modo “acelerado” e “otimizado” por meio desses experimentos, o que vai ao encontro dos anseios de um fluxo financeiro e de mercado globalizado acelerados. Em um trecho do filme, um personagem que é atuário de seguros vê o *flyer* da empresa “Warren e Warren” e comenta que, em seu trabalho, recomendam as medicações deles para baixar as taxas de seguro de seus clientes, demonstrando indícios dessa gestão de riscos com as biotecnologias contemporâneas.

Uma característica interessante na narrativa é que ninguém que sabe o que ocorre na ilha parece se opor ao experimento. A única ressalva dos funcionários é que deveriam separar os “puros dos doentes mentais” para não “comprometer” o estudo, referindo-se a um episódio de um paciente esquizofrênico que acabou assassinando outro hóspede. Dessa forma, desvela-se uma lógica cínica de “sacrifício” corroborada pelos funcionários da empresa que, ao induzirem a morte de diversas de pessoas para salvar bilhões, como se isso “compensasse” algo, deixam implícita uma razão utilitarista dessas vidas. Isto posto, embora seja uma obra de ficção, ao longo desse capítulo analisou-se de que forma o “ilimitado”, termo utilizado por Deleuze (1992) para descrever a lógica de funcionamento da sociedade de controle em que os indivíduos são submetidos a formas de controle contínuas e ilimitadas, também pode referir-se a questões morais em que os interesses financeiros sobrepõem a vida de forma ilimitada, principalmente a dos mais velhos.

Com base nisso, entende-se que o filme tece uma crítica em sua narrativa aos impulsos da tecnociência que, sob a perspectiva de que esse seria o caminho mais “adequado” e lucrativo a seguir, ultrapassa os “limites” biológicos. Portanto, o filme expõe um jogo de cinismo agenciado a uma razão científica e de mercado, que ultrapassa as barreiras da ficção por estar presente nos jogos de verdade contemporâneos. Um dos objetivos do presente capítulo é, então, investigar de que forma esse cinismo articula-se com o discurso da velhice “bem-sucedida”.

Refletir sobre a temática do envelhecimento na contemporaneidade a partir do gesto genealógico exige pensar na trama de jogos de poder-saber e de verdades de cada temporalidade histórica, assim como nos deslocamentos de sentidos ao longo do tempo. Um deslocamento relevante observado pela pesquisadora Paula Sibilia (2021) refere-se ao solo de valores, da passagem da hipocrisia moderna ao cinismo contemporâneo. A autora apresenta a transformação de imperativos entre esses

tempos históricos. Na modernidade, havia o severo “você deve” de uma sociedade centrada em regras e leis, e os sujeitos confiavam nas instituições e na objetividade científica. Essas características compuseram um solo fértil para a hipocrisia moderna, em que os indivíduos hipócritas fingiam ter qualidades ou sentimentos contrários aos que possuíam, em uma tentativa de dissimular sua verdadeira personalidade. Ao ser descoberto, o hipócrita sentia-se culpado pois sabia que mentiu e que isso está errado de acordo com as regras morais.

Em contraponto, os traços da cultura contemporânea ocidental baseiam-se no imperativo “você pode”, constantemente estimulado pela publicidade, que suscita o “eu quero” e “eu mereço” em uma sociedade que tende a estimular no lugar de reprimir. A dinâmica de valores e de crenças na atualidade são agenciadas pela confiança nas próprias convicções e experiências pessoais, em uma espécie de lema “eu vivi, eu sei” que desacredita de autoridades científicas. Portanto, a racionalidade neoliberal favorece a existência de uma espécie de mercado de crenças, um processador de informações, no qual não há um compromisso com a verdade e nem com a argumentação. Os sujeitos são estimulados a serem responsáveis e “livres” para embasar seus valores, crenças e, dessa forma, acreditarem no que desejarem (SIBILIA; JORGE, 2021).

Com base nisso, temos um novo regime de credibilidade contemporâneo evidente em temáticas populares como a pós-verdade, o fenômeno das *fake news* e seu papel no contexto político brasileiro. Esse regime de credibilidade contempla um relativismo moral característico do cinismo: já que os indivíduos são autônomos, livres e responsáveis por si, também podem modular seus valores e crenças para o que for conveniente. Sendo assim, o cinismo é caracterizado pelo descaso, pelo desprezo aos padrões sociais e morais (MICHAELIS, 2021). O cínico, ao ser descoberto, seguirá insistindo em sua mentira, não sente culpa e nem vergonha em seu ato (SIBILIA; JORGE, 2021).

A partir do apresentado, o cinismo é estimulado pela governamentalidade neoliberal, uma vez que escancara que os valores relevantes são aqueles do mercado; a “verdade” é aquilo que “vende” (SIBILIA; JORGE, 2021). Diante dessa governamentalidade embebida na lógica do mercado, desvela-se a comercialização total da vida, conforme aponta Han (2014). Em meio a uma sociedade de constante

avaliação e julgamento de si e do outro, até mesmo a sua amabilidade é comercializada, já que auxilia o sujeito a ser mais valorizado. Se características como a amabilidade são comercializadas na contemporaneidade, isso também ocorre com as crenças e os valores dos sujeitos.

Uma imagem interessante para observar como o cinismo já está presente há alguns anos na sociedade neoliberal é o documentário “Mercadores da Dúvida” (2015) dirigido por Robert Kenner, que apresenta como fabricantes de tabaco, agrotóxicos e petroleiras mentem, dissimulam e semeiam a dúvida sobre fatos científicos que afetam a vida dos indivíduos e do meio ambiente. As fabricantes de tabaco foram pioneiras nessa estratégia cínica: mentiram durante anos em tribunais de justiça sobre as consequências do fumo para a população, mesmo tendo conhecimento prévio dos riscos envolvidos no uso, como o caráter viciante e o aumento de probabilidade de desenvolvimento de doenças graves. Quando os dados científicos tomaram maiores proporções, as mentiras já não eram mais efetivas e, assim, as fabricantes deslocaram a sua estratégia para a disseminação da dúvida. “A dúvida é o nosso produto”, conforme indica um documento interno apresentado no documentário.

Dessa forma, a cobertura midiática passou a incentivar uma narrativa de necessidade de haver “dois lados da história” ao retratar os fatos, concedendo espaço para debates entre cientistas e os chamados “especialistas” que, em sua maioria, não possuem conhecimento técnico e científico para debater a questão. Essas empresas também perceberam que, além de plantar a dúvida, era necessário embasar a relação do fumo em uma camada de valores como a autonomia. Assim, tornaram os indivíduos responsáveis por suas escolhas, pois cada um deveria ser capaz de fazer um uso “moderado” do cigarro. Passaram a instrumentalizar um valor bastante caro aos sujeitos contemporâneos ocidentais: a liberdade. Com efeito, esse modelo cínico de atuação das fabricantes tabagistas foi e segue sendo utilizado por diferentes indústrias, conforme mostra o documentário, principalmente na disseminação de dúvidas sobre o aquecimento global.

A partir desse documentário, observa-se a camada de valores contemporâneos apontada por Sibilia e Jorge (2021) com um forte relativismo moral que desacredita dados científicos. Diante desse “mercado de crenças” proposto,

propagado e estimulado pela aliança entre mercado e mídia, é considerado aceitável que sujeitos afirmem uma coisa e logo após neguem o acontecido. Mesmo que o proferidor da mentira seja “desmascarado”, não tem porquê se preocupar, pois há uma forma de encontrar alguma justificativa que lhe caiba; muitas vezes, é algo como “o que importa não é o fato, mas os valores contidos na ideia”. Outras pesquisadoras que estudam esse fenômeno complexo na atualidade são Tatiana Roque e Fernanda Bruno (2018), cujas pesquisas apontam que as crenças e valores estão ocupando espaço nos debates investigando alguns entendimentos tidos como incontestáveis pela ciência, como o fato de que a terra é redonda e que as vacinas contra a COVID-19 são eficazes

Tendo como base esse regime de credibilidade característico do atual tempo histórico, são necessários diferentes métodos para combater esses argumentos. Segundo Roque e Bruno (2018), não é com a verdade que esses discursos devem ser contestados:

Nesse meio, vem crescendo a percepção de que a melhor maneira de combater a adesão a afirmações falsas – do ponto de vista científico – não é a verdade. Ou seja, o fenômeno da pós-verdade vem transformando consensos estabelecidos sobre a própria efetividade da argumentação científica e sobre a pertinência social de seus critérios. Diante desse dilema, que choca nosso senso científico, já se admite que talvez precisemos atualizar nosso modo de lidar com as evidências, perguntando às pessoas como elas se sentem em relação a uma afirmação científica (ROQUE; BRUNO, 2018).

Com base nesse novo regime de credibilidade contemporâneo, em que há um jogo de valores e crenças dos sujeitos, o intuito do presente capítulo é analisar de que forma o cinismo opera no agenciamento do discurso da velhice “bem-sucedida”. Assim, pretende-se observar o jogo discursivo que agencia essa etapa como um momento de realização e felicidade, mas que, ao mesmo tempo, reforça preconceitos e medidas governamentais que, no limite, podem prejudicar à população. Esse cinismo está presente em diferentes âmbitos na contemporaneidade, principalmente supostos, propostos e estimulados pela tríade mercado, mídia e tecnociência.

Em meio à racionalidade neoliberal, os interesses do mercado e do Estado imbricam-se de tal forma que passa a ser algo cristalizado. Um exemplo disso é a fala do atual ministro da Economia, Paulo Guedes: “Todo mundo quer viver 100

anos, 120, 130... não há capacidade de investimento para que o Estado consiga acompanhar" (IG, 2021). Essa fala foi utilizada para afirmar que a sobrecarga dos hospitais públicos não seria consequência da pandemia da Covid-19, mas sim "o avanço na medicina" e "o direito à vida" (IG, 2021). Portanto, o ministro critica cinicamente o aumento da expectativa de vida da população brasileira, como se fosse um "desejo" prejudicial aos cofres públicos. Novamente, vemos a responsabilização do indivíduo por uma questão que deveria ser de responsabilidade pública. Nessa fala, vemos um agente público que deveria governar de acordo com os anseios da população, tratando os idosos como um "custo" econômico insustentável aos cofres públicos. Além disso, o cinismo está presente na declaração do ministro ao tentar dissimular os efeitos da pandemia nos hospitais, utilizando os avanços da medicina para justificar o colapso do sistema de saúde pública do país.

A partir desse discurso, nota-se de que forma o cinismo opera com a temática do envelhecimento na atualidade, em uma razão neoliberal tácita de busca por produtividade e ganhos financeiros constantes. Assim, buscou-se investigar o "lado B" do discurso da velhice "bem-sucedida" analisando as estruturas que reforçam a segregação, o julgamento e o descaso com essa população. Para compor essa análise, dois acontecimentos foram elencados: a tecnociência, com suas inúmeras tentativas de "acabar" com o envelhecimento, e a biopolítica desastrosa de gestão de corpos velhos na pandemia de COVID-19, investigando principalmente o contexto brasileiro.

3.2 As ambições fáusticas do "extermínio" da velhice

Os anseios da indústria farmacêutica exibidos no filme "Tempo" possuem características que estão bem mais próximas à realidade do que se espera ao ver uma obra de ficção científica. Conforme apontado por Rose (2013), nota-se uma intensa busca pela otimização da saúde e do estado corporal dos sujeitos contemporâneos. As tecnologias médicas da atualidade agem de modo microscópico, manipulando os processos vitais do corpo. Isso também se aplica à velhice: além de mudanças no estilo de vida para atingir uma velhice

“bem-sucedida”, há uma gama de estudos de empresas interessadas em encontrar formas para “retardar” ou até “extinguir” o envelhecimento.

Segundo Rose (2013, p. 28), “o laboratório tornou-se um tipo de fábrica para a criação de novas formas de vida molecular. E ao agir assim, está fabricando uma nova forma de compreensão da vida” (ROSE, 2013, p. 28). Essa fala de Rose indica um deslocamento das formas da biopolítica na contemporaneidade. Na sociedade moderna, era uma forma de gerenciamento da vida voltada para as massas enquanto uma população. Na contemporaneidade, as possibilidades de gerir a vida atingiram níveis microscópicos por meio da reprogramação genética. Sibilia (2015)²⁴ também investiga essa temática ao utilizar duas imagens de personagens emblemáticos da cultura ocidental para compreender as transformações da dinâmica do biopoder na sociedade disciplinar e de controle.

A primeira imagem refere-se ao conto mitológico do Prometeu, um titã que acabou concedendo o fogo, uma tecnologia divina, para os humanos. Devido a isso, sofre um horrível e incessante castigo dos deuses: viver acorrentado a um penhasco com uma águia que, todos os dias, devorava seu fígado, que se renovava constantemente. O mito denuncia a arrogância humana ao tentar desafiar os deuses e volta-se para a intensidade da punição. Há uma relação com os saberes modernos crenes no progresso e na ciência, mas que se limitam quando tomam aspectos considerados divinos, como a vida humana. Por isso, a ciência prometeica reconhecia a existência de alguns limites que deveriam ser respeitados. Sibilia (2015) utiliza o mito prometeico como uma metáfora para pensar a produção de conhecimento da modernidade com seus jogos de saber e poder que marcam as subjetividades modernas. Desse modo, o mito prometeico demonstra que ultrapassar o código de limites modernos da sociedade disciplinar seria contrariar a norma e correr o risco de uma rígida punição, como a de Prometeu. Assim, as relações de poder da sociedade disciplinar exercem uma dimensão negativa que sujeita os indivíduos a partir do temor da punição.

A história de Fausto possui uma origem incerta e já teve diferentes versões, com sua representação mais notória na obra de Goethe. Diferente do titã Prometeu, o personagem é um humano, considerado um sábio em busca de conhecimento.

²⁴Paula Sibilia retoma as imagens de Prometeu e Fausto analisadas por Hermínio Martins no texto “Tecnologia, modernidade e política” (MARTINS, 1996).

Fausto faz um pacto com o Diabo para conseguir tudo o que desejar na Terra e o faz motivado pela vontade de conseguir superar as suas próprias possibilidades (SIBILIA, 2015). Evidentemente, um pacto com o Diabo traz consequências: a troca de Fausto é ceder sua alma ao demônio no inferno. Apesar desse risco, Fausto aceita a proposta e firma o pacto.

Diferentemente do Prometeu, que é marcado por uma terrível punição, Fausto alude à possibilidade de ultrapassar os limites da capacidade humana a fim de realizar seus mais profundos desejos. A história de Fausto é aproximada das tecnociências contemporâneas que exercem práticas biopolíticas para ultrapassar os limites da matéria orgânica, dominada por um impulso “insaciável e infinista”, conforme define Sibilia (2015, p. 50). Desta maneira, os tecnocientistas possuem consciência dos riscos de manipular a matéria orgânica, mas não se intimidam e, mesmo assim, o fazem.

A obra de Goethe também possui uma relação com o envelhecimento que é analisada por Beauvoir (2018), devido ao fato de o personagem Fausto iniciar a história como um velho que está infeliz, já que a ciência não lhe provocava nem orgulho e nem embriaguez, por isso não havia mais razão para viver. Segundo Beauvoir (2018), o autor concebe a velhice como uma imagem congelante e decepcionante. Isso se altera quando o personagem efetua o pacto e alcança o seu rejuvenescimento. Com isso, o personagem é capaz de “escapar aos próprios limites, reviver a vida como uma aventura, sem permitir que ela termine em um impasse” (BEAUVOIR, 2018, p. 201). Dessa maneira, a narrativa de Fausto corrobora os anseios por uma eterna juventude e aponta a possibilidade de alteração da matéria viva que se observa nas biopolíticas contemporâneas.

A velhice contemporânea é atravessada por esses impulsos fáusticos que desejam ultrapassar os limites da organicidade do corpo, o qual é considerado obsoleto pelas tecnociências que constantemente visam aprimorá-lo e transformá-lo em uma máquina “permeável, projetável e reprogramável” (SIBILIA, 2015, p. 17). Um dos mais audaciosos projetos da tecnociência fáustica é a tentativa de eliminar o envelhecimento e até mesmo a morte. Para o campo de saber da biogerontologia, a eliminação do envelhecimento não é um feito impossível presente somente na cultura desde os contos mitológicos, mas uma questão de tempo e de investimento.

O biopoder contemporâneo exercido principalmente pelas iniciativas privadas frequentemente aborda a velhice como uma doença, uma falha na programação biológica que deve ser corrigida, alterada e eliminada (SIBILIA, 2015).

Essa é a visão do geneticista David Sinclair, que defende que o envelhecimento não seja visto como um processo natural, mas como uma doença que pode ser tratada e curada, conforme indica ao afirmar que “não existe nenhuma lei na biologia que diga que devemos envelhecer” (BBC, 2021). O geneticista atua no laboratório da Universidade Harvard que estuda por que os seres humanos envelhecem, além da busca genética para o “segredo” da longevidade, Sinclair também defende algumas mudanças de “estilo de vida” para retardar o envelhecimento, como fazer jejum intermitente de até três dias e induzir seu corpo a temperaturas extremas, como ir de uma sauna quente a uma piscina gelada (METRÓPOLES, 2020).

Essa visão da velhice como uma doença não possui como único expoente o geneticista Sinclair. Em 2021, surgiram debates acerca da inserção da velhice na décima primeira edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), publicação da Organização Mundial de Saúde (OMS) utilizada para conceder diagnósticos, exames e formas de tratamento para doenças. O intuito de incluir a velhice como uma doença é reforçado pela busca de substituição do termo “senilidade” utilizada em outras edições da publicação, que agrega uma conotação pejorativa. A medida tem gerado debates, pois segundo alguns especialistas, pode dificultar a identificação e investigação de outras doenças que podem levar o indivíduo ao óbito.

Uma reportagem aponta que essas alterações no CID ocorrem por pressão de entidades médicas como a Biogerontology Research Foundation e a International Longevity Alliance (ESTADÃO, 2021). Essas entidades se beneficiam com a inclusão da velhice como uma doença, devido ao fato de possibilitar o aumento do acesso a financiamento de suas pesquisas. Essas pesquisas podem ter diferentes objetivos, desde encontrar formas de tratar doenças relacionadas ao envelhecimento até a pesquisas movidas pelo impulso fáustico de erradicar essa etapa da vida.

Outra consequência dessa publicação é o aumento do preconceito com pessoas idosas por causa do agenciamento de um sentido negativo a essa etapa da

vida. Estima-se que mais de 33 milhões de brasileiros seriam categorizados como “enfermos” diante dessa inserção. Isso possui inúmeros desdobramentos, como o aumento de valores ou taxas de planos de saúde e até mesmo a possibilidade de ser incluída na lista de doenças não cobertas pelos seguros de vida, de forma a inviabilizar o pagamento da indenização securitária em alguns casos (SEGS, 2021).

Assim, é relevante observar quais os possíveis desdobramentos e a quem interessa o agenciamento da velhice como uma doença. O supracitado geneticista David Sinclair, por exemplo, fundou e atua em parceria com diversas empresas do ramo da biotecnologia que buscam retardar ou “curar” o envelhecimento. Segundo a reportagem, esse é um mercado que deve chegar a movimentar 600 milhões de dólares até 2025 (BBC, 2021).

Um dos mais recentes “investidores” dessa indústria é o bilionário Jeffrey Bezos²⁵, que investiu na *startup* Altos Labs. A iniciativa busca, por meio da “reprogramação” genética, rejuvenescer as células humanas. Não é a primeira vez que Bezos investe em uma empresa com esse intuito; em 2016, investiu numa empresa antienvelhecimento chamada Unity Biotechnology (MIT, 2021). Há inúmeras especulações sobre o intuito de Bezos com esses investimentos: estaria ele agindo em busca de benefício próprio ou enxergando nesse mercado um potencial de rentabilidade valioso, assim como diversos milionários e bilionários que estão fazendo esse investimento de “risco”? Em sua carta de despedida como CEO da Amazon, Bezos utilizou a seguinte citação do biólogo Richard Dawkins:

Protelar a morte é uma coisa que você tem que trabalhar...Se os seres vivos não trabalharem ativamente para evitá-lo, eles acabariam por se fundir com o ambiente e deixariam de existir como seres autônomos. Isso é o que acontece quando eles morrem (MIT, 2021).

Ao escolher essa citação, Bezos cristaliza a ambição de mudar o curso genético da vida humana e, além disso, enxerga que “aceitar” o envelhecimento significaria não ser um ser autônomo, o que corresponde a um dos principais valores da lógica de subjetivação neoliberal. Essa visão também é partilhada por Sinclair, ao alegar que “retardar” ou “parar” o envelhecimento “é o próximo passo, superar os limites da saúde que herdamos... Mudamos nosso ambiente, também podemos

²⁵ Empresário estadunidense conhecido por fundar a Amazon, seu patrimônio atual é de aproximadamente US\$ 192,6 bilhões.

mudar a química de nosso corpo” (BBC, 2021). Observa-se que, na visão dessas pessoas, a manipulação de uma etapa da vida é algo que deve ser feito, não havendo um debate ético envolvendo quais os desdobramentos desses estudos e a quem e quais empresas eles podem beneficiar.

Outra empresa que está nessa “corrida contra o envelhecimento” é a SENS Research Foundation, que possui como slogan “*reimagine aging*” (reimagine o envelhecimento, tradução nossa). A empresa apresenta uma estratégia que se propõe a “repensar” a velhice, conseguindo agir no campo microscópico para combater os ditos “danos não reparados” ao longo da vida às estruturas celulares e moleculares que constituem os tecidos, conforme é apresentado em um trecho explicativo no site da SENS:

À medida que cada estrutura microscópica essencial falha, a função do tecido torna-se progressivamente comprometida - imperceptivelmente no início, mas culminando em doenças e deficiências do envelhecimento (...) Ao reconstruir a ordem estruturada da maquinaria viva de nossos tecidos, essas biotecnologias de rejuvenescimento restaurarão o funcionamento normal das células e biomoléculas essenciais do corpo, devolvendo a saúde aos tecidos envelhecidos e trazendo de volta o vigor de juventude do corpo. (SENS, 2020, tradução nossa)²⁶.

No trecho acima, é possível constar algumas características dos impulsos fáusticos das biopolíticas contemporâneas, como ao considerar o processo natural de envelhecimento do corpo uma falha inscrita nas moléculas. Nesse discurso, pode ser observado o que Sibilía (2015) demarca como aversão da tecnociência contemporânea à matéria orgânica, considerando-a um fardo, algo ultrapassado às lógicas de funcionamento do tempo presente. Além disso, o processo de envelhecimento das células é apontado no trecho da SENS como algo que impede o funcionamento considerado pelo senso comum como “normal” do corpo, como uma anomalia, sendo um “erro de programação” dessa “maquinaria viva”.

O corpo é visto como uma máquina que precisa ser reparada e ajustada para que, por meio dessa otimização, volte ao seu funcionamento tido como “normal”. A partir dessa noção de otimização, engendra-se a possibilidade de restauração

²⁶ Texto original: “As each essential microscopic structure fails, tissue function becomes progressively compromised – imperceptibly at first, but ending in the slide into the diseases and disabilities of aging (...) By reconstructing the structured order of the living machinery of our tissues, these rejuvenation biotechnologies will restore the normal functioning of the body’s cells and essential biomolecules, returning aging tissues to health and bringing back the body’s youthful vigor”.

constante do "vigor juvenil", o que reforça a importância da juventude na contemporaneidade, inclusive nos discursos científicos. Desse modo, somente as engenhosidades da biotecnologia poderiam nos "libertar" do constante processo de transformação característico da matéria orgânica, que insiste em envelhecer em uma sociedade segundo a qual se valoriza a qualquer custo a juventude.

A empresa SENS Research Foundation foi fundada pelo biogerontologista britânico Aubrey de Grey, um dos pesquisadores que ganharam notoriedade midiática ao "combaterem" o envelhecimento. Em 2007, Grey publicou junto a seu assistente, Michael Rae, a versão original do livro "O fim do envelhecimento: os avanços que poderiam reverter o envelhecimento humano durante nossa vida" (DE GREY; RAE, 2018), cujo título já demonstra o sentido de que o envelhecimento pode ser superado e revertido.

O biogerontologista dedica o livro "às dezenas de milhões de pessoas cujo escape ilimitado do envelhecimento depende das atitudes que tomamos hoje" (DE GREY; RAE, 2018, n.p). Para ele, a questão de "vencer" o envelhecimento depende principalmente da atitude e é algo que pode salvar vidas, pois como alerta em um capítulo de seu livro, "acordem: o envelhecimento mata" (DE GREY; RAE, 2018). Nessa fala, podem-se observar alguns traços do cinismo já investigado no tópico anterior, de forma a reforçar uma visão negativa acerca do envelhecimento.

O projeto de De Grey não procura somente "derrotar" o envelhecimento, mas extinguir a fase da velhice, numa busca pela perpetuação ou prolongamento da saúde e da juventude. Em vista disso, os autores defendem a redução da fragilidade e da enfermidade resultantes da idade, o que para eles é causa de sofrimento para os sujeitos velhos e para seus familiares (DE GREY; RAE, 2018). Assim, pode-se analisar que a biotecnologia apropria-se e transforma o discurso da velhice bem-sucedida em promessa de uma vida agenciada aos valores da juventude e da saúde sem os "percalços" da velhice.

No livro, De Grey e Rae (2018, n.p) referem-se ao conto mitológico de Títono²⁷, abordando que foi um erro deste personagem "prolongar os sombrios anos

²⁷ Conto mitológico que aborda a história do casal Aurora e Títono. Aurora, deusa do amanhecer, pede a Zeus que conceda a vida eterna a Títono, seu esposo humano. Esse pedido é acatado por Zeus, mas Aurora esquece de pedir que a imortalidade acompanhe a eterna juventude. Desse modo, Títono acaba solitário, miserável e decrepito a tal ponto que os deuses, em um ato misericordioso, o

de debilitação e doença que existem atualmente no final da vida da maior parte das pessoas”. Em vista disso, o projeto da pesquisa dos autores falha se conseguir apenas o aumento da expectativa de vida sem estar associada à saúde e à juventude, o que foi o erro de Títono. A meta do biogerontologista é que as próximas gerações vivam até mil anos com saúde e disposição (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2019).

Outro argumento trazido pelos autores para eliminar o envelhecimento é a economia de trilhões de dólares por ano, a partir da redução da utilização de recursos destinados à saúde, pois afirmam que um indivíduo gera mais custos com saúde durante o seu último ano de vida do que em todos os anteriores. Esse argumento demonstra a engenhosidade das biotecnologias com a racionalidade neoliberal, em que a lógica do mercado e da eficiência é ordenada em diferentes campos. Esse argumento reafirma, também, a noção da velhice como um “peso” tanto para as famílias, quanto para os Estados, em uma governamentalidade que visa cortes e substituições para ampliar lucros.

Para dar continuidade ao seu projeto, a empresa de De Grey precisa de financiamento e, em 2018, recebeu um aporte de mais de seis milhões de dólares em criptomoedas²⁸ (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2019). O seu ambicioso projeto, que promete saúde, prolongamento da juventude e redução de custos públicos, chamou a atenção de bilionários como Andreas Thiel, cofundador da empresa PayPal e da Palantir Technologies. Essa última é uma empresa de desenvolvimento de *softwares* baseados em dados, que presta serviços para empresas privadas e para o governo dos Estados Unidos da América, tendo sido criada com um aporte financeiro da Agência Central de Inteligência (CIA). Assim, é relevante observar a quem e quais instituições interessam as pesquisas desenvolvidas pela SENS Research Foundation. No caso de Andreas Thiel, pode ser uma forma de aprimorar os serviços prestados aos governos. Não por acaso, percebe-se que a intervenção das iniciativas privadas nas soluções de políticas públicas é uma lógica recorrente nas práticas biopolíticas contemporâneas.

transformam em uma cigarra. Essa história é narrada no poema de Alfred Tennyson escrito em 1859 (REVISTA PERSEUS, 2020).

²⁸ “Criptomoedas são moedas virtuais, um ativo digital que utiliza criptografia para garantir a segurança de transações”. Disponível em: <https://br.investing.com/crypto/#:~:text=Criptomoedas%20s%C3%A3o%20moedas%20virtuais%2C%20um.centralizado%20ou%20sistemas%20banc%C3%A1rios%20centralizados>. Acesso em 18 nov de 2020.

Uma reportagem da *Época Negócios* (2019b) indica que a SENS Research Foundation não é a única a executar pesquisas na área do rejuvenescimento. A empresa estadunidense Libella Gene Therapeutics divulgou, em 2019, um recrutamento de pacientes para um tratamento experimental de extensão e reconstrução dos telômeros, capaz de retardar e desfazer o envelhecimento em até 20 anos, podendo fazer até com que os pacientes pareçam mais jovens. O custo para participar do experimento era de um milhão de dólares e teria que ser realizado na Colômbia, visto que o estudo não foi aprovado pelos órgãos competentes dos Estados Unidos da América. Outra matéria aponta que a pesquisa da Libella Gene Therapeutics causa preocupação em pesquisadores da área, pois há indícios de que o alongamento dos telômeros pode aumentar o risco de câncer (CANALTECH, 2019).

Mesmo com diferentes problematizações éticas que podem ser levantadas quanto a esses impulsos da biotecnologia, que anseiam “extinguir” uma etapa da vida humana, quais pessoas teriam acesso a esses processos de rejuvenescimento? Conforme demonstra Sibilia (2015, p. 203), uma grande parcela da população “tem o acesso negado aos sedutores prodígios da tecnociência fáustica”, de modo que fica claro que o acesso não é democrático e nem igualitário para todas as camadas da população.

Portanto, Aubrey de Grey, quando anuncia que suas pesquisas podem ser capazes de salvar mais de cem mil vidas nos próximos anos, omite um aspecto essencial: somente aqueles que puderem arcar com os custos do produto podem ter suas vidas salvas. Assim, esses estudos podem reforçar a segregação e a desigualdade social, já que os bilionários que estão financiando essas pesquisas serão os primeiros a usufruir dos resultados caso esses projetos fáusticos se tornem realidade. Desse modo, o projeto de prolongar a juventude e aniquilar a velhice está direcionado a um público específico: as elites financeiras, cujo investimento fáustico não questiona a ética desses experimentos.

É patente a relação das empresas de tecnociência com as lógicas de mercado vigentes. A esse respeito, Sibilia (2015) analisa que o sistema de patentes dessas empresas busca obter direito intelectual da matéria genética, o que tem causado algumas questões éticas e jurídicas. Isto posto, o material genético dos

seres vivos foi transformado em uma mercadoria que interessa a uma série de empresas, dispostas a arriscar recursos financeiros em longas pesquisas em prol de produtos úteis, lucrativos e atraentes para o mercado (SIBILIA, 2015). Deleuze (1992) indica que as máquinas apontam os modos de funcionamento das sociedades, uma vez que são capazes de exprimir as relações de poder e saber que as conceberam. A mesma lógica pode ser utilizada para a emergência de saberes, sendo as tecnociências da biotecnologia e da biogerontologia efeitos e instrumentos dos impulsos fáusticos que atravessam os modos de funcionamento contemporâneos.

A ficção científica *Cocoon*, dirigida por Ron Howard em 1985, pode ser utilizada para compreender a passagem dos impulsos prometeicos aos impulsos fáusticos quanto à temática do envelhecimento. No filme, um grupo de três amigos, Arthur, Ben e Joe²⁹, vivem juntos em um asilo para idosos e ocasionalmente invadem uma casa para utilizar a sua piscina. Em uma dessas invasões, eles notam o surgimento de um conjunto de rochas no fundo da piscina, conforme a imagem 9. Após essa visita, sentem-se revigorados e cheios de energia. Percebem, então, que a piscina virou uma espécie de “fonte da juventude”, capaz de aumentar a atividade, a capacidade sexual e também a saúde, conseguindo inclusive a melhora em um quadro de câncer de um dos personagens. Posteriormente, os personagens descobrem que as rochas são casulos que abrigam extraterrestres, cuja energia está presente na piscina fornecedora da sensação de juventude. No fim do filme, os extraterrestres convidam os personagens para se mudarem para seu planeta, onde não envelhecerão mais e não sofrerão de doenças.

²⁹ Personagens interpretados pelos atores Don Ameche, Wilford Brimley e Hume Cronyn, respectivamente.

Imagem 9: A “fonte da juventude” em Cocoon



Fonte: Filme Cocoon de 1985

O filme apresenta uma “fonte da juventude” que fornece o rejuvenescimento de uma forma analógica e exterior ao corpo, algo mais semelhante às formas de controle disciplinares que agiam do exterior para o interior dos corpos e das subjetividades. Desse modo, é uma forma de poder que age de forma descontínua, sendo capaz de produzir efeitos diferentes em cada indivíduo. No filme, cada personagem apresenta o seu rejuvenescimento de formas diferentes: Arthur melhora a sua disposição para a dança, surpreendendo os jovens de uma boate; Joe aprimora as suas habilidades no boliche e Ben melhora a sua visão, o que o torna apto para recuperar a sua carteira de habilitação. Na sexualidade, o efeito é o mesmo para todos: os três retomam a potência sexual, que agencia sentidos de virilidade e juventude para os homens velhos.

Embora o filme ilustre uma forma analógica de abordar o envelhecimento, há alguns indícios dos impulsos fáusticos que constroem solo para que a ficção científica do rejuvenescimento torne-se um projeto de pesquisa das biotecnologias da contemporaneidade. Quando os personagens estão decidindo se aceitam o convite de mudança para outro planeta, indagam-se sobre se estariam contrariando a natureza ao tornarem-se imortais, conforme indica o seguinte diálogo entre Ben e sua esposa, Alma:

Ben: Acha que estamos enganando a natureza?

Alma: Sim.

Ben: Eu lhe digo uma coisa. Do jeito que a natureza vem nos tratando, não me importo de enganá-la um pouco (COCOON, 1985).

No diálogo acima, observa-se que existe o questionamento ético de fazer algo contra a natureza humana. Contudo, o próprio personagem que questiona a esposa afirma preferir fazê-lo mesmo sendo contra a natureza, usando como justificativa a falta de generosidade por parte da natureza com a vida na velhice. O envelhecimento é apresentado de forma negativa, e a alternativa de ser imortal com vigor, potência sexual e sem doenças é escolhida por todos os três personagens. Portanto, Cocoon (1985) pode ser analisado como uma dobradiça entre os modos de funcionamento do disciplinamento para o controle fáustico, em que há a escolha de se ultrapassar os limites da natureza, mesmo que seja uma forma de “enganá-la”.

O que os idealizadores de Cocoon talvez não imaginassem – ou não expressaram no filme – é que a ideia fictícia de uma fonte do rejuvenescimento seria apresentada pela biotecnologia como algo real, próximo e possível para todos, já que essa “fonte” estaria no próprio corpo dos seres humanos. A tecnociência contemporânea investiga estruturas do DNA como o segredo da “vida eterna”; assim, o casulo da piscina de Cocoon é substituído em parte por uma estrutura microscópica biológica dos seres humanos.

Diante desse quadro, nota-se que o discurso da velhice bem-sucedida é utilizado, muitas vezes, como uma narrativa de “fachada” para uma forma de envelhecimento feliz e repleta de realizações. Sendo essa uma narrativa que idealiza muito mais os valores da juventude do que a própria velhice em si. Diante disso, pode-se observar o cinismo implícito nesses discursos que tentam vender uma velhice “empoderada” concedendo e dando mais visibilidade a esses sujeitos. Contudo, evidenciam-se alguns paradoxos como o da Organização Mundial da Saúde. A mesma organização que pautou a “Década do envelhecimento saudável 2021-2030”, com diversas ações para a “construção de uma sociedade para todas as idades” (OPAS, 2020) também vai instituir a velhice como uma doença na publicação do CID-11, endossada pelos interesses das empresas de biotecnologia aqui citadas, que buscam retardar ou até mesmo extinguir a velhice o mais rápido possível.

No livro de Aubrey de Grey e Michael Rae, este último faz um agradecimento a De Grey por “levar de forma incansável e corajosa o fogo de Prometeu para um mundo que ainda treme sob o inverno da morte e deterioração relacionados ao envelhecimento” (DE GREY; RAE, 2018, n.p). Nessa fala, o mito de Prometeu é associado ao trabalho do biogerontologista. Contudo, não há indícios de uma punição terrível como a de Prometeu por buscar “salvar” o mundo da morte e da deterioração da velhice. Há mais de Fausto na jornada de pesquisa das empresas de tecnociências citadas, com uma insaciável vontade de extrapolar os limites da ciência a todo o custo, demonstrando uma postura “incansável e corajosa” de correr os eventuais riscos na trajetória rumo à imortalidade. Conforme aponta Rose (2013, p. 351) “as próprias fronteiras entre vida e morte, limites que ainda são tão definitivos, tornaram-se, assim, abertos à negociação e à discussão”. Cabe analisar e problematizar essas ações das empresas de biotecnologia, questionando os limites éticos de suas pesquisas e também de seus projetos para o futuro da vida humana.

3.3 Velhice e Covid-19: Gestão da morte e da vida na pandemia

A tragédia da pandemia mundial de Covid-19 levou, até o momento da escrita desse trabalho, em meados de janeiro de 2022, mais de 600 mil pessoas a óbito no Brasil. Dentre elas, mais de 65% eram pessoas com mais de 60 anos (PODER360, 2021). No presente subtópico, é analisado de que modo operam as relações de poder-saber contemporâneas, de forma a investigar se a pandemia agenciou e reforçou sentidos acerca da velhice, em uma trama de discurso composta pelo cinismo.

Tal trama ficou evidente na implementação de políticas públicas e na ausência destas, em falas de agentes públicos, em “estratégias” de empresas privadas e também em discursos de membros da sociedade. Com base nisso, o intuito é analisar o que pode ser entendido como outro desdobramento do cinismo contemporâneo problematizado por Sibília (2021). Além das tecnociências contemporâneas que agenciam a velhice como uma etapa a ser “extinguida” do curso humano, entende-se que a pandemia evidenciou a “verdade nua e crua” dos sentidos atribuídos ao envelhecimento diante da racionalidade neoliberal.

Investigar um fenômeno ainda em curso com desdobramentos frequentes representa o desafio de pesquisar o contemporâneo apresentado por Agamben (2009). O autor afirma que esse desafio pressupõe uma experiência singular, pois é necessário estar imerso em seu tempo e, simultaneamente, manter uma certa distância deste, em uma relação de dissociação e anacronismo. A relação com a temporalidade é caracterizada por essa característica singular, conforme aponta: “é como se aquela invisível luz que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocando por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora (AGAMBEN, 2009, p. 72)”. Sendo assim, este é o desafio que se apresenta: responder às trevas do mundo pandêmico atual entendendo a historicidade das relações de poder-saber.

O filósofo Paul B. Preciado, em seu texto “Aprendendo com o vírus” (PRECIADO, 2020) fornece pistas interessantes para compreender o atual momento histórico com suas continuidades e rupturas de temporalidades anteriores. Segundo o autor, as diferentes epidemias materializam no corpo dos sujeitos as formas de gestão política da vida e da morte, explicitando a racionalidade de cada período histórico. O seguinte trecho indica essa relação de um acontecimento com a forma de engendramento das relações de poder-saber de cada época: “cada sociedade pode ser definida pela epidemia que a ameaça e pelo modo de se organizar frente a ela” (PRECIADO, 2020). Portanto, é importante analisar a pandemia do COVID-19 em sua conjuntura, diante da racionalidade neoliberal em que são radicalizadas e deslocadas as técnicas biopolíticas que se inscrevem no corpo individual.

As técnicas biopolíticas implantadas devido à pandemia vão desde medidas de confinamento e isolamento social a restrições de entrada e saída de países, técnicas de vigilância e rastreamento de pessoas, dentre outras. Um deslocamento que já estava em curso e foi radicalizado com a pandemia foi o do papel dos domicílios. Diante da necessidade de conter o contágio acelerado do vírus, estabeleceu-se que esse local seria, para inúmeras pessoas que tiveram a possibilidade de “ficar em casa”, o ambiente de trabalho, estudo, proteção, consumo etc. A situação foi diferente para as pessoas cujos ofícios perpassam os “serviços

essenciais”³⁰ e, por isso, tiveram que se expor mesmo diante de um risco de vida iminente.

Nesse cenário, as barreiras que ainda resistiam separando os espaços de lazer e de trabalho ruíram mediante a rápida adaptação das instituições ao *home office* e ao ensino a distância, conforme o cínico *slogan* propagado pelo governo federal: “O Brasil não pode parar” (MIGALHAS, 2021). Nessa frase, percebe-se que a economia e as empresas não podiam sofrer uma paralisação, o que transformou o espaço doméstico ao convertê-lo “no centro da economia do teleconsumo e da teleprodução” (PRECIADO, 2020). Desse modo, as pessoas foram impelidas a continuar suas atividades, seja em casa ou correndo riscos na rua, em meio a uma das maiores pandemias da história para “evitar” uma crise financeira, o que dá o tom da relação entre vida e economia para o governo do presidente Jair Bolsonaro.

O ritmo 24/7, apontado pelo autor Jonathan Crary (2016), caracteriza uma sociedade marcada por uma lógica de produção, consumo e descarte incessantes. Essa lógica agencia os processos de subjetivação para um modelo de desempenho de máquina e uma suspensão de características “demasiadamente humanas”, como o descanso, lazer, sono e também o envelhecimento. Essa dinâmica “sem pausas” foi exacerbada pela pandemia com a “flexibilização” do espaço de trabalho para o cenário doméstico dos sujeitos. Nessa lógica, o ritmo de trabalho aumentou, assim como o estresse e a redução do tempo dedicado ao lazer e a “pausa”, tão necessária durante uma pandemia que, dia após dia, matou centenas ou milhares de pessoas em todo o mundo e continua matando.

Dessa forma, é possível constatar como esses acontecimentos pandêmicos ressaltam e estendem a racionalidade neoliberal aos mais diferentes âmbitos. A esse propósito, Preciado indica que:

³⁰ Essa lista de serviços inclui atividades como assistência à saúde, serviços postais, serviços funerários, mercados de capitais e seguros, dentre outras.

O vírus atua à nossa imagem e semelhança, não faz mais do que replicar, materializar, intensificar e estender a toda a população as formas dominantes da gestão biopolítica e necropolítica que já estavam trabalhando no território nacional e em suas fronteiras (PRECIADO, 2020).

O autor demarca dois conceitos que foram relevantes para a análise de como a pandemia de Covid-19 materializou e intensificou o cinismo e, em vários momentos, o descaso destinado à população idosa. Os conceitos são as ideias de biopolítica e necropolítica, que apresentam convergências e divergências importantes de serem apontadas para o prosseguimento da análise da pandemia. Para além de técnicas e procedimentos de gestão de vida, um acontecimento que mata milhares de pessoas também demonstra ser relevante à análise das formas de gestão da morte acionadas.

O primeiro conceito, já apresentado em tópicos anteriores, refere-se a uma série de procedimentos, implantados a partir do século XVIII, com o objetivo de reduzir e regular os eventos aleatórios e os processos biológicos que infringiram o corpo social enquanto população. Outra faceta da biopolítica é levantada por um questionamento de Foucault (1999b, p. 304): “Como esse poder que tem essencialmente o objetivo de fazer viver pode deixar morrer? Como exercer o poder da morte, como exercer a função da morte, num sistema político centrado no biopoder”. Esse é o aspecto da biopolítica que auxilia a pensar a pandemia, refletindo de que modo um mecanismo de poder centrado na vida de uma população faz a gestão da morte.

O autor assinala o recurso do racismo de Estado, que propõe uma diferenciação e hierarquia entre as raças, sendo uma forma de fragmentar o campo biológico e defasar um grupo em relação a outros (FOUCAULT, 1999b). Essa relação estimula uma lógica em que a morte de uma raça considerada “inferior” vai deixar a vida mais “sadia e pura”. Foucault analisa esse fenômeno no nazismo, em que o direito soberano de matar se estendia para outros e também para os próprios alemães. Além disso, o autor ressalta que jamais houve guerras tão sangrentas como as ocorridas a partir do século XIX (FOUCAULT, 1999b).

Assim, esse poder de morte apresentou-se como um complemento de um poder que se exerce sobre a vida, conforme aponta Foucault (2019, p. 147): “os massacres se tornaram vitais. Foi como gestores da vida e da sobrevivência dos

corpos e da raça que tantos regimes puderam travar tantas guerras, causando a morte de tantos homens”. Esse é um primeiro elemento em que se pode investigar o cinismo presente nessa operação das relações de poderes acentuadas pela pandemia de Covid-19, particularmente em solo brasileiro.

O conceito de necropolítica foi concebido pelo filósofo Achille Mbembe (2018), que faz contribuições para pensar a biopolítica na contemporaneidade. O autor ressalta um campo não analisado por Foucault. Segundo Mbembe, a escravidão pode ser considerada um dos primeiros experimentos biopolíticos, pois há uma tripla perda: a de um “lar”, a de direitos sobre o seu corpo e também do seu estatuto político enquanto sujeito. Portanto, em países explorados pelas colônias europeias, houve a implantação de uma política mais voltada à regulação da morte do que da vida.

Segundo Mbembe, o conceito de necropolítica abarca as formas contemporâneas que regem a vida ao poder da morte, para dar conta de técnicas contemporâneas que provocam a destruição máxima de pessoas e de condições de vida, conferindo a vastas populações o estatuto de “mortos-vivos” – principalmente por uma herança colonial que discrimina, separa e mata determinados grupos (MBEMBE, 2018). Baseado nisso, a necropolítica é utilizada para pensar os genocídios e a violência estrutural impostos a determinados grupos. O filósofo Vladimir Safatle (2020) complementa a análise de Mbembe reforçando a necropolítica como um dispositivo de paralisação de luta de classes, principalmente em países marcados por experiências coloniais.

A partir dessas noções, é possível compreender que os dois conceitos possuem suas características próprias, mas não são opostos. Assim, conforme aponta a pesquisadora Ariadna Estévez (2018), ambos são constitutivos e importantes para analisar a pandemia, como utilizado por Preciado (2020). Em um texto recente já contextualizado no cenário pandêmico, Mbembe afirma que a pandemia democratizou o poder de matar, já que o próprio corpo passa a ser uma ameaça aos outros caso esteja contaminado, o que reforça as práticas necropolíticas. Mbembe comenta uma característica que irá se relacionar diretamente com a gestão da velhice na pandemia, a lógica de sacrifício:

O sistema capitalista é baseado na distribuição desigual da oportunidade de viver e de morrer (...) Essa lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo. Esse sistema sempre operou com a ideia de que alguém vale mais do que os outros. Quem não tem valor pode ser descartado (MBEMBE, 2020).

No trecho acima, Mbembe destaca o funcionamento do sistema neoliberal, que ficou ainda mais evidente desde o início da pandemia. Esse acontecimento acentuou a desigualdade econômica e social no Brasil. A primeira morte pela Covid-19 noticiada no estado do Rio de Janeiro foi a de uma empregada doméstica que contraiu o vírus de sua empregadora, sendo esse fato um sintoma dessa distribuição desigual do morrer e do viver, mencionado acima.

Além disso, Mbembe explicita essa lógica de sacrifício intrínseca à racionalidade neoliberal em que alguns sujeitos são tidos como mais “valiosos” do que outros. Esse aparato de cálculo neoliberal concede aos sujeitos velhos “menor” valor por estarem aquém da razão de eficiência, produtividade e juventude imprescindíveis à racionalidade neoliberal. Essa dinâmica de “sacrifício” também implica que sujeitos de “menor valor” possam ser descartados e marginalizados. Segundo Mbembe (2020), os sujeitos atingidos por essa discriminação são sempre das mesmas raças, classes sociais e gêneros. Além disso, também vale destacar o critério etário.

Os efeitos dessa lógica se multiplicaram durante a pandemia. Inúmeros países, inclusive o Brasil, priorizaram o tratamento de pessoas jovens a idosos em casos de internação. A deputada Janaína Paschoal defendeu a destinação de maiores recursos como leitos de UTI e respiradores aos mais jovens e ainda complementou: “Eu me preocupo com todas as vidas! Mas as vidas daqueles que viveram menos me preocupam mais” (ESTADO DE MINAS, 2021). Desse modo, observa-se de que forma a cínica racionalidade de “valoração” da vida é agenciada pelas relações biopolíticas da gestão de quem vive e morre no neoliberalismo. Nos Estados Unidos da América, em abril de 2020, uma mulher levou em uma manifestação contra as medidas de isolamento um cartaz escrito “sacrifiquem os fracos” (THE SUN, 2020, tradução livre), conforme demonstra a imagem 10.

Imagem 10: Protestante defende “sacrificar os fracos” nos Estados Unidos da América



Fonte: (THE SUN, 2020)

Nesse discurso, os “fracos” incluem os idosos e também pessoas com alguma comorbidade, como doenças cardíacas e diabetes, por exemplo. A manifestante pedia a reabertura do comércio no estado do Tennessee. Diante disso, percebe-se que o ímpeto pela busca de lucro financeiro do neoliberalismo também transforma-se nessa espécie de “classificação” da vida humana entre os que “merecem” viver e os que devem ser “sacrificados” para retomada do “bem-estar social”. Esse discurso possui elementos da noção de racismo de Estado analisado por Foucault, conforme o trecho: “a morte do outro não é simplesmente a minha vida (...) é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura” (FOUCAULT, 1999b, p. 305). Assim, observa-se que o discurso presente na imagem implica que o “sacrifício” dos “fracos”, a morte do outro, seria um passo necessário para melhorar a vida de outro grupo. Esse discurso eugenista destacado por Foucault ressoa na contemporaneidade, à sua maneira.

A morte passou por processos de deslocamento de sentidos durante a pandemia, agenciada pelas biopolíticas e necropolíticas de gestão em solo brasileiro. O presidente Jair Bolsonaro e sua equipe fizeram esforços constantes para dessensibilização da morte, distanciando-a de sua humanidade para ser abordada como número, uma estatística fria, “números sem história” (SAFATLE, 2020). Safatle (2020) aponta esse processo como uma desafecção em que há a produção sistemática dos corpos mortos, e isso ocorre:

Através de contrainformação (trabalho sistemático do governo para desacreditar os números de mortes, já subnotificados), da simples negação (afirmar que os mortos classificados por covid são, na verdade, vítimas de outras doenças), da recusa explícita em sensibilizar-se com mortos (declarações contínuas de autoridades federais, principalmente do presidente da república, de que “a vida segue”, “todo mundo morre”), entre outras estratégias (SAFATLE, 2020).

O trecho acima evidencia a gestão necropolítica da pandemia no Brasil, pois além desse processo de dessensibilização das mortes, houve um intenso trabalho de crítica ao isolamento social e a medidas sanitárias. Tais esforços causaram entraves na negociação que resultaram no atraso de vacinação da população e disseminações de informações falsas acerca da eficácia de remédios tidos como “tratamento precoce” para o tratamento da doença. Essas medidas tomadas apontam de que modo o cinismo faz parte da agenda do governo, principalmente em meio a uma pandemia mundial, em que há o desprezo por valores morais e a propagação constante de desinformações que desacreditam autoridades científicas.

Segundo o filósofo Peter Pál Pelbart (2020), “há a mais cínica desresponsabilização do poder público em relação à saúde do que ainda se chama ‘população’”. Esse cinismo e a desresponsabilização são patentes em algumas falas do presidente, como em “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?” (G1, 2020b). Assim, o lema do “fazer viver, deixar morrer” ganha novos contornos no contexto brasileiro em que nota-se a prevalência do “deixar” e até “fazer” morrer com a omissão da gestão pública e falta de coordenação de políticas públicas voltadas para a proteção e tratamento da população.

Esse processo de desresponsabilização é um elemento da racionalidade neoliberal ressaltado pela pandemia da Covid-19, em que há um discurso negacionista em relação à letalidade da doença e também uma falta de coordenação política de implementação das medidas sanitárias em nome da proteção à “liberdade” individual. Esse é um dos elementos da cínica gestão da pandemia de um vírus que se transmite rapidamente e que necessita de um cuidado coletivo para evitar que menos pessoas sejam impactadas. Contudo, qualquer ato ou símbolo que estabelecesse essa preocupação coletiva foi afastada da imagem do presidente, que desde o início da pandemia fazia aparições sem máscara e em aglomerações.

Outra faceta da lógica de valoração da vida que ficou evidente na pandemia de Covid-19 foi a contraposição entre o cuidado com a vida e a manutenção da economia, como se fosse necessário escolher apenas um desses critérios como norteadores de políticas públicas. No Brasil, esse discurso foi endossado pelo governo federal e também por diversos empresários, como Junior Durski, dono da rede Madero de restaurantes, que publicou um vídeo³¹ em suas redes sociais com a seguinte afirmação: "O Brasil não pode parar por cinco ou sete mil que vão morrer" (NSC, 2020). Em vista disso, observa-se uma razão cínica legitimada pelos valores econômicos, em detrimento dos valores que garantem a dignidade e a preservação da vida humana com a prevalência da preocupação com a economia, mesmo que isso ocasione a morte de centenas ou milhares de pessoas.

Esse pronunciamento concedido no início da pandemia também demonstra o ceticismo inicial dos empresários e também dos membros de Estado em relação à pandemia, o que contribuiu para a catástrofe de mais de 600 mil mortos. Acerca desse ponto, o filósofo Hilan Bensunsan (2020) aponta que "a morte se torna explicitamente parte da atividade e do jogo político - parte do cálculo econômico, mas sobretudo - e nisso reside a novidade -, ela se torna explicitamente parte da articulação biopolítica". Assim, houve e ainda há a aplicação de biopolíticas e necropolíticas que instituíram quais vidas podiam – e podem – ser abandonadas e dispensadas "em prol" de uma suposta proteção da economia em meio a uma das maiores pandemias vividas na história humana.

Em meio a esse contexto, a população velha brasileira foi um dos segmentos populacionais mais afetados pela pandemia de Covid-19. O processo de desresponsabilização do cuidado do idoso pelas entidades públicas, que leva a uma responsabilização individual pela gestão da própria velhice, foi acentuado por essa privatização do cuidado do idoso em meio a uma calamidade sanitária. Nesse caso, houve o estímulo de que cada familiar deveria se responsabilizar pelo cuidado de seu idoso, conforme proferido pelo presidente Jair Bolsonaro: "Devemos, sim, cada família cuidar dos mais idosos. Não pode deixar na conta do Estado. Cada família tem que botar o vovô e a vovó lá no canto e é isso" (ESTADO DE MINAS, 2020). Nesse trecho, é possível perceber o cinismo atribuído à população mais velha com o

³¹ Vídeo publicado no dia 23 de março de 2020 no perfil de Instagram pessoal de Junior Durski. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/B-FtEpyFZT-/>

tratamento desumano que sugere que esses sejam colocados em um "canto". Há também o "lavar as mãos" ao retirar qualquer responsabilidade do Estado de garantir a proteção do idoso, reforçando esse sentido desse segmento populacional ser um "peso" para a gestão pública.

Uma imagem que retrata as engrenagens das biopolíticas e necropolíticas da produção de mortes em prol do lucro é o escândalo da Prevent Senior, empresa de plano de saúde que implantou um modelo de negócio "inovador" voltado para o público idoso. Nesse modelo, denominado "verticalização", a empresa controla diversas etapas do processo. A Prevent Senior é detentora do serviço de planos de saúde e também da rede "Santa Maggiore", com mais de trinta hospitais em São Paulo, além de laboratórios de exames.

Dessa forma, a empresa obteve um rápido crescimento, tendo sido eleita a melhor empresa de saúde pela revista Exame em 2017, apresentando um feito "raro" nesse segmento: criar um plano de saúde, voltado principalmente para a população acima dos sessenta anos, que seja lucrativo e também com um custo mais baixo do que o oferecido no mercado por outras operadoras (EXAME, 2017c). Assim, a empresa conquistou uma carteira com mais de 500 mil pacientes, sendo mais de 70% velhos (G1, 2021b).

Esse "feito" teve ampla cobertura midiática, com publicação em diversas revistas como a Istoé Dinheiro, que estampou em sua capa a imagem de um dos sócios da empresa e uma matéria cujo título foi: "Nem velho, nem idoso. Chame de oportunidade". Tal chamada reforça a ambição da empresa no denominado "mercado prateado" como uma "oportunidade" de obter lucros financeiros, o que concede uma visão utilitarista acerca da velhice. O sujeito velho possui "valor" na contemporaneidade se for fonte de lucro a empresários e investidores do mercado financeiro.

Contudo, com o pronunciamento de ex-funcionários e pacientes acerca dos cuidados e protocolos da empresa mediante os casos de coronavírus, denúncias apontam outras motivações para que esse modelo de negócio seja tão "lucrativo". Uma enfermeira denunciou ao documentário "O caso Prevent Senior" (2021) que, mesmo antes da pandemia, o funcionamento das áreas de internação dos hospitais eram regidos na lógica de que "o importante é a desobstrução do leito" e que

médicos não “investiam” em alguns pacientes idosos debilitados, sendo “investir” deixar de entubar e não reanimar pacientes que tivessem uma parada cardiorrespiratória. Um ex-funcionário médico reafirmou que a preocupação da empresa estava com a sua economia, com sua saúde financeira, mais do que com o bem-estar dos pacientes (O CASO, 2021).

Segundo as denúncias, esse comportamento desumano e antiético foi acentuado pela pandemia, quando a empresa teve a ambição de mudar a “história” da medicina com um estudo que comprovasse a eficácia da hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19. Com o intuito de obter resultados positivos do estudo, que não foi aprovado por nenhum comitê de ética, iniciou-se a prescrição massiva do denominado “kit Covid”, formado por um conjunto de medicamentos como a ivermectina, azitromicina e hidroxicloroquina, todos sem comprovação científica para o combate da doença.

Os “kits” foram distribuídos, inclusive, para pacientes que não poderiam tomar a medicação devido a alguma comorbidade. Em alguns casos, os pacientes e familiares relataram que não tinham conhecimento de que os medicamentos estavam sendo administrados. Os médicos dos hospitais afirmaram que a orientação da coordenação do hospital era a prescrição desse conjunto de medicamentos. Quando os médicos não seguiam essa recomendação, eram punidos de alguma forma pela instituição.

O resultado do estudo não foi divulgado em nenhuma revista científica e sim pela assessoria de imprensa da empresa. A princípio, o estudo apontou uma redução de mortes com a utilização do medicamento, o que fez com que esses resultados fossem disseminados rapidamente nas redes sociais e replicados pelo perfil do presidente Jair Bolsonaro, evidenciando uma aliança entre a empresa e o governo federal. O tratamento da Prevent Senior era utilizado como “história de sucesso” por membros do governo e seus apoiadores. Contudo, as denúncias apontaram a omissão e manipulação de dados para que o resultado fosse positivo. Segundo as denúncias, a empresa possuía conhecimento de que as medicações eram ineficazes e, mesmo assim, continuou receitando esse protocolo “padrão” para o tratamento de Covid-19.

As denúncias contra a Prevent Senior estão sob investigação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19, conduzida por senadores que buscam descobrir se houve omissão na condução da pandemia por agentes públicos e privados. Um dos depoimentos mais impressionantes da investigação foi concedido pela advogada Bruna Morata, representante de um conjunto de médicos que fizeram um dossiê contra a empresa. O depoimento da advogada indica ações criminosas da Prevent Senior, no caso de serem confirmadas judicialmente, pois indicam uma atitude perversa sob a lógica "deixar morrer" e desocupar leitos. Segundo a advogada:

Pacientes internados em determinadas unidades de terapia intensiva, cuja internação tivesse mais de 10 ou 14 dias, a esses pacientes o procedimento indicado era a redução da oxigenação (...). Segundo informações dos médicos, evoluíram para óbito na própria UTI. Então, havia uma liberação de leitos. A expressão que ouvi ser muitas vezes utilizada é: "Óbito também é alta" (UOL, 2021).

Com base nisso, a empresa que se posicionava como apoiadora do "empoderamento do Adulto+" (PREVENT SENIOR, 2019) em uma comunicação publicitária, também foi a empresa indiciada por comportamentos criminosos como experimento de medicamentos em pacientes, muitos sem o consentimento de seus familiares; negligência médica; omissão de notificações e homicídio. É importante ressaltar que os idosos foram as principais vítimas das ações criminosas da Prevent Senior e também da condução catastrófica da gestão da pandemia no Brasil pelo governo federal.

Esse caso é sintomático da gestão necropolítica e das ambições cínicas de agentes públicos e privados de colocar o lucro, os interesses financeiros, acima da vida humana. Assim, alguns sentidos acerca da velhice, conferidos desde o processo de modernização da sociedade, voltados para a classificação dos sujeitos conforme a sua produtividade, são expandidos em uma lógica de extermínio por uma empresa contemporânea.

Um exemplo que evidencia o quanto a população idosa está desamparada na sociedade brasileira é o caso dos beneficiários do plano de saúde da Prevent Senior, que realizaram um abaixo assinado solicitando aos gestores públicos "maior responsabilidade" nas apurações e divulgações sobre o caso (CHANGE, 2021). A

preocupação dos beneficiários é que isso afete a prestação de serviços ou que percam o convênio médico. O manifesto surgiu de um grupo no Facebook, criado em 2012 e denominado “Amigos da Prevent”, que conta com mais de cinquenta mil clientes da Prevent Senior. Uma das suas coordenadoras, Maria Cândida Quintale, concedeu um depoimento acerca da criação do manifesto:

Os integrantes do grupo são aposentados e não têm condições de pagar outro convênio. Nosso objetivo não é defender, nem acusar a Prevent Senior, inclusive porque ela sequer precisa disso e já deve ter uma equipe de advogados. O objetivo é só pedir que não esqueçam de nós. Não queremos perder o convênio (G1, 2021c, grifos nossos).

A partir do trecho acima, analisa-se a situação de temor desse público, que é carente de alternativas de planos de saúde privados, já que a Prevent Senior é uma das únicas a oferecer um plano de saúde na faixa de preço de, em média, oitocentos reais. Ademais, essa população teme recorrer à saúde pública, que vem sofrendo um desmonte nos últimos anos com a redução e congelamento de verbas. O desejo desesperado de que “não esqueçam de nós” evidencia a situação de invisibilidade dessa população quando relacionada a direitos básicos, como a proteção da vida e da saúde. Assim, para que não se sintam desamparados, os assinantes do manifesto precisam manter um plano de saúde que foi acusado de matar seus próprios pacientes.

A pandemia explicita o caráter falacioso e cínico do discurso da velhice bem-sucedida, já que, diante de uma situação de calamidade pública, não há muita distinção entre os “bons” e “maus” velhos, ainda mais em uma doença que atinge cada metabolismo de uma forma diferente. Então, mesmo um sujeito que buscou os sentidos da denominada “boa” velhice, mantendo-se um sujeito produtivo, conforme os ideais neoliberais, ainda terá “menor valor” sob a ótica perversa do “sacrifício humano” e “cálculo econômico”. Essa lógica demonstrou-se presente em diferentes instâncias como a ciência, o poder público e a iniciativa privada, evidenciando o cinismo do discurso da velhice bem-sucedida, o descaso e o agenciamento necropolítico voltado para esses sujeitos.

A partir do modo como a racionalidade neoliberal afeta os processos subjetivos e toda uma lógica de funcionamento da sociedade, observa-se que a dinâmica do “cálculo econômico” compõe fundamentalmente a forma como a vida e

a morte são geridas, principalmente a dos mais velhos. Aquele que, nos regimes de soberania, detinha o poder de “fazer” morrer, pode ser representado na contemporaneidade por um diretor de hospital que considera a “liberação rápida” de um leito como algo mais importante do que a premissa ética básica de assegurar a vida humana em primeiro lugar. Percebe-se, então, que os anseios perversos dos cientistas da ficção “Tempo”, de realizar testes com humanos e matar suas cobaias para vender medicamentos, estão mais próximos da realidade do que o desejado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado nos capítulos, foi possível observar o processo de emergência do discurso da velhice “bem-sucedida” na contemporaneidade. Esse modelo de velhice emerge na contemporaneidade e está se consolidando como um discurso hegemônico acerca da velhice. Esse é um discurso criado pelos saberes médicos que apresenta uma carga moral desde a sua concepção ao ter como anseio a noção de um modelo “otimizado” e de “alta função” de velhice. Sendo assim, um discurso moralizante que divide os sujeitos entre “bons” e “maus” idosos segundo características como autonomia, atividade, estado corporal, saúde e produtividade. Esses valores são intrínsecos à racionalidade neoliberal que engendra as subjetividades contemporâneas ocidentais e que estimula essa cruel razão moral de “merecedores” e “fracassados”.

Os veículos midiáticos propagam constantemente essa lógica por meio de “histórias de sucesso” de velhos valorizados socialmente como “merecedores”. Em seus discursos, engendram um entendimento de que esse caminho depende somente do “empenho” de cada um, uma falácia que ganha contornos de verdade ao ser amparada e estimulada pela tríade do mercado, mídia e tecnociência. Desse modo, percebe-se uma pedagogização de um tipo de modo de vida moralmente privilegiado em que o sujeito é incentivado a gerir o seu próprio processo de envelhecimento seguindo uma série de recomendações de alimentação, exercícios físicos, atividades de lazer e gestão de riscos, a fim de conseguir uma velhice tida como “bem-sucedida”. Caso não atinja esse ideal de “sucesso” em sua velhice, nota-se a responsabilização do indivíduo por não ter feito a gestão de riscos e a moderação dos seus comportamentos de uma forma “sucedida”. Com base nisso, o sentido de “fracasso” é ancorada a esses sujeitos, como se fossem “perdedores” na jornada apresentada como heróica do sujeito velho empreendedor de si.

Essa gestão de um projeto para a velhice é estimulada desde a juventude, quando o sujeito deve gerir os riscos e moderar suas escolhas e comportamentos visando uma velhice moralmente valorizada em seu futuro. Assim como o ideário de felicidade apresentado por Birman (2010), é importante ressaltar que esse projeto de velhice possui um “público-alvo” específico: as classes médias e altas da sociedade.

Não por acaso, esse também é o público de maior interesse do mercado financeiro e de consumo. Na velhice, a gestão de riscos também é incentivada, pois inúmeros riscos circundam os idosos: risco de queda, de necessidade de auxílio médico, de sentimentos como solidão ou abandono. Para essas necessidades, o denominado “mercado prateado” tem desenvolvido uma série de produtos como “botão de pânico” ou “robôs de companhia”. Assim, há um constante esforço neoliberal de extrair lucros de produtos e serviços voltados para esse público.

Ao longo deste trabalho, foram analisadas as continuidades e descontinuidades de sentidos agenciados à velhice na contemporaneidade e na modernidade. Cabe reforçar que a presente análise não buscou apontar ou diagnosticar em qual regime de poder as condições de envelhecer foram “melhores” ou “piores”, uma vez que cada um tem as suas liberações e sujeições, conforme apontou Deleuze (1992). Dessa maneira, o gesto genealógico traçado buscou investigar as condições de existência do fenômeno da velhice na contemporaneidade, a fim de investigar sentidos cristalizados no senso comum na sociedade contemporânea e abrir brechas de novos horizontes e possibilidades para a velhice.

Um dos pontos analisados foi a produção de dispositivos de diferenciação na sociedade moderna que passaram a classificar e conceber papéis distintos para diferentes fases da vida, dentre elas a velhice. Essa etapa emergiu na modernidade como uma fase com sentidos próprios, bem como com uma normatização em termos de vestimentas, hábitos e função social, cujos valores são tanto efeito como instrumento dos mecanismos de poder da disciplina e da biopolítica que organizaram, classificaram e extraíram as forças produtivas dos sujeitos modernos.

As relações de poder-saber do capitalismo mudaram as concepções e a experiência do envelhecer na sociedade moderna, em que os indivíduos passaram a ser “mensurados” e “categorizados” a partir da sua capacidade produtiva e acumulação de bens. Esses critérios definiam se esses sujeitos seriam respeitados ou relegados ao descaso da pobreza e à falta de assistência social, econômica e de um papel simbólico. Os saberes modernos concederam “embasamento” para a associação da velhice a uma degradação moral, uma vez que a produção científica

acerca da temática ancorou essa etapa da vida a uma decadência física e moral a partir de noções biológicas de “declínio” e “involução”.

No contemporâneo, houve um deslocamento de sentidos acerca da velhice. O regime de visibilidade agencia a velhice a uma espécie de proliferação midiática desses sujeitos, estando presentes de forma mais evidente em filmes, séries, propagandas e outros produtos culturais. Há também uma proliferação discursiva acerca do envelhecimento “bem-sucedido” como um modelo de velhice prestigiado e valorizado na sociedade. A partir desse modelo de envelhecimento bem-sucedido, configura-se um sentido de velhice produtiva, uma vez que o sujeito velho “valorizado” socialmente é aquele que constitui sua subjetividade com valores agenciados à juventude com produtividade, atividade e autonomia. Contudo, é possível constatar que a velhice “bem-sucedida” não produz um reforço da velhice como uma etapa de vida com suas particularidades e potencialidades, mas sim uma espécie de “culto à juventude” independentemente de sua idade. Assim, por meio de um discurso com uma roupagem de uma velhice repleta de felicidade, saúde, atividade e realização, engendra-se também que a produtividade do trabalho como uma garantia econômica, de saúde e de autonomia é digna de mérito social. Desse modo, opera o cinismo da racionalidade neoliberal que explora os indivíduos em um discurso que passa a ser desejado e valorizado socialmente.

Com base nessas noções, observa-se o cinismo implícito nesses discursos de velhice “bem-sucedida” na contemporaneidade, pois condiciona-se a uma existência que deve afastar a velhice o quanto for possível. Esse esforço é dirigido, principalmente, aos modos de velhice que não foram “bem-sucedidos”, ou seja, que se afastaram dos aspectos e valores da juventude como a produtividade, a atividade, a noção de saúde e, no limite, a velhice com doenças, “responsável” por prejuízos aos cofres públicos e empresas privadas. As práticas biopolíticas engendradas pela tecnociência refletem esse anseio pelo “afastamento da velhice” ou até mesmo pela sua extinção, sendo visto por alguns cientistas como uma doença, e que é apenas uma “questão de tempo” até a possibilidade de uma vida em que os sujeitos serão “eternamente jovens”.

As ambições fáusticas contemporâneas da racionalidade neoliberal visam um sujeito extremamente “otimizado”, cuja performance exalte atividade, juventude,

saúde e produtividade. As tecnociências contemporâneas concebem o processo natural de envelhecimento do corpo como uma falha inscrita em suas moléculas, um “erro” que em breve será “solucionado”. Devido a isso, um corpo que envelhece na contemporaneidade com as transformações corporais decorrentes da velhice, com as modificações na forma de como experiencia o mundo e a noção de temporalidade, é visto como uma “afronta” à racionalidade de performance 24/7, contínua e ilimitada, que pretende “otimizar” e “controlar” o corpo em suas microscópicas partículas.

O cinismo engendrado à velhice na racionalidade neoliberal também se demonstra presente nos interesses de empresas, indústrias e corporações que visualizam na velhice um excelente “público-alvo” para seus produtos e serviços. É importante também problematizar essas noções de uma velhice apontada como “um peso” para o Estado ou como “oportunidade” para lucro financeiro de empresas privadas, que ignoram princípios éticos básicos. Com base nisso, a racionalidade neoliberal estimula a concepção dos indivíduos por meio de uma lógica econômica em que deve gerar mais “lucros” do que “despesas”.

Em meio a essa racionalidade neoliberal, desvela-se a propagação da noção do sujeito empresário de si, que deve ser autônomo ao gerir o seu processo de envelhecimento de forma a atingir o modelo de velhice “bem-sucedida”. Em vista disso, percebe-se o processo de reprivatização do envelhecimento (DEBERT, 2004) em que o sujeito é responsabilizado pela gestão de sua velhice. As políticas públicas e a garantia de direitos básicos aos velhos estão, dia após dia, correndo maior risco por causa do esforço para engendrar o processo de envelhecimento como uma “responsabilidade” individual ou da família. Assim, conforme propõe a racionalidade neoliberal, cabe a esses sujeitos o cuidado e a garantia de proteção ao idoso.

A pandemia de Covid-19 é um acontecimento relevante para pensar as relações de saber-poder na contemporaneidade. Uma tragédia que acelerou alguns aspectos do funcionamento da racionalidade neoliberal e dos sentidos imputados ao envelhecimento. Os idosos foram classificados como um dos principais “grupos de risco” para a doença que matou mais de 600 mil pessoas no Brasil, dentre elas mais de 65% pessoas com mais de 60 anos (PODER360, 2021). Diante da pandemia, foram acionados os mecanismos de poder da biopolítica e necropolítica, evidentes

em uma lógica de contraposição entre o cuidado e preservação da vida e a manutenção da economia. Sendo assim, emergiu uma espécie de “classificação” da vida humana entre quais podiam e podem ser abandonadas e dispensadas visando uma suposta proteção da economia em meio a uma situação de calamidade pública. Nessa espécie de “cálculo econômico” que gere a vida e a morte em meio a uma pandemia, a vida dos sujeitos velhos é ancorada a uma visão de “menor valor” e também como uma população que gera mais “custos” aos cofres públicos.

Com base no que foi abordado, a pandemia de Covid-19 escancara o cinismo e uma lógica tácita de gestão de vida e de mortes da racionalidade neoliberal. O processo de privatização da velhice foi reforçado com a desresponsabilização do poder público em relação aos cuidados do idoso, que poderia contar somente consigo ou com seus familiares para a sua proteção. Isso posto, é importante analisar o movimento em curso de disputas discursivas acerca da velhice na contemporaneidade. Mediante ao estigma do “grupo de risco”, as ambições tecnocientíficas de “retardar” ou “extinguir” a velhice podem ganhar mais apoio e celeridade.

A partir dessas noções, é possível constatar que o fenômeno da velhice na contemporaneidade exige um olhar atento, que capte a complexidade que está em jogo em um movimento de constantes disputas pelos discursos e sentidos acerca da velhice. Nessa pesquisa, debruçamos-nos sobre a noção de uma velhice “bem-sucedida” observando a sua emergência, seu discurso moral e a sua intrínseca relação com a racionalidade neoliberal. A partir disso, há inúmeros aspectos da vivência do envelhecer que podem ser investigados em futuras pesquisas.

Pensar na velhice na contemporaneidade e em outros tempos históricos é pensar no porvir de cada um – realidade que é pouco refletida, constantemente capturada pelas alegrias do marketing e mascarada pelas sedutoras imagens das publicidades. Por isso, é necessário refletir acerca da velhice em seus discursos e formas de governamentalidade traçando recortes de diferentes classes sociais, raças e gêneros para visualizar formas de velhice bem distantes do modelo idealizado e tido como “bem-sucedido”.

Somente refletindo acerca desses jogos de verdades e da moralidade dos discursos conferidos à velhice na contemporaneidade é que se pode pensar em outras formas de envelhecer. Sendo essas, vivências que são “ofuscadas” pela proliferação midiática do modelo de velhice “bem-sucedida” e acabam invisibilizadas. Modos de viver a velhice que podem ser criados como alternativas, rotas de fuga aos rápidos “tentáculos” da racionalidade neoliberal em expansão na contemporaneidade.

Uma das continuidades de sentidos analisados na genealogia traçada foi a associação entre a produtividade e a velhice. Essa lógica estimulou e supôs uma visão da velhice como uma degradação moral. Na contemporaneidade, a racionalidade agenciada à velhice é a do desempenho, de um sujeito que deve buscar constantes “melhorias” e manter a sua capacidade produtiva na velhice, seja de forma remunerada ou não. Beauvoir (2018) denunciou o processo de exclusão da vida social à medida que os sujeitos perdem sua capacidade produtiva, tornando-se “destroços”, e complementa:

A velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização. É o homem inteiro que é preciso refazer, são todas as relações entre os homens que é preciso recriar se quisermos que a condição do velho seja aceitável. Um homem não deveria chegar ao fim da vida com as mãos vazias e solitário (BEAUVOIR, 2018, p. 563).

Desde essa denúncia de Beauvoir, escrita em 1970, as condições da população velha transformaram-se em inúmeros países. No Brasil, em 2003, criou-se o Estatuto do Idoso, que estabelece uma série de garantias e direitos dessa população. Contudo, esses sujeitos, principalmente de determinadas classes sociais, raça e gênero, continuam sendo marginalizados e negligenciados na sociedade atual. A falácia do discurso da velhice “bem-sucedida” além de ser pensado para as classes médias e de elite está distante de grande parte da população idosa, que trabalha durante toda a sua vida para conseguir um valor mínimo de aposentadoria pública. Assim, apropriando-se do pensamento de Beauvoir, a velhice na sociedade contemporânea denuncia o fracasso da racionalidade neoliberal e de suas formas de governamentalidade.

Diante da amplitude da racionalidade neoliberal e seu agenciamento nos processos subjetivos contemporâneos, é necessário um esforço para imaginar

possibilidades de ruptura com essa lógica. Dardot e Laval (2016) apontam a necessidade de formas de processos subjetivos alternativos ao modelo do empresário de si, sendo esse esforço uma tarefa individual, não no sentido individualista e sim da construção de si, e também coletiva. Foucault (1985, 2019b) encontra nas sociedades greco-romanas formas desse exercício individual que podem auxiliar na invenção de novos possíveis para a velhice. O autor assinala a ética, maneira de ser e de conduzir-se, como uma estética da existência em busca de inventar a si mesmo como uma obra de arte, não sendo escravo dos outros e nem de si mesmo. Nessa invenção de si mesmo, o sujeito deve conhecer e cuidar de si, em um movimento de “descobrir a que estão sendo levados a servir” (DELEUZE, 1992, p. 226).

A pesquisadora Silvana Tótorá (2013) instiga um olhar para a velhice muito além de uma doença ou de um período demarcado por perdas, conforme constantemente abordado pela mídia, e convida a pensar a velhice como uma potência de vida, uma fase aberta à invenção de novos possíveis. Inventar a si mesmo como uma obra de arte é um exercício árduo e diário, que consiste na construção ética dos valores e problematização dos modos de sujeição de si estimulados, supostos e propostos pelos mecanismos de poder-saber.

Construir novos horizontes para a velhice é uma demanda coletiva para sujeitos de diferentes idades. Somente refletindo acerca da vida, sua finitude e construindo-se enquanto sujeito ético será possível perceber e combater os cinismos e constantes movimentos da racionalidade neoliberal para instrumentalizar a velhice. Assim, será possível desejar e criar uma velhice fora dos cínicos moldes do “ativo”, “bem-sucedido”, “saudável” ou da “melhor idade” e visualizá-la em toda a sua potência de vida.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 9–16, 2005. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>. Acesso em: 24 nov. 2020.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio De Janeiro: Editora LTC, 1986.

BAND. **"Tempo" novo filme de M. Night Shyamalan**. 2021. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/band-vale/noticias/bandx-tempo-novo-filme-de-m.-night-shyamalan-16361183>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BBC. Envelhecer é uma doença que pode ser curada, diz cientista de Harvard. **BBC News Brasil**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58740951>. Acesso em: 18 nov. 2021.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 2. ed. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. In: LÖWY, Michael (org.). **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 15-17.

BENSUNSAN, Hilan. **"E daí? Todo mundo morre" A morte depois da pandemia e a banalidade da necropolítica**. | N-1 Edições. 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/6>.

BEZERRA, Benilton. Ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

BIRMAN, Joel. A terceira idade em questão. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC). **A terceira idade: estudos sobre o envelhecimento**. São Paulo. 1988. p. 50-68.

BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BIRMAN, Joel. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 1267–1282, 2015. DOI: 10.1590/s0104-59702015000400007. Acesso em: 8 nov. 2020.

BRUNO, Fernanda. **Modos de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CANAL LONGEVIDADE SAUDÁVEL. **É tempo de decidir: Como você quer**

envelhecer?. 2013. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=QgrQkIC5eeU>. Acesso em: 1 out. 2021.

CANALTECH. **Empresa promete rejuvenescimento de 20 anos e preocupa cientistas**. 2019. Disponível em:
<https://canaltech.com.br/saude/empresa-promete-rejuvenescimento-de-20-anos-e-preocupa-cientistas-157169/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

CHANGE. **Manifesto dos Beneficiários Prevent Senior**. 2021. Disponível em:
<https://www.change.org/p/minist%C3%A9rio-p%C3%BAblico-manifesto-dos-benefici%C3%A1rios-prevent-senior>. Acesso em: 25 dez. 2021.

COCOON: Direção: Ron Howard [s.l.] : Fox Film Corporation, 1985.

CONSUMIDOR BOSSA NOVA. **Revista IstoÉ aborda mercado de terceira idade**. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2VRItB0>. Acesso em: 19 set. 2021.

CQCS. **Jane Fonda dá receita da longevidade: “Viva o melhor da vida...e poupe” | CQCS - Centro de Qualificação do Corretor de Seguros**. 2012. Disponível em:
<https://www.cqcs.com.br/noticia/jane-fonda-da-receita-da-longevidade-viva-o-melhor-da-vidae-poupe/>. Acesso em: 25 out. 2021.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

DEBERT, G. G.. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, SÃO PAULO, v. 12, n.34, p. 39-56, 1997.

DEBERT, Guita Grin. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-68.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora Da Universidade De São Paulo, 2004.

DE GREY, Aubrey; RAE, Michael. **O fim do envelhecimento: os avanços que poderiam reverter o envelhecimento humano durante nossa vida**. Valinhos: NTZ, 2018.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 219–226.

EBC. **Saiba quais são os cuidados com os idosos no verão**. 2020. Disponível

em:

<https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional/2020/01/saiba-quais-sao-os-cuidados-com-os-idosos-no-verao>. Acesso em: 10 out. 2021.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: Da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ed. Ideias e Letras, 2010.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos seguido de “envelhecer e morrer.”** Rio De Janeiro: Zahar, 2001.

EL PAÍS. **A draconiana “rotina de beleza” de Jennifer Aniston confirma que não existem os segredos de beleza.** 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/estilo/2021-08-24/a-draconiana-rotina-de-beleza-de-jennifer-aniston-confirma-que-nao-existem-os-segredos-de-beleza.html>. Acesso em: 25 out. 2021.

EL PAÍS. **“Os ‘Millennials’ perceberam que a meritocracia não existe, não importa o quanto você se esforce.”** 2021b. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/smoda/2021-10-26/os-millennials-perceberam-que-a-meritocracia-nao-existe-nao-importa-o-quanto-voce-se-esforce.html>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Ele acredita que a inteligência artificial pode ajudar as pessoas a viverem mil anos.** 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/07/ele-acredita-que-inteligencia-artificial-pode-ajudar-pessoas-viverem-mil-anos.html>. Acesso em: 1 nov. 2020.

ÉPOCA NEGÓCIOS. **Empresa promete terapia genética para desfazer o envelhecimento, por US\$ 1 milhão.** 2019b. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/12/empresa-promete-terapia-genetica-para-desfazer-o-envelhecimento-por-us-1-milhao.html>. Acesso em: 14 nov. 2020.

ESTADO DE MINAS. **Janaína Paschoal: “As vidas daqueles que viveram menos me preocupam mais.”** 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/27/interna_politica,1251277/janaína-paschoal-as-vidas-daquelles-que-viveram-menos-me-preocupam-mais.shtml. Acesso em: 13 dez. 2021.

ESTADO DE MINAS. **“Famílias que cuidem de seus idosos”, diz Bolsonaro sobre abrir comércio.** 2020. Disponível em: “Famílias que cuidem de seus idosos”, diz Bolsonaro sobre abrir comércio. Acesso em: 16 dez. 2021.

ESTADÃO. **Por que velhice é doença segundo a OMS? • Summit Saúde.** 2021. Disponível em: <https://summitsaude.estadao.com.br/saude-humanizada/por-que-velhice-e-doenca-segundo-a-oms/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

ESTÉVEZ, Ariadna. Biopolítica y necropolítica: ¿constitutivos u opuestos? **Espiral estudios sobre Estado y sociedad**, [S. l.], v. 25, n. 73, p. 9–43, 2018. DOI: 10.32870/espiral.v25i73.7017.g6149. Acesso em: 12 dez. 2021.

EXAME. **A nova aposentadoria: O que você e ele têm em comum.** 2017. Disponível em: <https://exame.com/edicoes/1129/>. Acesso em: 26 out. 2021.

EXAME. **Mais aposentados trabalham após os 65 anos (e são felizes também).** 2017b. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/mais-aposentados-trabalham-apos-os-65-anos-e-sao-felizes-tambem/>. Acesso em: 26 out. 2021.

EXAME. **Prevent Senior resulta de um plano que ficou maduro em 20 anos.** 2017c. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/um-plano-que-ficou-maduro-em-20-anos/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

FCDL GO. **52% dos idosos são os principais responsáveis pelo sustento da casa.** 2021. Disponível em: <https://www.fcdlgo.com.br/52-dos-idosos-sao-os-principais-responsaveis-pelo-sustento-da-casa/>. Acesso em: 14 jan. 2022.

FDC. **FDC Longevidade Negócios.** 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1wISirp8xObpOxzle22gr5kv71vASg0zK/view>. Acesso em: 11 jan. 2022.

FISHER, Rosa Maria Bueno. **Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura.** Currículo sem Fronteiras, v. 2, n. 1, p. 41-54, jan/jun 2002. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss1articles/rosa.pdf>>. Acesso em: 20 de nov. 2020.

FONDA, Jane. **O melhor momento: aproveitando ao máximo toda a sua vida.** São Paulo: Paralela, 2012.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade – curso no Collège de France (1975-1976).** São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso : aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia.** Rio De Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. Disponível em: <https://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault-doenca-mental-e-psicologia.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na Idade Clássica.** São Paulo: Perspectiva, 2017b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 8ª. ed. Rio De

Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III : o cuidado de si**. Rio De Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir : nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. 2 ed. Manoel B. da Motta (Org.) e Tradução Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos IV).

FOUCAULT, Michel. O que são as luzes? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 335-351.

FOUCAULT, Michel. Technologies of the Self. In: MARTIN, Luther; GUTMAN, Huck; HUTTON, Patrick (orgs.) **Technologies of the Self: a seminar with Michel Foucault**. Massachusetts: The University of Massachusetts Press, 1988. p.16-49.

FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

FREIRE FILHO, João. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. **Revista ECO-Pós**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2009.

G1. **Especialistas atualizam projeções sobre o envelhecimento**. 2020. Disponível em:
<https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2020/08/11/especialistas-atualizam-projecoes-sobre-o-envelhecimento.ghtml>. Acesso em: 28 dez. 2021.

G1. **Idosa de 101 anos entrega currículo em empresa do interior de SP e caso viraliza na web: “Para ajudar um pouco.”** 2021. Disponível em:
<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2021/02/13/idosa-de-101-anos-entrega-curriculo-em-empresa-do-interior-de-sp-e-caso-viraliza-na-web-para-ajudar-um-pouco.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2021.

G1. **Mapa da Desigualdade: morador de Cidade Tiradentes vive em média 23 anos a menos que o de Moema em SP**. 2019. Disponível em:
<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/11/05/mapa-da-desigualdade-morador-de-cidade-tiradentes-vive-em-media-23-anos-a-menos-que-o-de-moema-em-sp.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2021.

G1. **Prevent Senior: como plano de saúde investigado cresceu como “única alternativa” para idosos**. 2021b. Disponível em:
<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/09/28/prevent-senior-como-plano-de-sau>

de-investigado-cresceu-como-unica-alternativa-para-idosos.ghtml. Acesso em: 17 dez. 2021.

G1. **Expectativa de vida do brasileiro ao nascer foi de 76 anos em 2017, diz IBGE.** 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2018/11/29/expectativa-de-vida-do-brasileiro-a-o-nascer-foi-de-76-anos-em-2017-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 28 mar. 2020.

G1. **Só 30% do envelhecimento é genético; 70% são hábitos de vida.** 2016. Disponível em:

<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2016/11/so-30-do-envelhecimento-e-genetico-70-sao-habitos-de-vida.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

G1. **Temendo perder convênio, beneficiários da Prevent Senior fazem manifesto: “não esqueçam de nós.”** 2021c. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/28/temendo-perder-convenio-beneficiarios-da-prevent-senior-fazem-manifesto-nao-esquecam-de-nos.ghtml>. Acesso em: 25 dez. 2021.

G1. **“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; “Sou Messias, mas não faço milagre.”** 2020b. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-e-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>.

GENNARI, Adilson Marques; OLIVEIRA, Roberson De. **História do pensamento econômico.** São Paulo: Saraiva, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice.** Rio De Janeiro: Editora Record, 2013.

GOOGLE. **É hora de aposentar seu conceito de “velho”: dados e insights sobre os seniores do Brasil.** 2019. Disponível em:

<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/e-hora-de-aposentar-seu-conceito-de-velho-dados-e-insights-sobre-os-seniores-do-brasil/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos.** São Paulo: Editora 34, 1998.

HAN, Byung-Chul. **Por que hoje a revolução não é possível?** 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/22/opinion/1411396771_691913.html. Acesso em: 12 nov. 2021.

HELPAGE INTERNATIONAL. **Helping older people live full and secure lives | Age helps | Global AgeWatch Index 2015.** 2015. Disponível em:

<https://www.helpage.org/global-agewatch/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

IG. **Guedes critica aumento da expectativa de vida: 'Todo mundo quer viver 100 anos'.** 2021. Disponível em:

<https://economia.ig.com.br/2021-04-27/paulo-guedes-aumento-expectativa-de-vida.html>. Acesso em: 13 nov. 2021.

ISTOÉ. **Envelhecer bem**. 2011. Disponível em: https://istoe.com.br/139317_ENVELHECER+BEM/. Acesso em: 18 set. 2021.

ISTOÉ DINHEIRO. **Exército americano vai testar pílula anti-envelhecimento no próximo anos**. 2021. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/exercito-americano-vai-testar-pilula-anti-envelhecimento-no-proximo-anos/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

KATZ, Stephen. **Disciplining old age : the formation of gerontological knowledge**. Charlottesville, Va. ; London: University Press Of Virginia, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LAVAL, Christian. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. São Paulo: Elefante, 2020.

LENOIR, Rémi. **Transformations des rapports entre générations et apparition du troisième âge**. Paris, EHESS, 1977. v. 1.

MARTINS, Hermínio. Tecnologia, modernidade e política. *In: Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Século XXI, 1996.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da “necropolítica.”** 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>. Acesso em: 13 dez. 2021.

MERCADORES da Dúvida. Direção de Robert Kenner. [S.l.]: Sony Pictures, 2015. (133 min.), color.

METRÓPOLES. **Veja os segredos de cientista de Harvard para reverter o envelhecimento**. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/claudia-meireles/veja-os-segredos-de-cientista-de-harvard-para-reverter-o-envelhecimento>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MICHAELIS. **Cinismo**. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cinismo/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

MIGALHAS. **Governo lança campanha “O Brasil não pode parar.”** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hQQZE7LQIGk>. Acesso em: 11 dez. 2021.

MINOIS, Georges. **History of old age: from Antiquity to the Renaissance**. Cambridge: Polity Press, 1989.

MIT TECHNOLOGY REVIEW. **Conheça a Altos Labs, a aposta ousada mais recente do Vale do Silício para viver eternamente - MIT Technology Review**.

2021. Disponível em:

<https://mittechreview.com.br/conheca-a-altos-labs-a-aposta-ousada-mais-recente-do-vale-do-silicio-para-viver-eternamente/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

NSC. “**Brasil não pode parar por 5 ou 7 mil que vão morrer**”, diz dono do **Madero**. 2020. Disponível em:

<https://www.nsctotal.com.br/colunistas/dagmara-spautz/brasil-nao-pode-parar-por-5-ou-7-mil-que-vaio-morrer-diz-dono-do-madero>. Acesso em: 16 dez. 2021.

O CASO Prevent Senior. Direção de Álvaro Pereira Júnior. Roteiro: Gabriel Mitani. [S.l.]: Globoplay, 2021. Colorido. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/10131649/programa/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

OMS. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

OMS. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. [s.l.] : Organização Mundial da Saúde, 2015. Disponível em:

https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf. Acesso em: 13 dez. 2021.

ONUBR. **Pessoas com mais de 60 anos são mais atingidas pela COVID-19 nas Américas | As Nações Unidas no Brasil**. 2020. Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/93559-pessoas-com-mais-de-60-anos-sao-mais-atingidas-pela-covid-19-nas-americas>. Acesso em: 28 dez. 2021.

OPAS. **Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030) - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde**. 2020. Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>.

ORTEGA, Francisco. **O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea**, Rio de Janeiro, Garamond, 2008, p. 256.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade.... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.).

Velhice ou terceira idade? estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 69-84.

PELBART, Peter Pál. **espectros da catástrofe | N-1 Edições**. 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/129>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PESSOA, Mirella Ramos Costa. **Faces do futuro: imagens da velhice no regime de visibilidade contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília. Orientadora: Cláudia Linhares Sanz. Brasília, 2020, 121 p.

PODER360. **Conheça a faixa etária dos mortos por covid no Brasil e em mais 4 países**. 2021. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/coronavirus/conheca-a-faixa-etaria-dos-mortos-por-covid-no-brasil-e-em-mais-4-paises/>. Acesso em: 26 nov. 2021.

PRECIADO, Paul B. **Aprendendo do vírus | N-1 Edições**. 2020. Disponível em:

<https://www.n-1edicoes.org/textos/26>. Acesso em: 9 out. 2020.

PREVENT SENIOR. **Acreditamos no empoderamento do Adulto+**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=72bjDfOqB2c>. Acesso em: 18 dez. 2021.

PUCRS. **UNATI #2 - Só é Velho Quem Quer**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zn2IE5y5lnU>. Acesso em: 29 out. 2021.

REVISTA PERSEUS. **Alfred Tennyson: “Títono.”** 2020. Disponível em: <https://revistaperseus.com.br/outroagora/alfred-tennyson-titono/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ROQUE, Tatiana; BRUNO, Fernanda. **Fenômeno da pós-verdade transforma os consensos já estabelecidos**. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/fenomeno-da-pos-verdade-transforma-os-consensos-ja-estabelecidos.shtml?fbclid=IwAR3D2HlrPAPbdQmUzX4iEmq7-emZUDicWzKJBl7asb6xLz0664LWAUfBD0>. Acesso em: 12 nov. 2021.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2013.

ROWE, John W.; KAHN, Robert L. Successful Aging. **The Forum**, [S. l.], v. 37, n. 4, p. 433, 1997.

SAFATLE, Vladimir. **Para além da necropolítica**. 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/191>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SAIS, Almir Pedro. **Dispositivo de velhice: uma analítica interpretativa**. 2011. 98 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SANDEL, Michael J. **A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SANZ, Claudia Linhares; PESSOA, Mirella. Imagens do futuro: risco e responsabilização na gerência neoliberal do amanhã. **Tempo Social**, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 257–277, 2020. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2020.160462. Acesso em: 1 nov. 2021.

SBCP. **Líder Mundial – Blog da SBCP**. 2020. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/blog/2020/02/13/lider-mundial/>.

SEGS. **A polêmica inclusão de velhice na CID-11 e seu impacto no mercado securitário**. 2021. Disponível em: <https://www.segs.com.br/seguuros/313212-a-polemica-inclusao-de-velhice-na-cid-11-e-seu-impacto-no-mercado-securitario>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SENS. **Intro to SENS Research - SENS Research Foundation**. 2020. Disponível em: <https://www.sens.org/our-research/intro-to-sens-research/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

SHEK, Daniel T. L. Quality of Life in East Asia: The Case of Hong Kong. In: LAND, Kenneth C. et al. (Edts.). **Handbook of social indicators and quality of life research**. New York: Springer, 2012. p. 473-498.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. *In: Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 83–108.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico : a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. 2. ed. Rio De Janeiro: Contraponto, 2015.

SIBILIA, Paula. **O show do eu : a intimidade como espetáculo**. Rio De Janeiro: Contraponto, 2016.

SIBILIA, Paula; JORGE, Marianna Ferreira. **O neoliberalismo e o novo regime de credibilidade**. [S.I.], 2021. Color. Vídeo de apoio à disciplina "Tecnologias da comunicação e subjetividade" lecionada na UFRJ. Disponível em: <https://prezi.com/view/4H0o4DjYuxmz3HE7QN/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SIBILIA, Paula. TODA NUDEZ SERÁ CAPITALIZADA: Da hipocrisia ao cinismo?. In: ANAIS DO 30º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2021, São Paulo. **Anais eletrônicos**. Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: Acesso em: 12 nov. 2021.

SINGER, B. "Modernidade, hiperestímulo e início do sensacionalismo popular". In: Leo Charney; Vanessa R. Schwartz. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SWIFT, Jonathan. **As viagens de Gulliver**. São Paulo: Editora SOL, 2006.

TEMPO. Direção de M. Night Shyamalan. Estados Unidos: Universal Pictures, 2021. Colorido.

THE SUN. **Anti-lockdown protester wields vile "Sacrifice the weak" poster at ReOpen Tennessee rally**. 2020. Disponível em: <https://www.the-sun.com/news/724137/anti-lockdown-protester-tennessee-rally/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

TÓTORA, Silvana. Genealogia da velhice. **Revista Ecopolítica**, São Paulo, n.6, mai-ago, pp. 2-18, 2013.

UOL. **8 atitudes que ajudam a ter longevidade, mas adotamos menos ao envelhecer**. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2019/11/21/8-atitudes-que-garante-m-longevidade-mas-que-fazemos-menos-ao-envelhecer.htm>. Acesso em: 11 jan. 2022.

UOL. **CPI da Covid ouve Bruna Morato, advogada de médicos da Prevent Senior**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IM3WV8s9EsQ>. Acesso em: 18 dez. 2021.

UOL. **Mudanças na aposentadoria: Entram em vigor novas regras para quem vai se aposentar; veja o que muda para você**. 2019b. Disponível em:

<https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/reforma-da-previdencia-o-que-muda-na-aposentadoria/#page3>. Acesso em: 26 out. 2021.

VALLIAS, Layla. **A longevidade e a economia prateada**. [s.l.] : Congresso de Franquias & Varejo Norte e Nordeste, 2020. Disponível em: <https://www.abf.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Economia-Prateada-Layla-Vallias.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2022.

VAZ, Paulo. Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 37–61, 2006.

VAZ, Paulo. Mídia, moralidade e fatores de risco em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 472–472, 2009. DOI: 10.1590/s0102-311x2009000300001. Acesso em: 5 abr. 2020.

VEJA. **Exército americano cria pílula antienvelhecimento para uso em militares**. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/exercito-americano-cria-pilula-antienvelhecimento-para-uso-em-militares/>. Acesso em: 28 dez. 2021.

VOGUE. **Como o TikTok e o Instagram estão influenciando os Gen Z a usar botox**. 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/beleza/noticia/2021/09/como-o-tiktok-e-o-instagram-estao-influenciando-os-gen-z-usar-botox.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora Pioneira, 1999.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

WOOLF, Virginia. **A arte da brevidade: contos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.